



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

VARLEI RODRIGO DO COUTO

**MARIPOSAS DA NOITE, AMANTES DA ESCURIDÃO:
Prazer e Erotismo na prostituição feminina em Pouso Alegre-MG
(1960-1980)**

**CAMPINAS
2015**

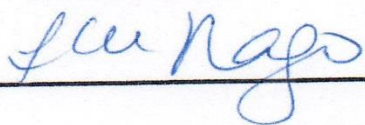
VARLEI RODRIGO DO COUTO

**MARIPOSAS DA NOITE, AMANTES DA ESCURIDÃO: PRAZER E EROTISMO NA
PROSTITUIÇÃO FEMININA EM POUSO ALEGRE-MG (1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de
Mestre em História, na Área História Cultural.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. LUZIA MARGARETH RAGO

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA
PELO ALUNO VARLEI RODRIGO DO COUTO, E
ORIENTADO PELA PROFA. DRA. LUZIA
MARGARETH RAGO.



CAMPINAS

2015

Agência de fomento: CNPq
Nº processo: 133879/2013-5

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

C837m Couto, Varlei Rodrigo do, 1986-
Mariposas da noite, amantes da escuridão : prazer e erotismo na prostituição feminina em Pouso Alegre (1960-1980) / Varlei Rodrigo do Couto. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Luzia Margareth Rago.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Prostituição - Pouso Alegre (MG) - História - 1960-1980. 2. Sexualidade. 3. Erotismo. 4. Prazer. I. Rago, Luzia Margareth, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Mariposas" of the night, lovers of the darkness : pleasure and eroticism in female prostitution in Pouso Alegre (1960-1980)

Palavras-chave em inglês:

Prostitution - Pouso Alegre (MG) - History - 1960-1980

Sexuality

Eroticism

Pleasure

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Luzia Margareth Rago [Orientador]

Priscila Piazzentini Vieira

Maria Rita de Assis César

Data de defesa: 05-08-2015

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 05 de agosto de 2015, considerou o candidato **VARLEI RODRIGO DO COUTO** aprovado.

Profa. Dra. Luzia Margareth Rago

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Luzia Rago", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Maria Rita de Assis César

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Maria Rita de Assis César", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Priscila Piazzentini Vieira

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Priscila Piazzentini Vieira", written over a horizontal line.

Para minha avó Dita, com todo amor e saudade.

Agradecimentos

Teria sido praticamente impossível concluir este trabalho sem a presença de pessoas amigas que me sustentaram, cada qual à sua maneira, nos momentos mais insanos de ansiedade, desesperos, crises, alegrias, felicidades, loucuras. É muito difícil expressar aqui o tamanho da gratidão e do respeito que tenho por cada uma delas. Mais difícil ainda é tentar transformar em poucas palavras todo o afeto e amor que sinto. Mas não poderia deixar de fazê-lo.

Antes de tudo, agradeço à Professora Doutora Margareth Rago, minha orientadora, pela lealdade e amizade de sempre. Margareth é daquelas escassas pessoas que nos fazem nascer várias vezes durante a vida, que constrói pontes e nos permitem a criação. Conheci Margareth em agosto de 2012. Naquela tarde, quando a abordei nos corredores do IFCH, ela carregava uma pilha de livros. Eu era apenas um estudante esperando para assistir, como ouvinte, um curso que ela daria na graduação, sobre Foucault. A historiadora brilhante e provocadora, que até então eu conhecia apenas por meio de seus textos, me recebeu com aquilo que é sua marca registrada: o sorriso. Obrigado, Margareth, não apenas por ter acreditado em mim e em meu trabalho, mas por ter permitido que eu passasse quase três anos da minha vida ao lado de uma mulher tão honesta, sincera, exigente e afetuosa, como é você. Obrigado por todo o respeito e cuidado que teve com o meu trabalho.

À minha mãe Neuza e ao meu pai José pela segurança e amor de sempre.

Aos meus familiares, em especial àqueles que sempre estão próximos a mim, que vibram comigo em qualquer situação, meu muito obrigado.

Ao Marcelo, pelos anos, pela paciência e pelo incondicional incentivo.

Às minhas amigas Fernanda Coutinho, Daniela Lima e Rachel Cintra, por renovarem em mim o sabor do sol e do encontro, por suportarem e estarem sempre comigo, mesmo quando eu não pude estar com elas.

Ao Fernando, amigo querido, obrigado pelas palavras de lucidez, que muitas vezes me irritam profundamente, mas que são sempre carinhosas e verdadeiras.

À Flávia Machado, pela inspiração de sempre, pela amizade e pela confiança, e à Jussara Lima, para além da amizade, por ter cuidadosamente revisado algumas partes deste trabalho, dando valiosas dicas e contribuições.

Ao amigo Jonatas Ribeiro, pelos incentivos, torcidas e alegrias.

Ao amigo e Professor Doutor Lauro Baldini, pelas considerações ímpares feitas na banca de qualificação deste trabalho, e por sempre torcer por mim e estar comigo nos melhores (e mais tensos) momentos.

A todo o grupo de orientandos da Professora Margareth Rago: Marilea de Almeida, Priscila Piasentini Vieira, Maurício Pelegrini, Ana Carolina Murgel, Luana Saturnino Tvardovskas, Gabriela Trevisan, Gabriela Barzaghi De Laurentiis e Carolina Ramkrapes, obrigado pelo apoio, segurança, presença, pelas discussões e inspirações que foram fundamentais para este trabalho.

Em especial, não posso deixar de agradecer a Marilea de Almeida, a “Mari”. Com certeza a sua amizade foi um dos melhores e mais saborosos presentes que o mestrado me deu. Conhecemo-nos por acaso, em um dos momentos mais tensos e promissores de nossas vidas. Obrigado por existir e por me presentear com a sua amizade.

À Priscila Souza e Jocyane Baretta, sou grato pela amizade sempre solidária. Nossas conversas, onde trocamos esperanças, medos e vontades fizeram toda diferença nestes anos.

Ao amigo e Professor Doutor Durval Muniz de Albuquerque Jr., agradeço as considerações feitas na banca de qualificação deste mestrado.

Ao Professor Doutor Pedro Paulo Funari, pelas ideias e pensamentos que encantam e inspiram.

Às professoras, Doutora Priscila Piasentini Vieira, Doutora Maria Rita de Assis César, Doutora Luana Saturnino Tvardovskas e Doutora Andréa Silva Domingues, por terem gentilmente aceitado o convite para fazerem parte da banca final de mestrado.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH – da UNICAMP e aos da Biblioteca do IFCH, pela atenção, carinho e prontidão.

E, por fim, não menos importante, ao CNPq, pelo apoio a esta pesquisa, que foi de extrema importância para a concretização deste trabalho.

Portanto, não referir uma história da sexualidade à instância do sexo; mostrar, porém, como "o sexo" se encontra na dependência histórica da sexualidade. Não situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das ideias confusas e ilusões; a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou, como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção do sexo. Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral de sexualidade. Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres.

Michel Foucault, *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, p. 171

Em movimento contínuo, a prostituta se recicla constantemente, dramatiza outros papéis, vivencia outras fantasias. Na teatralização do bordel, sua suposta identidade explode: ora ela é domadora sádica futurista, calçando botas altas, como Barbarella; ora é a escolar-virgem, trajando meia-soquete; ora é a mulher masoquista e sofredora, que gosta de apanhar do gigolô e ser amansada; ora é a lésbica apaixonada e ciumenta (...). Se o nomadismo é parte do negócio, arma de sedução e excitação do freguês em busca de novidade, é também a abertura de território da própria prostituta, que se reiventa ininterruptamente, e que não quer se fechar no par. Além disso, o nomadismo a torna uma eterna estrangeira. Seus hábitos nunca são fixos, seus gestos são inconstantes, suas escolhas, passageiras e fugazes.

Margareth Rago, *Os prazeres da noite*, p. 224.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo analisar os diferentes modos pelos quais as prostitutas reagiram à campanha de moralização da prostituição na cidade de Pouso Alegre, sul de Minas Gerais, entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1980. Nessa direção, trata-se de perceber em que sentido e até que ponto essas mulheres transformaram seus corpos em armas de ataque contra as investidas da campanha moralizadora, convocando o prazer e o erotismo como forças de luta e resistência. Além disso, aborda as formas como as prostitutas sentiam, viviam e experimentavam as relações de amizade, o amor e as paixões, dentro e fora da zona.

Palavras-chave:

Moralização – Prostituição – Sexualidade – Erotismo – Prazer

Abstract

This Masters dissertation aims to analyze the different ways by which prostitutes reacted to the moralization campaign of prostitution in the city of Pouso Alegre, south of Minas Gerais, between the end of 1960s and the beginning of 1980s. More specifically, this study concerns to understand in what sense and to what extent these women have transformed their bodies into offensive weapons against the onslaught of the moralization campaign, using the pleasure and the eroticism as forces of struggle and resistance. Finally, it also discusses how the prostitutes were feeling, living and experiencing their friendship and loving relationship, either inside or outside of the brothel.

Keywords:

moralization – prostitution – sexuality – eroticism – pleasure

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	A acontecimentalização da campanha de moralização	12
CAPÍTULO 1	As mariposas rondam o progresso	29
	1.1 Uma história que começa no... quarto	29
	1.2 “Porias a cidade inteira em teu quarto?”: o pouso alegre das “mariposas”	33
	1.3 Entre tensões e ambiguidades: colocando o destino no prazer	49
CAPÍTULO 2	Nas dramaturgias do prazer	73
	2.1 As prostitutas e a campanha de moralização	73
	2.2 Nas dobras do coração	91
	2.3 A potência dos afetos: o episódio da vinda do bispo	101
CAPÍTULO 3	Vibrações eróticas	112
	3.1 O diário de Antônia: “Eu queria me deitar com ela”	112
	3.2 O desfile das “mariposas”: entre o charme e a esquisitice, que erotismo é esse?	130
	3.3 A “mariposa” amante e o querer-possuir	140
CONCLUSÃO	“Foi um susto na cidade”	150
FONTES		161
BIBLIOGRAFIA		162

Introdução

A Acontecimentalização da Campanha de Moralização

Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas.
Manoel de Barros

Mariposas que voam de dia não deveriam ser chamadas de mariposas; elas não estimulam aquela agradável sensação das escuras noites de outono e da floração de hera, que uma ordinária mariposa da asa amarela adormecida sob a sombra da cortina nunca falha em nos despertar. Elas são criaturas híbridas, nem alegres como as borboletas, nem sombrias como as de sua própria espécie.

Virginia Woolf

As mulheres que compõem este trabalho foram “mariposas” da noite, companheiras da lua, amantes da escuridão. Elas cravaram suas existências naquela hora indecisa do crepúsculo, naquele momento em que os corpos tornavam-se evidentes com a “cintilação das estrelas”. Se o “crepúsculo excita os loucos”, como escreveu Baudelaire, ele também prenuncia e prepara a chegada das “mariposas” noturnas. Chegada que tinha seu ritmo estabelecido pelo bailar dos passos, e seu trajeto definido pela dança dos corpos sempre em movimento.¹ Ao cair do sol as mariposas possuíam a cidade, se apoderavam de sua pele. Nas esquinas, nos bares, nas ruas e quebradas escuras elas faziam seus pousos alegres, seduzindo os corações ávidos por sexo e prazer, excitando os corpos angustiados e fatigados.

¹ As expressões entre aspas são do poema de Charles Baudelaire, intitulado “O crepúsculo da noite”. In: BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Recife : Bagaço, 2010.

É sob o signo do desconhecido, do incerto que é possível situar a existência dessas “mariposas” noturnas. Elas se deparavam sempre com aquilo que não se podia prever. À sua frente, rostos com fisionomias borradas, corpos que não se sabia o contorno. Elas esperavam pelo desconhecido, localizavam-se à orla do imprevisível. Mas é também sob o signo da força e da intensidade que se pode caracterizar a vida dessas mulheres, que deixaram marcas profundas na história da cidade de Pouso Alegre, situada no sul de Minas Gerais.

Mulheres, prostitutas, “mariposas”. São elas as grandes protagonistas deste trabalho. Muito embora a palavra “mariposa” tenha sido utilizada com uma conotação misógina, excludente e muitas vezes violenta, aqui, esta palavra não comporta um estigma, mas o destrói a golpes de martelo. “Mariposa” sugere e lembra a capacidade de fluidez destas mulheres, a rapidez, o fluxo, o deslocamento, a habilidade de se mover e de escapar. É neste sentido que utilizo este nome sempre entre aspas, quando for de minha referência, para fazer alusão às mulheres prostitutas.

Para narrar estas existências é preciso, antes de tudo, lembrar que o texto que aqui se apresenta não esgota, de forma alguma, os múltiplos pontos de análise que a documentação sobre essa história, suscita. Este trabalho é o resultado de um modo de olhar e interpretar esta documentação, sendo fruto, portanto, de um ponto de vista, que tem como objetivo contar *uma*² história sobre a zona do meretrício central da cidade de Pouso Alegre. Portanto, a narrativa não tem a pretensão de esgotar o assunto, muito pelo contrário, ainda há muito que se contar e dizer sobre esta história.

- A ACONTECIMENTALIZAÇÃO DA CAMPANHA DE MORALIZAÇÃO

Pouso Alegre, 14 de setembro de 1969:

² A este respeito, Hayden White é bastante provocador ao afirmar que: “Uma das marcas do bom historiador (...) é a firmeza com que ele lembra a seus leitores a natureza puramente provisória das suas caracterizações dos acontecimentos, dos agentes e das atividades encontrados no registro histórico sempre incompleto”. Cf. WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2014, p. 98.

Chegou o momento de tomar enérgicas providências e por fim ao abuso e pouca vergonha que reina por estes lados. Chegou ao final as bacanais de imoralidade e insensatez, e as autoridades devem agir, para acabar com esse estado que joga por terra todo o sacrifício e dinamismo dos atuais administradores, que não podem compactuarem-se com aqueles que fazem da lama e da indignidade seus quartéis gerais políticos em dano da limpeza do nome de uma própria cidade. Ou tomamos uma medida saneadora (...) ou nos associamos à baixeza moral que corrompe nossas crianças e preparam para o futuro moços e moças cuja forja é a mais alta propaganda de um meretrício fatídico como o que nos assola.³

Publicado pelo jornal *A Folha de Pouso Alegre*, o texto acima é o primeiro de uma série de discursos que fizeram emergir, naquele ano, uma campanha de moralização contra a zona do meretrício, localizada na região central de Pouso Alegre, cidade situada no sul de Minas Gerais. Esta campanha, que tinha como principal objetivo a limpeza do centro da cidade, foi um acontecimento histórico permeado por contradições e ambiguidades, estendendo-se até o início da década de 1980.

Em breves linhas é importante ressaltar, logo de início, que ela não foi um acontecimento peculiar à história de Pouso Alegre. Como nos mostra o estudo pioneiro de Alain Corbin⁴, na França, o processo de moralização ocorre já no início do século XIX, quando a prostituição passa a ser controlada por meio de um sistema regulamentarista. Esse sistema partia do princípio de que a prostituição era um “mal necessário”, e como tal, deveria ser confinada em espaços específicos da cidade, a fim de facilitar o controle e a vigilância sobre este mundo. Tal sistema, que emerge apoiado nos discursos médicos do período – tendo como principal expoente o médico Alexandre Parent-Duchâtelet –, tinha assim, uma forte preocupação sanitária.

No Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, São Paulo⁵ e Rio de Janeiro⁶, em pleno processo de modernização e crescimento urbano, também

³ Retorno a este texto logo adiante, no primeiro capítulo do trabalho.

⁴ Ver : CORBIN, Alain. *Les filles de nocte. Misère sexuelle et prostitution à Paris, au XIX^{ème} siècle*. Paris: Flammarion, 1978.

⁵ Ver: RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

⁶ Ver: ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

empreenderam uma campanha de moralização contra a prostituição.⁷ Atendendo para todo este contexto, o que acontece em Pouso Alegre deve ser entendido menos como um acontecimento inédito, do que tardio, se comparado, portanto, a cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Londrina, por exemplo.

Em Pouso Alegre, orquestrando a campanha, havia uma elite política que sonhava com o progresso, tentando a todo custo fazer com que a cidade entrasse nos trilhos da modernidade. Este grupo foi responsável pela publicação de uma onda de artigos que começam a proliferar na imprensa a partir do ano de 1969, com o objetivo de nutrir um sentimento de repulsa para com a zona do meretrício, classificando-a como um dos principais obstáculos enfrentados pela cidade, no que diz respeito a seu desenvolvimento e modernização. Ou seja, a zona do meretrício se torna “um cancro no coração da cidade”⁸, e o que se vê é que esta assume uma imagem negativa, tornando-se um empecilho para as expectativas almejadas pela cidade, como por exemplo, recebimento de verbas para novas construções públicas, (re) modelamento do espaço central, etc.

A partir do final da década de 1960, surge uma série de discursos que investem contra a zona do meretrício e contra a imagem da prostituta construindo, em contrapartida, uma imagem idealizada da mulher honesta, mãe de família e rainha do lar assexuada.

É de se perguntar: qual é o limite moral que separava a mulher considerada honesta da prostituta enquanto sujeito imoral? Os limites discursivos que englobam dois imaginários distintos estreitam os laços de moralidade entre eles? Que representação moral assume a figura da mulher mãe, deserotizada enquanto mantenedora da ordem, e que nível moral comporta a figura da prostituta, sujeito desviante, errante e perturbador?

A campanha de moralização se arrasta, entre avanços e retrocessos, por quase duas décadas. Para os seus idealizadores este foi um período de glória, de sangue e de luta. De uma luta em favor da família pouso-alegrense, motor indispensável para girar a roda do já referido progresso, como não cansavam de afirmar os artigos da imprensa local. No entanto, este foi um período marcado por

⁷ Lembro que a moralização também ocorreu na cidade de Londrina, em pleno processo de expansão cafeeira, na década de 1950. A este respeito, ver: BENATTI, Antônio Paulo. *O centro e as margens. Boemia e prostituição na “capital mundial do café”(Londrina: 1930-1970)*. Dissertação de mestrado, UFPR, 1996; LEME, Edson. *Noites Ilícitas. Histórias e memórias da prostituição*. Londrina: EDUEL, 2009.

⁸ “A ZONA do meretrício é um cancro no coração da cidade: onde estão as autoridades competentes?” In: *A folha de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 14/09/1969.

um machismo levado à exaustão, violento e concreto contra as prostitutas. Esse machismo permeia e domina a construção da memória sobre a campanha de moralização, acarretando consequências graves para a história da zona do meretrício central. Destaco duas dentre estas consequências.

Em primeiro lugar a **naturalização** da campanha, já que é constantemente vista como um processo inevitável no contexto de modernização da cidade. Para Eduardo Assis, que desenvolveu um estudo pioneiro sobre o assunto, é preciso “desmistificar” um imaginário que utiliza o “discurso do progresso” como justificativa para explicar o surgimento da campanha de moralização.⁹ Nesta direção, inspirado pelas proposições deste autor, o presente trabalho procura analisar a campanha de moralização percebendo-a como um acontecimento histórico, no sentido que Foucault atribuiu a este conceito. Para ele

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus idealizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada, mascarada.¹⁰

Que condições históricas de possibilidade contribuíram para a sua emergência¹¹? Que relações de força provocaram a sua irrupção em um determinado período histórico, isto é, em 1969? Trata-se de perguntar pelas rupturas, pelos acasos, singularidades e fissuras, menos do que procurar por uma suposta continuidade. “Não se trata, portanto, de reencontrar uma continuidade escondida, mas de saber qual é a transformação que tornou possível essa passagem...”¹².

Pensar a campanha de moralização como um acontecimento histórico significa olhar para os enfrentamentos, para os cortes, para as cisões que estiveram presentes no momento de sua emergência. Isso possibilita cortar a hegemonia de

⁹ Ver: ASSIS, Eduardo. *A cidade e o mal necessário*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2005.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: MACHADO, Roberto. (Org.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2011, p. 28.

¹¹ Foucault diz: “A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é sua irrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua juventude”. In: “Nietzsche, a genealogia e a história”, *Op. Cit.*, p. 24.

¹² FOUCAULT, Michel. “Mesa redonda em 20 de Maio de 1978”. In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 338.

uma memória misógina que faz acreditar que a campanha foi fruto da atuação dos grandes homens. Ora, “ninguém é responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício”¹³. Portanto, trata-se de “acontecimentalizar”¹⁴ a campanha de moralização a fim de desnaturalizá-la.

Afinal, perguntar pela sua emergência histórica, que levou à problematização da prostituição enquanto problema social e moral, significa questionar a própria história e fazer do passado não um dado acabado e naturalizado pelo tempo, mas transformá-lo em um acontecimento, questionar suas certezas para entender que tipo de presente se coloca diante de nós.

A naturalização da campanha gera uma segunda consequência. A história sobre a zona do meretrício central tende a se cristalizar em duas direções: (a) Fazendo crer que as prostitutas tenham aceitado e acatado as investidas da campanha de forma pacífica e submissa, já que ao seu final a zona foi desativada; (b) ou mesmo quando reagiram, por meio de uma resistência velada e ruidosa, as prostitutas tenham se sujeitado aos mais diferentes discursos e saberes para manterem seus objetivos e conseguirem espaço na nova zona, construída a cinco quilômetros de distância do centro da cidade.

Neste sentido, o que esta memória tem feito é pensar as inúmeras formas de resistência das prostitutas como sendo algo exterior ao próprio poder. Em outras palavras, ela tende a minar a singularidade deste período polarizando-o entre aqueles que possuíam o poder (supostos dominantes) e os que não possuíam (supostos dominados, isto é, as prostitutas). Ora, Foucault não cansou de afirmar que onde há poder, há resistência e que esta não deve ser pensada como sendo algo exterior ao poder, mas como parte intrínseca de seus mecanismos funcionais.¹⁵ Para Foucault,

Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões (...). Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por

¹³ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Op. Cit.*, p. 24.

¹⁴ Neologismo utilizado por Foucault em: FOUCAULT, Michel. “Mesa redonda em 20 de Maio de 1978”. In: *Op. Cit.*, p. 339. A este respeito ver também: CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, pp. 24-28.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

definição, *não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder*.¹⁶

Tem-se, assim, como implicação desta memória, o **silenciamento** e o **apagamento** das experiências das prostitutas na história da zona central, pois, ao pensar o poder como algo repressivo, negligenciando seu caráter relacional, as resistências acabam sendo diluídas numa teia discursiva que tende a cristalizar a campanha de moralização na atuação “homérica” dos homens que atuaram maciçamente a favor da limpeza da cidade. Deste modo, no teatro da memória sobre a zona central, as prostitutas não passariam de uma leve sombra.¹⁷

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é prestar atenção ao “avesso do espetáculo”.¹⁸ Portanto, pergunto quem eram essas prostitutas? Como assimilaram, entenderam e absorveram a campanha de moralização? Que estratégias, caminhos e alternativas elas encontraram para enfrentar este momento, afrontar este real? Ou, para além da campanha de moralização trata-se, ainda, de destacar: como essas mulheres geriam suas vidas? De que forma construíram suas redes de amizade e de afetos? Que tipos de relação possuíam com seus corpos? Como pensavam e experimentavam o prazer e o amor? Que estratégias utilizaram para potencializar a vida, diante das inúmeras redes de capturas que se formaram naquele período?

Com essas e outras questões, objetivo neste trabalho dar visibilidade aos diferentes processos de produção das subjetividades dessas mulheres, a fim de analisar como responderam a esta campanha e que caminhos, espaços subjetivos e sociais elas encontraram. Trata-se de perceber, neste movimento, seus diferentes *modos de subjetivação* e de *sujeição*, entendendo-os não como sendo polos opostos, mas sim que se confluem e se alternam o tempo todo em meio aos modos de constituição de si dessas mulheres.

Na esteira do que propôs Michel Foucault entendo os *modos de sujeição* como a maneira “pela qual o indivíduo estabelece sua relação” com uma determinada regra ou código normativo e “se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática”.¹⁹ E, na direção oposta, compreendo os *modos de subjetivação*

¹⁶ Idem, p. 106. Os grifos são meus.

¹⁷ Referência à frase inicial de Michelle Perrot, em seu texto “Práticas da memória feminina”, quando escreve: “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”. In: PERROT, Michelle. *As mulheres ou silêncios da história*. São Paulo: Edusc, 2005, p. 33.

¹⁸ PERROT, Michelle. *Op. Cit.*, p. 46.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 35.

como a forma com que um determinado indivíduo absorve uma determinada regra e se trabalha diante dela. Nesse sentido, de acordo com Foucault, trata-se de uma “maneira de viver cujo valor moral não está em sua *conformidade* a um código de comportamento”, mas depende, segundo ele, “de certas formas, ou melhor, certos *princípios* formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita”²⁰. Em uma entrevista de 1984, intitulada “O retorno da moral”, Foucault define o conceito de subjetivação. Assim destaca o filósofo:

Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si.²¹

Retirar estas mulheres do silêncio e da sombra a que foram submetidas, por quase meia década –, não significa querer glorificá-las ou heroizá-las, como destacarei logo adiante. Procuro pelas contradições e pelos des-sabores de suas existências. Estou menos interessado em buscar por suas grandezas do que atentar para suas incongruências e ambiguidades. Afinal, o processo de produção da subjetividade não ocorre de forma contínua e homogênea, mas por meio dos muitos momentos de rupturas, contradições e ondulações que compõem o próprio devir da existência.

Isto implica pensar essas mulheres não como sendo portadoras de uma identidade fixa e patológica, como nos cansou de impor o discurso médico, nos idos do século XIX, na Europa, e no decorrer do século XX, no Brasil.²² Significa percebê-las como sujeitos flexíveis e em movimento, capazes de se moverem em meio às classificações e imposições identitárias. Deste modo, falar de subjetividade é falar de fluxos e de devires; é perceber o sujeito sempre como algo inacabado, em transformação e deslizamento. Falar de subjetividade – e não de identidade – é uma forma de recusar as naturalizações que permeiam a memória da zona central de Pouso Alegre.

²⁰ Idem, p. 110.

²¹ FOUCAULT, Michel. “O retorno da moral”. In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 262.

²² Ver: CORBIN, Alain. *Op. Cit.*; RAGO, Margareth. *Op. Cit.*; ENGEL, Magali. *Op. Cit.* Ressalto que no primeiro capítulo da dissertação, esta questão será analisada pormenorizadamente.

Para tanto, conto com um corpus documental composto por 20 correspondências escritas pelas prostitutas no período correspondente entre agosto de 1971 a outubro de 1972. Além das correspondências, há também 18 fragmentos, escritos de uma, duas páginas que juntos configuram o que possivelmente tenha sido um diário. Agrupados em ordem cronológica se referem ao período entre março de 1970 (data do primeiro fragmento) e setembro de 1976 (último fragmento). Como foi possível chegar até esses documentos, já que nenhum deles faz parte dos “lugares de memória”²³ da cidade? Como puderam romper o silêncio, aproximadamente quarenta anos depois de terem sido escritos?

- rompendo o silêncio: a vida das mulheres infames

Em *A vida dos homens infames*, Michel Foucault procurou, em sua antologia de existências, por vidas que fossem marcadas pela brevidade do tempo, encontradas por acaso em livros ou documentos. Vidas marcadas em poucas linhas, registradas na efemeridade do momento, configuradas em poucas palavras. “Estranhos poemas”, afirma ele, existências singulares, difusas, inglórias, são “vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram”²⁴.

Para analisar essas “existências-relâmpagos” Foucault procurou seguir algumas regras. Ele quis que se tratasse de vidas que realmente tivessem existido em suas existências “obscuras e desventuradas”, e que as poucas e intensas palavras que as conformam, que lhe dão contornos após anos de silêncio, fossem relatos que contivessem histórias que haviam feito parte da história “minúscula” dessas vidas.

Foucault procurou por existências que não apenas acenassem para o real em que estavam inseridas, que não apenas se referissem a ele, do exterior, mas que tivessem, na efemeridade de sua vida, feito parte deste real. Essas vidas compõem o tabuleiro das “dramaturgias do real”, já que operaram nele recompondo as peças com suas raivas, angústias e medos; com seus sentimentos de vingança ou ódio.

²³ Ver: NORA, Pierre. “Entre memória e história: A problemática dos lugares”. In: *Revista Projeto História*. PUC-SP, nº 10, 1993.

²⁴ Ver: FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 204.

Vidas obscuras, sem glória ou marcas heroicas. Existências comuns que, no real em que estavam inseridas, não fossem dotadas de nenhuma grandeza ou fortuna: “Parti em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir”, esclarece Foucault²⁵.

Infames, abstrusas, o que possibilitou que essas vidas rompessem o escuro da noite à qual estavam submetidas? Em sua ingloria, como foi possível romper a barreira do tempo e do esquecimento? O encontro com o poder, diz ele. Do choque produzido por um contato fulgurante com o poder que atravessou essas vidas de cima a baixo. Ainda, segundo Foucault, perdidas na imensidão do tempo, obscurecidas pela força do esquecimento, sem brilhos ou glórias, “vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las”²⁶.

Assim como o trabalho de Foucault, este trabalho também remete a vidas infames, vidas breves, marcadas na intensidade do momento, na fugacidade de um tempo que tornou obscurecidas cada uma dessas existências aqui historicizadas: prostitutas que viveram em um período conturbado da história da cidade de Pouso Alegre. Elas nos chegam por meio de páginas envelhecidas pelo tempo e pelo desprezo ou talvez, pela indiferença e pelo peso de uma violência histórica que tem constantemente apagado e riscado suas vidas da história. Elas aportam no presente vindas de uma longa viagem onde o trajeto é marcado em poucas linhas, escassas palavras de amor, ódio, tensões e ambiguidades.

Dessas vidas breves que passaram pela história causando tempestades no tempo, revirando o cotidiano e o mundo no qual estavam inseridas restam-nos apenas correspondências, cartas escritas no calor do momento, no cheiro do sexo após um curto programa, na desilusão de um amor não correspondido, ou ainda, nas marcas de uma bruta violência sofrida contra seus corpos. Elas cortam a linearidade do tempo, reverberam do passado um erotismo potencializador e nos atingem em suas cóleras, amarguras, angústias, ressentimentos. Mas também nos chegam por meio da doçura de um amor correspondido, na possibilidade de um acontecimento, de um encontro. Contudo, é fundamental frisar que essas

²⁵ Idem, p. 207.

²⁶ Ibidem, p. 210. Foucault acrescenta, neste mesmo texto: “O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas.”

“existências-relâmpagos” nos chegam por meio de palavras, de sentimentos e sensações transformados em linguagem. Linguagem que não reflete a realidade, mas a produz. De modo que, como nos alerta Foucault, é impossível:

recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser “em estado livre”; só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parcialidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele.²⁷

Menos do que querer extrair desses documentos um real impossível, trata-se de percebê-los em sua raridade, na forma como cada um ironiza e brinca com o real.²⁸ Ora, esses documentos permitem zombar da verdade, rir das “solenidades da origem”²⁹, mais especificamente de uma origem que insiste em nos cristalizar no presente por meio de um tempo definido logo no começo.

Esses documentos permitem muito mais do que apenas lembrar o passado. As cartas e o diário são extremamente importantes na luta contra o esquecimento destas mulheres. No entanto, como afirmou Jeanne Gagnebin, não se trata de por meio deles “lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado”³⁰. Essas vidas inglórias, infames não precisam de celebrações. As forças que esses documentos irradiam nos trazem “instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente”³¹.

Seguindo as considerações de Gagnebin, é válido frisar que não se trata, perante esses documentos, de uma atividade de *comemoração*, mas sim de *rememoração*. Como explica esta autora, se a *comemoração* nos remete ao religioso, as celebrações de Estado, o conceito de *rememoração* implica:

uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no

²⁷ Ibidem.

²⁸ A este respeito ver, dentre outros: VEYNE, Paul. *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UnB, 2008; JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: A arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007; RAGO, Margareth; GIMENES, Renato (Orgs.) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000.

²⁹ Ver: FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Op. Cit.*

³⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 103.

³¹ Idem.

presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.³²

“A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente”. Essas “existências-relâmpagos” nos chegam não para reivindicar poses e brilhos. Elas vêm para abrir uma grande fenda no passado, para cortar as pontes, destruir os elos, queimar as certezas. Como essas existências puderam brilhar novamente na soleira do presente?

*

As correspondências e o diário permaneceram, por quarenta anos, em poder de Francisco, senhor de setenta e um anos de idade, hoje aposentado, e que presta serviços de banco para o comércio local de Pouso Alegre. De bem com a vida e consigo mesmo, ele gosta de contar histórias, principalmente histórias do “tempo da zona”. Para falar sobre este tempo, pediu que sua identidade fosse preservada. Sendo assim, respeitando seu pedido, dei-lhe um nome fictício.

Conheci Francisco por acaso, em 2011, no comércio da cidade. Estava terminando minha pesquisa de final de curso sobre a zona boêmia central, em que meu objetivo era analisar a formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade, durante as décadas de 1960 a 1980.³³ Estava em uma loja para uma entrevista com a proprietária, cujo pai havia sido um assíduo frequentador da zona central. Lá estava, quando uma das atendentes me disse que aquele senhor, cambaleante e de cabelos brancos, sorrindo e fazendo piadas misóginas com as atendentes poderia também me ajudar, já que havia sido amigo pessoal das “mariposas”. Fomos apresentados. E começava ali uma nova história, uma reviravolta futura, um sopro de novidade, um clarão que possibilitaria a existência desta pesquisa.

Após alguns dias, depois de poucas e duradouras conversas, Francisco me disse, na expressão de quem estivesse dizendo aos ventos que, em sua casa, havia

³² Ibidem, p. 55.

³³ Ver: COUTO, Varlei. *De mal necessário a problema da cidade: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre-MG (1969-1989)*. TCC em História social. UNIVÁS-Pouso Alegre, 2011.

uns “escritos dessas mulheres”, das quais eu tanto gostava. “Escritos”... Para mim soaram como se fossem artigos de jornais, leis, projetos de leis, documentos que já haviam me saturado, pela presença constante naquele final de pesquisa. Marcamos um encontro em sua casa. Lá, Francisco me levou até o seu quarto. Abriu a última gaveta de uma cômoda e pegou uma caixa de madeira. Ao abri-la retirou um lenço vermelho entregando-me um maço de papel. Naquele momento, ao folhear rapidamente aqueles papeis, tomei conhecimento de que, na verdade, o que Francisco classificava como “escritos” eram cartas escritas pelas prostitutas. Eu estava diante de vidas que, por quarenta anos, haviam sido encerradas em uma caixa de madeira guardada no interior da última gaveta de uma cômoda e que quase se desmanchava em pedaços.

Ali, não apenas minha pesquisa sofria uma brusca reviravolta, bem como a própria história sobre a zona central, assim como a história da própria cidade ganharia novos contornos com a vinda desses novos personagens que, depois de quase meia década, davam seu grito pelo direito à memória.

Enroladas sob uma espécie de lenço vermelho, amassadas e embrulhadas, as correspondências, todas escritas por mulheres prostitutas da zona central, estavam ainda dentro de um bloco de papel maior, que continha várias páginas. Esses fragmentos compõem um diário ou pelo menos o que restou dele, já que as páginas são desconexas e os registros, incompletos.

Francisco não me autorizou a copiar esses documentos nem tampouco fotografá-los, embora após muitas tentativas de minha parte em tentar convencê-lo de que esses “escritos” eram fundamentais para a história de Pouso Alegre, fui autorizado apenas a transcrever os seus conteúdos. Assim foi feito.

Obviamente, teria sido ótimo poder contar com esses documentos escaneados para que fossem anexados ao final deste trabalho, a fim de que o leitor pudesse, assim como eu, deliciar-se com a beleza das cartas, podendo contemplar a rapidez de suas letras e as tremulações da escrita. Porém, acredito que a ausência física dos documentos não retira do trabalho do historiador, de forma alguma, a credibilidade e a seriedade da busca e do trabalho.

Diante disso, é importante dizer que é muito difícil trabalhar com documentos que não habitam as estantes dos museus ou as prateleiras dos arquivos públicos. Se chegar até eles é um grande desafio, poder utilizá-los e manuseá-los torna-se um

desafio ainda maior para o historiador. Isso porque eles fazem parte da vida de quem os guardou com tanto cuidado e carinho.

No caso das cartas e do diário que aqui analiso, as personagens afetaram profundamente a vida de Francisco, e muitos segredos e coisas não ditas permeiam a relação que ele tem com essas mulheres. O cuidado e o zelo com que trata esses documentos – uma relação de proteção mesmo – são suficientes para mostrar que essas poucas folhas de papel fazem parte de um pedaço de sua vida sobre o qual ele resiste em falar. Há muitos segredos, mágoas e ressentimentos em Francisco, mas ao mesmo tempo, uma sensação de alívio em saber que finalmente as “mariposas” terão espaço na história da cidade.

À medida que ele me entregava os documentos para que pudesse transcrever seus conteúdos, aos poucos, a fisionomia dessas personagens infames, dessas mulheres esquecidas foi ganhando vida, ao mesmo tempo em que traziam à tona o cotidiano da zona central.

Como, então, proceder diante desses documentos, que possuíam uma intertextualidade que ainda me escapava? Era preciso “suspender por um momento o ‘aparelho’ metódico, a busca obsessiva do ‘detector de provas’. Reencontrar, provisoriamente ao menos, a candidez do leitor ocioso, seu desejo da narração, mesmo quando ela não alcance a estatura da escrita literária”³⁴.

Voltando aos documentos, as folhas que compõem o diário se encontravam soltas e dispersas. Ao final de cada página se encontra a assinatura “Antônia”. Como elas foram parar nas mãos de Francisco!? Nem ele se lembra. Possivelmente, no processo de transferência e de fechamento da zona, ao auxiliar na mudança das prostitutas para a área do Capim Gordura³⁵, Francisco tenha ficado com eles na intenção de preservá-los. Não é possível afirmar ou fazer assertivas.

Já as correspondências, estas não chegaram àqueles para quem foram escritas, exceto as que foram escritas para o próprio Francisco (total de 4). Espécie de emissário, ele tinha a missão de entregar as cartas. Entregou muitas, retornou com inúmeras. Outras, como as que fazem parte deste trabalho, nunca chegaram ao seu destino, o que explica em muita delas as cobranças por respostas, o sentimento de frustração ou esquecimento diante do vazio das respostas.

³⁴ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 278.

³⁵ Capim Gordura, como mostrei no primeiro capítulo, foi o nome dado ao novo bairro para onde a nova zona foi transferida.

A história se forma em desencontros, em acasos e surpresas. Francisco não entregou essas cartas; guardou-as. E foi por isso que o acaso da história me uniu a estes documentos, a estas vidas silenciadas, bloqueadas pelo silêncio e pela escuridão. Todavia, se a história não lhes cedeu espaço foi por meio da escrita que elas marcaram e fixaram suas existências. Segundo Foucault,

O insignificante cessa de pertencer ao silêncio, ao rumor que passa ou à confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas. Elas se tornaram descritíveis e passíveis de transcrição, na própria medida em que foram atravessadas pelos mecanismos de um poder político.³⁶

Nas páginas que se seguem, as partículas mais ínfimas do cotidiano, os detalhes mais comuns que compuseram a vida das prostitutas são trazidos à tona por meio das asas do prazer e do erotismo, dois campos que são quase sempre diluídos pela hegemonia do dinheiro, considerado o motor que faz girar este mundo.

O que pode o corpo das “mariposas” quando encarnavam um erotismo que convidava e permitia o gozo? Quais as armas, as estratégias, os deleites, as entregas, os jogos de sedução utilizados por elas para tentar conter ou minar as investidas da campanha de moralização? Estas questões, bem como outras inquietações que foram aparecendo ao longo do percurso da escrita, compõem o fio condutor da narrativa que se desenrola a partir de agora. Narrativa que entrecruza temas como sexo, cama, desejo, sedução, escândalos; amarguras, silêncios, luta, entrega, ressentimentos. Estes e tantos outros temas fazem parte do universo das mulheres que encontraremos pelo caminho. “Mariposas da noite” que caíram na vida enfrentando-a de múltiplas maneiras. Mulheres que foram amantes da escuridão ao colocarem seus corpos para vibrarem, tornando os pousos cada vez mais alegres e cintilantes.

³⁶ FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 216.

- estágios e momentos da narrativa: a trama

A narrativa está organizada, além desta introdução e de uma conclusão, em três capítulos. O Capítulo 1: **“As mariposas rondam o progresso”** tem como objetivo apresentar ao leitor a cidade de Pouso Alegre, cenário onde viviam as prostitutas. Início o capítulo com a descrição do quarto da prostituta Cida, já que foi no interior deste espaço que ela, por meio da escrita percebeu a cidade e produziu uma visão própria sobre ela. Essa visão nos possibilita apresentar Pouso Alegre distanciando-a das cercanias da oficialidade, do olhar dos memorialistas que, muitas vezes, hegemoniza a história da cidade.³⁷

Num segundo momento, analiso como o ideal progressista se relacionou com o tema da moral em seus mais diversos campos, tais como a sexualidade, o casamento, a maternidade e a prostituição. Além disso, examino em que sentido e até que ponto o erotismo foi tratado, tanto pelo discurso da imprensa quanto pelo religioso, como verdadeira ameaça ao ideal progressista.

A partir disso, num terceiro e último momento, analiso as condições de possibilidades que levaram à emergência histórica da campanha de moralização, bem como o seu ambíguo e contraditório desenrolar, por aproximadamente duas décadas. Pergunto também pelas diferentes formas pelas quais as prostitutas absorveram seus discursos e, a partir daí, criaram estratégias de enfrentamento perante eles.

No Capítulo 2, intitulado, **“Nas dramaturgias do prazer”**, abordo a reação das prostitutas diante da campanha de moralização. Trata-se de perceber como essas mulheres se posicionaram diante dos acontecimentos, como interpretaram os diferentes discursos e saberes, e como criaram saídas para não se deixarem capturar pelos afetos tristes que visavam diminuir suas potências de ação.

Destaco, assim, os modos de constituição de si, perguntando como se deu o processo de produção das subjetividades dessas mulheres. No entanto, não deixo de mostrar também que se a grande maioria das prostitutas se posicionou de forma

³⁷ Ver GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira; *A construção poética da cidade: representações de São Paulo na literatura de Oswald de Andrade, 1900-1930*. Dissertação de Mestrado: IFCH-UNICAMP, 1997; RAGO, Margareth. “Prazer e perdição: a representação da cidade nos anos vinte”. In: *revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 7, nº 13, 1987; BREFE, Ana Claudia Fonseca. *A cidade inventada: a paulicéia construída nos relatos memorialistas (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado: IFCH-UNICAMP, 1993.

ativa e independente diante da campanha de moralização, houve aquelas que foram capturadas por suas diretrizes.

“Vibrações eróticas”, terceiro e último Capítulo, está dividido em três partes. A primeira tem como objetivo fazer uma análise do diário da prostituta Antônia, dando visibilidade para dois de seus fragmentos, em que discorre sobre um possível relacionamento que teve com a prostituta Milu. Trata-se de perguntar pela maneira como entendeu e se posicionou diante desta história.

Na segunda parte abordo a prática do *trottoir* das “mariposas” pelas ruas da zona, indagando como se deu o processo de afirmação do corpo por parte dessas mulheres. Além disso, pergunto em que medida esta apropriação do corpo pode subverter a lógica do corpo-bio-sexual, atormentado e possuído pelos pecados da carne. Por fim, na terceira e última parte, abordo, por meio da correspondência de Laila, o tema da prostituta amante, perguntando quem era a “mariposa” amante? Aquela que se afasta da imagem da mulher esposa ou a que busca exatamente se enquadrar dentro dessa figura de mulher?

Capítulo 1

As Mariposas Rondam o Progresso

Quando saiu com os embrulhos, as ruas já se haviam transformado. Em vez do vazio do sol cada coisa se movia a caminho de suas próprias formas utilizando as menores sombras.

Clarice Lispector, *A cidade sitiada*

1.1 Uma história que começa no... quarto

Não escuro, mas apenas sem luz. Então percebi que o quarto existia por si mesmo, que ele não era o calor do sol, ele também podia ser frio e tranquilo como a lua. Ao imaginar a sua possível noite enluarada, respirei profundamente como se entrasse num açude calmo. Embora eu também soubesse que a lua fria também não seria o quarto. O quarto era em si mesmo.

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H*

No dia 26 de julho de 1970, a prostituta Cida escreve uma carta para a amiga Sofia contando-lhe que, finalmente, havia conseguido alugar um quarto na zona do meretrício central de Pouso Alegre. De acordo com ela, o quarto era pequeno, precário e sem nenhum conforto. As paredes pintadas de branco ajudavam a contrastar a penumbra do ambiente. Em seu interior, apenas o necessário. Havia uma cômoda e sobre ela alguns bibelôs que se dividiam entre aqueles que ela comprara e os que ganhara de um antigo, mas ainda não esquecido amante. Imponente no centro do quarto, mas tomando praticamente conta de todo o espaço, havia também uma cama. De casal. Com lençóis sempre limpos, ela talvez representasse a parte mais importante e essencial daquele ambiente que, nas manhãs seguintes ainda exalava o cheiro do sexo e do prazer vividos, marcando e

identificando os corpos que transitavam por ali. Como uma forma de trazer a amiga para perto de si, rompendo a barreira da distância, Cida escreve:

Sofia, hoje fiz o trabalho de levantar cedo só para escrever para você. Vê se responde desta vez pra compensar o esforço. Trabalhei demais ontem, fui dormir agora pouco, mas a saudade estava muita e não consegui dormir direito para te escrever. **Estou muito feliz**, consegui **alugar um quartinho** só pra mim porque não estava dando. A vida na novo mundo está muito difícil e a Margarida é uma mentirosa. Faz tempo que venho juntando alguma coisa e agora consegui. Continuo morando lá mas venho pra cá pra conseguir alguma coisa por fora e para ter um espaço só meu né? Você tem que vir me visitar agora.³⁸

O quarto, como sublinhou Michelle Perrot, remete ao todo do qual faz parte.³⁹
De acordo com esta autora,

muitos caminhos levam ao quarto: o repouso, o sono, o nascimento, o desejo, o amor, a meditação, a leitura, a escrita, a procura de si mesmo (...). O quarto é o palco da existência, ou pelo menos seus bastidores, onde, tirada a máscara, o corpo despido se abandona às emoções, às tristezas, à volúpia.⁴⁰

Procurar reencontrar-se consigo mesma, poder desfrutar de sua própria companhia: ao que parece, estas foram algumas das razões que levaram Cida a buscar por um espaço próprio. Mas estas razões se ligam a outras, não menos importantes, e que são explicadas em detalhe por ela na mesma correspondência.

Cida, assim como inúmeras outras prostitutas, havia chegado a Pouso Alegre trazida pela cafetina Margarida Leite, proprietária da boate mais famosa da zona: a Novo Mundo. Entretanto, não foi preciso esperar muito para perceber que a vida ali não seria fácil, bem como as promessas feitas não se concretizariam. Além disso, ela não conseguia se acostumar com a falta de privacidade, afinal, na boate tudo era compartilhado com as outras prostitutas, e os programas seguiam as normas estabelecidas. O tempo do encontro, as formas de contato, o tipo de relação com os

³⁸ Carta de Cida, 26 de julho de 1970. Sublinho que, sem alterar, incluir ou borrar o sentido original das cartas, alterei a escrita para a norma culta da Língua Portuguesa, para facilitar a leitura e deixar o texto mais fluido. Assim foi feito com todas as correspondências e com o diário de Antônia, ao longo do trabalho.

³⁹ PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 16.

⁴⁰ Idem, p. 15.

clientes, a maneira de abordá-los, tudo era ditado pela cafetina, que nos dizeres de Cida, era uma verdadeira “carrasca e mentirosa”. Sobre este aspecto ela afirma:

Não me sinto bem não poder beijar um cliente que eu gosto ou ter que beijar um que eu não gosto. Às vezes eu tenho que parar tudo porque o tempo marcado acabou. Quem deve decidir isso sou não acha mana? Mas lá é assim, eu tenho que seguir as leis e isso acaba comigo e não faço direito.⁴¹

Todo este contexto parece despotencializar a ação de Cida, fazendo com que se sentisse presa no interior de uma vida que para ela era sinônimo de liberdade: “se o que eu sempre quis era ser livre, ela está me fazendo sentir presa e isso tem me matado”⁴², enfatiza. Diante destas razões é que cogita, então, procurar por um espaço onde pudesse ela mesma estabelecer as regras: “Aqui eu faço do jeito que eu gosto e uso as armas que são minhas para satisfazer não apenas eles, mas eu também. Isso que eu gosto, fazer do meu jeito e sentir bem, sentir livre”⁴³, conclui Cida, que logo depois desta afirmação altera completamente o curso da correspondência. Isso porque a escrita de uma carta não segue uma linha cronológica ou linear de pensamento. As palavras acompanham as sensações, as emoções do momento e aquilo que, no ato da escrita torna-se importante registrar a fim de aproximar o outro, trazendo-o para perto de si.

Nesse sentido, logo após narrar a alegria de ter conquistado seu próprio espaço, ela começa a discorrer sobre a cidade. Trata-se de uma tentativa de, por meio da escrita, materializar os espaços, tornar sensível os seus cheiros, hábitos, a rua e o bairro onde morava e localizava seu quarto.

Neste movimento, ao falar sobre os códigos morais vigentes, ao discorrer sobre os costumes, enfim, ao pensar o cotidiano de Pouso Alegre, Cida constrói uma visão própria, um olhar que se distancia das visões compromissadas da elite ou dos sonhos muitas vezes utópicos dos memorialistas. Ela não está preocupada em construir uma imagem ideal para a cidade. Esta vai ganhando corpo, forma e contornos por meio de uma escrita contraditória e cheia de romantismo.

Afinal, era o fim de um amor. Cida estava ferida. Olhava para os bibelôs que não a deixavam viver o esquecimento. Mas eles eram intocáveis, jamais cogitara se

⁴¹ Carta de Cida, 26 de julho de 1970.

⁴² Idem.

⁴³ Ibidem.

desfazer deles: “não tiro os olhos deles e cada um eu lembro de uma história, essas coisas não me deixam esquecer, me matam, mas eu não tenho coragem de jogar tudo fora”⁴⁴, escreve ela. É em meio a todas estas sensações que a cidade vai sendo construída por Cida longe das cercaduras da oficialidade.

Será que a falta de privacidade foi o único motivo que a fez alugar um quarto? O que parece, atentando para sua escrita, é que ela sentia uma enorme dificuldade em não apenas dividir o espaço com as outras prostitutas, mas também a atenção que recebia dos clientes. Tudo aponta que Cida queria exclusividade. Além do mais, não se pode deixar de destacar que se o quarto representava um espaço de liberdade, como ela mesma define, a presença do amante ainda pairava em seu pensamento, basta prestar atenção à carga de romantismo que circunda toda sua descrição do quarto. Os bibelôs, as lembranças do amado assumem lugar de destaque em sua escrita.

Sendo assim, a maneira como observa a cidade está impregnada por todos estes sentimentos. Eles moldam sua escrita, direcionam seu olhar. Cida vivia em Pouso Alegre e isto era o suficiente para imprimir, em sua forma de ver a cidade, seus anseios, revoltas, mágoas, etc. No entanto, reside aí a força de sua escrita. Se a memória oficial buscou edificar uma história que petrificasse no tempo o feito de seus grandes homens, Cida aparece como uma voz destoante.

Desta forma, neste capítulo, a cidade de Pouso Alegre será apresentada, portanto, a partir do interior deste espaço, espécie de “câmara das maravilhas”⁴⁵, invólucro de prazeres que, como demonstrou Perrot, adquiriu importância não apenas nas habitações modernas, mas também na literatura e no imaginário deste período.⁴⁶

Mas “as prostitutas têm um quarto? Não. Já é muita sorte que tenham uma cama!”⁴⁷, ironiza esta autora. Se o quarto pouco importa para essa “sexualidade expeditiva, onde o essencial é trepar”⁴⁸, para Cida ele parece representar muito mais do que uma toca, um esconderijo ou um invólucro. Era a alcova protetora para todas suas contradições e medos, cela erótica que a permitia reviver os momentos românticos com o amante, sentindo-se paradoxalmente livre em seu interior. Esse

⁴⁴ Carta de Cida, 26 de julho de 1970.

⁴⁵ PERROT, Michelle. *Op. Cit.*, p. 16.

⁴⁶ Idem, p. 23.

⁴⁷ Ibidem, p. 155.

⁴⁸ ibidem, p. 157.

sentimento de liberdade estranhamente advinha com o fechar da porta, com o deslizar da chave, com o acender da luz: “quando fecho a porta eu me sinto livre de tudo. Aqui, dentro do meu quarto, o mundo é meu”⁴⁹. Ora, dizer-se livre pode ter sido a saída que encontrou para conviver com o peso de sua existência. O fato é que foi em seu quarto, inspirada por uma “estranha sinfonia”⁵⁰ composta pelos rumores daquele ambiente, que ela pensou e escreveu sobre Pouso Alegre, como veremos no próximo item.

1.2 “Porias a cidade inteira em teu quarto?”⁵¹: o pouso alegre das mariposas

Que dirás esta noite, pobre alma solitária,
Que dirás, coração outrora emurchecido,
À muito bela, à muito boa, à muito cara,
Cujo divino olhar te viu reflorescido?
(...)

Seja na noite negra em meio à solidão,
Seja na rua triste e em meio à multidão,
Seu fantasma pelo ar é a dança mais acesa.

“Sou bela!” A mim nada ninguém recusa!
Ordeno que por mim sempre ameis a beleza!
Eu sou o Anjo da Guarda, eu sou Madona e Musa!”

Charles Baudelaire, *As flores do mal*

Em outro momento da correspondência, Cida descreve a cidade à sua amiga. Com um forte nível de ressentimento, escreve:

Aqui a cidade chama Pouso Alegre, mas eu não acho que nela o pouso seja divertido. A noite só é boa aqui na zona. Aqui tem alegria sabe, muita diversão e muita festa. A cidade é parada, muito chata e sem graça. Você vem que logo você vai perceber o que estou contando pra você. Senão fosse aqui⁵², tudo fechava quando o sol fosse embora. Dia de domingo é uma palhaçada. Lá na praça da igreja os homens vão de um lado e

⁴⁹ Carta de Cida, 26 de julho de 1970.

⁵⁰ PERROT, Michelle. *Op. Cit.*

⁵¹ Aqui faço um jogo de palavras com o título de um poema de Charles Baudelaire, chamado: “Porias o universo inteiro em teu bordel”. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

⁵² Ela está se referindo a zona do meretrício.

as mocinhas vão do outro. É assim que eles amam? Pobres coitadas. A minha vida mesmo é difícil e dura, mas é boa. Eu não vivo pra eles, eu vivo pra mim... Você sempre soube disso. Aqui eles vivem pra mostrar pros outros, tem medo dos outros. Eles sonham muito com o futuro e esquecem de viver a felicidade. Não cuidam nem da vida deles ficam querendo atrapalhar a nossa, querendo tirar a gente daqui. Vem e você vai entender o que estou te dizendo.⁵³

Para Cida, só as prostitutas é que seriam capazes de dinamizar e movimentar a cidade. A zona seria o único espaço onde as pessoas poderiam viver livremente, extravasando seus instintos e vontades quando, na verdade, sabemos que na zona as normatizações, os enquadramentos e os códigos morais também estão presentes. Sendo assim, acredito que a forma como discorre sobre o espaço da praça, onde moças e rapazes se encontravam em dias de domingo após as missas, deve ser entendida como sendo menos uma atitude crítica do que um sentimento-posicionamento de revolta, afinal, nesta época, as prostitutas eram proibidas de transitarem pela praça.

Entretanto, as últimas linhas deste trecho são extremamente interessantes, pois fazem referência a dois temas que perpassam todo este trabalho: o progresso e a campanha de moralização. Esses temas, como mostrarei adiante, se entrelaçam, pois todo o discurso do progresso fez da zona seu grande obstáculo, justificando, assim, a emergência da campanha. Tais temas, no momento da escrita desta correspondência, atingiam diretamente Cida, marcando profundamente sua subjetividade ao ponto de ela apresentar a cidade tendo-os como fio condutor. Trata-se, portanto, de perseguir as trilhas que nos levam a perceber a forma como Cida, bem como outras prostitutas de sua época, interpretaram estas questões se posicionando diante delas.

- “eles sonham muito...”: a cidade e o progresso.

Para Cida, um dos grandes problemas que envolviam a sociedade pouso-alegrense, durante essa década, era a ideia de progresso, o fato de que esta se

⁵³ Carta de Cida, 26 de julho de 1970.

preocupava demais com o futuro e com a imagem que passaria para os outros esquecendo, assim, de viver o presente. Neste ponto, o olhar de Cida incidia sobre o ideal progressista que, a partir da segunda metade do século vinte, tomou conta da cidade.

Neste período, Pouso Alegre iniciava seu processo de modernização, urbanização e industrialização. Saindo de uma estrutura agrária, com sua produção econômica voltada para produtos do campo, a nova ordem, a partir de então, era atingir o progresso e configurar-se como exemplo às cidades vizinhas. Com a chegada da industrialização, a cidade crescia e expandia seus limites para comportar a nova demanda de mão-de-obra que chegava para trabalhar nas fábricas.⁵⁴

Bem antes deste período, algumas medidas já tinham sido tomadas no sentido de remodelar a cidade.⁵⁵ No entanto, é só neste momento que começa a ganhar força todo um discurso incitador do progresso, como é possível identificar nos artigos de jornais da cidade. O *Jornal de Pouso Alegre*, em edição do dia 24/08/1968, publicava um artigo intitulado “Pouso Alegre e o seu progresso”, onde lembrava à população de que era preciso a união de todos para que o progresso deixasse de ser apenas um sonho e se tornasse realidade:

Notícia alvissareira por que o que a cidade precisa, no momento, é justamente a união de todos os seus filhos, para que possamos tomar as rédeas (...) para que tenhamos força para a arrancada do progresso. Pouso Alegre, o maravilhoso e gigantesco eixo rodoviário do Sul de Minas, tem que fazer valer esta situação privilegiada, tomando as rédeas da região em suas mãos. Mas isto só será possível se realmente existir a união política de seus filhos (...).

União política que parece não ter sido atingida, pois as incitações nos artigos vão longe e a cada nova edição dos jornais inúmeros outros textos são publicados, fazendo referência à necessidade urgente de colocar Pouso Alegre nos trilhos do progresso. Se a união política até então não havia sido alcançada, se as forças

⁵⁴ Ver: GOUVÊA, Octávio. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Graficenter, 1998; ASSIS, Eduardo. *Op. Cit.*; ISHIMURA, Juliano. *A praça João Pinheiro: cidade, memórias e viver urbano. Pouso Alegre, 1941-1969*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2008.

⁵⁵ Penso, por exemplo, no processo de calçamento e expansão da Avenida Dr. Lisboa, uma das principais avenidas da cidade, que ocorre já em 1938, bem como a remodelação da praça central, nas primeiras décadas do século XX.

ainda se mostravam desunidas, a união social, isto é, a absorção do ideal progressista por parte da população era ainda mais tênue.

A grande massa populacional não se sentia atraída por estes discursos, não vendo neles nenhuma vantagem ou benefícios. Basta lembrar que dois meses antes da publicação do artigo acima o mesmo jornal, em tom de reclamação publicava:

Pouso Alegre, a cidade que crescia vertiginosamente ao Deus dará (...) É preciso que o povo reaja contra este estado de coisas e exija que se faça alguma coisa pela cidade, sem visar diretamente a bolsa já minguada do povo. (...) A cidade é uma esperança, o povo bom e generoso, ordeiro e trabalhador. (...) É preciso a união de seus filhos, em torno do grande ideal de ver a cidade na trilha do progresso, a cidade sempre lembrada pelos seus feitos, a cidade admirada pela pujança de seu progresso (...).⁵⁶

Menos do que desenvolver uma densa análise sobre o tema do progresso na cidade, trata-se, neste item, de analisar como este discurso progressista se relacionou com o tema da moral em seus mais diversos campos, tais como, por exemplo, a sexualidade, a maternidade, o casamento e a prostituição.

- Ameaças eróticas

Na penumbra da alcova dos amores lícitos, onde os corpos se tocavam sem excesso para não violar o sagrado templo do criador, as rajadas dos ventos progressistas convulsionavam a calma do ambiente. Uma tempestade ameaçava solapar a harmonia dos/entre os corpos. O silêncio de antes, onde as almas dormiam tranquilamente, agora era tomado por um desassossego que amedrontava. Ruídos progressistas que produziam calafrios. As coisas estavam fora do lugar. A sensação era de um estranhamento nunca antes sentido. “O que há com Pouso Alegre?” passa, então, a ser uma pergunta constante na imprensa, que, a partir do

⁵⁶ “O que há com Pouso Alegre”. In: *Jornal de Pouso Alegre*, 22 de junho de 1968.

final da década de 1960, começava a escancarar, muitas vezes em primeira página, as mais recentes “mazelas” que assolavam a cidade.⁵⁷

Menos preocupado com as transformações espaciais da cidade, bem como com a entrada em cena de novos grupos, como mendigos e “forasteiros”, presenças estas que amedrontavam a elite política, *A Folha de Pouso Alegre* publica, em 26/10/1969, um artigo intitulado “Teu corpo”. De acordo com o texto, o corpo:

Em primeiro lugar é o templo maravilhoso de um Deus escondido e, por isso mesmo, uma obra de arte do escultor incógnito. Estuda-o desde todos os pontos de vista. Olha seu interior harmonioso, penetra o assombroso mistério de suas células; todo ele é uma beleza, é força, é graça, é enigma. Deus mesmo foi quem modelou sua forma. (...) Teu corpo é sagrado; teus desejos também são sagrados (...). Dá-lhe tudo com amor e sem excesso, assim como a mãe dá quanto pode ao seu filho (...) Não manches jamais com baixeiras.

Essa preocupação com o corpo, explorada pelo jornal no artigo acima, não é de forma alguma aleatória. Pelo contrário, situa-se num período de fortes mudanças sociais que alteravam as relações de gênero e os códigos morais.

Por meio da exaltação do corpo enquanto espaço e morada de Deus, abrigo do criador generoso que esculpiu cada uma de suas partes e o recheou de graça, o texto não deixa de valorizar o papel da mulher no interior da família, bem como, ao renegar os “excessos”, procura manter intacto a ideia de que na relação conjugal, o corpo, principalmente o feminino, deve ser usado única e exclusivamente para gerar novos templos divinos. Ou seja, a função da mulher é garantir a procriação, enquadrando-se, assim, dentro de uma identidade de gênero que para ela, era seu destino natural e biológico: a maternidade. Como analisou Margareth Rago: “Casadas, as mulheres reafirmariam uma identidade natural saudável, que às destinava a maternidade”⁵⁸.

Dentro desta lógica, não há espaço para o prazer fora das relações conjugais, nem tampouco para as experimentações prazerosas de que o corpo é capaz. Segundo incentiva o texto do jornal, o corpo deve ser frígido, frio, enrijecido. O único desejo permitido é aquele em que Deus derrama suas graças, e não o que leva o corpo a vibrar com o toque do outro. Desta maneira, o desejo deve percorrer as

⁵⁷ Veja-se, por exemplo, o artigo: “O que há com Pouso Alegre”. In: *Jornal de Pouso Alegre*, 22/06/1968.

⁵⁸ RAGO, Margareth. “O prazer no casamento”. In: *Cadernos Ceru*. Série 2, nº 7, 1996, p. 101.

veias de um corpo que busca o amor na insipidez das sensações e sentimentos. Para a mulher, dentro deste imaginário, o corpo do outro, másculo e viril, se apresenta como ondas violentas de um oceano que varrem e levam para longe qualquer ponto de excitação que possa despertar qualquer tipo de prazer que não esteja canalizado para fins procriativos.

O prazer, de acordo com a tradição cristã, viola a harmonia dos corpos, fazendo suas vísceras entrarem em verdadeiro colapso. Ele é um canal direto para a perdição e carbonização da alma. Força incontrollável que é preciso, portanto, vigiar constantemente num jogo de policiamento de si mesmo que visa à renúncia e à anulação das potenciais corporais. Entendido como mal, um pecado que espreita, ele é capaz de borrar as silhuetas da magnífica obra do criador. A recusa ao prazer foi, assim, uma das formas mais eficientes da qual o cristianismo se apropriou para oprimir o ocidente.⁵⁹

Nesta direção, a intensa preocupação do jornal em relação ao corpo é sintomática. Ela é capaz de mostrar como os ventos progressistas haviam trazido, junto às suas rajadas, uma tempestade de mudanças e deslocamentos. Mesmo sonhando com o progresso, objetivando igualar-se às grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, Pouso Alegre procurava manter, assim como essas grandes cidades, seus velhos padrões de sociabilidade intactos. Qualquer mudança, mesmo que ainda sentida sensivelmente neste período, gerava pânico, medo e ansiedade.

É o que se pode perceber em outro texto publicado um ano depois, também pelo jornal *A Folha de Pouso Alegre*. Neste artigo, o jornal parabeniza as autoridades locais da cidade pela “rápida” e “enérgica” ação que tomaram contra a possível realização de um show de *strip-tease* na cidade. Dividido em duas partes, o texto analisa o fato propriamente dito e, posteriormente, constrói uma análise sobre ele.

Primeiro o fato. Sexta-feira, 2/10/1970. Um grupo de artistas vindos da cidade de São Paulo realizaria, em dois horários distintos, 20 e 23 horas, um espetáculo de *strip-tease* no Cine Glória. No entanto, faltando menos de um mês para o show, foi organizado um abaixo-assinado visando impedir sua realização. Endereçado ao promotor de justiça da época, “Dr. Carlos Brandão”, o documento reuniu, segundo *A*

⁵⁹ Ver: GOFF, Jacques Le. “A recusa do prazer”. In: *Amor e Sexualidade no ocidente*: edição especial da Revista L’Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992. pp. 150-162.

Folha de Pouso Alegre, aproximadamente duas mil assinaturas tendo a seguinte justificativa:

Os abaixo-assinados, representantes de todas as classes sociais de Pouso Alegre, solicitam de V. Exa., a sua decisiva intervenção para que o espetáculo de strip-tease, (...) não seja levado a efeito, por se tratar de verdadeiro acinte aos princípios morais e religiosos que sempre nortearam a conduta da gente pousoalegrense. Tais espetáculos, por sua natureza deletéria de fundo absolutamente imoral, só tem a finalidade de estabelecer a corrupção dos costumes sob a falsa capa da exploração artística.⁶⁰

Para atender ao pedido da população, o promotor de justiça contou com a ajuda do então delegado de polícia “Dr. José Tavares” e do juiz de direito “Dr. Murilo Pereira”, que rapidamente proibiram a concretização do espetáculo. No entanto, interessa aqui menos o fato em si do que as justificativas que preenchem este documento. Uma delas se refere ao fato de que o show seria uma afronta, um “acinte” aos princípios “morais e religiosos que sempre nortearam a conduta” da cidade. Ora, a própria ideia de trazer para Pouso Alegre um espetáculo como esse já é o bastante para mostrar que tais princípios já não mais sustentavam a moral vigente.

Se alguns dos avanços trazidos pelo progresso eram tão aclamados pela população, como o desenvolvimento industrial, por exemplo, outros, que dizem respeito aos costumes e à moral propriamente dita, não eram vistos de forma positiva. Aqui o progresso escancarava seu lado perverso e violento, agente devastador que destrói velhas certezas, capaz de levar à destruição dos costumes. O problema é que a modernização não atingia a cidade apenas enquanto espaço físico, mas invadia em cheio o corpo social, retirando suas zonas de conforto.

Por isso a ênfase constante em lembrar a população dos seus princípios morais universais, como faz o abaixo-assinado acima. Num misto de ânsia pelo progresso, pelo novo e pelo moderno, a elite política de Pouso Alegre buscava cristalizar seus códigos, mantendo-os intactos. Neste contexto, a imprensa foi um veículo altamente influente, com um poder de atuação bastante contagiante que perdia apenas para a Igreja Católica. Pelo menos até a década de 1970, quando,

⁶⁰ “Pouso Alegre repele show de strip-tease”. In: *A folha de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 24/10/1970.

mesmo diante de inúmeras tentativas, esse poder, tanto da imprensa quanto da Igreja, já não mais conseguia ter o alcance de outrora, o que não significa, é claro, que perdera força. Longe disso!

Mas as relações de poder são inventivas e móveis, se adaptam e se reinventam criativamente. Assim, mesmo percebendo que tudo estava se deslocando de seus lugares, que as coisas se moviam diariamente de acordo com os novos ares, mesmo assim, *A Folha de Pouso Alegre*, na segunda parte do texto não deixa de mostrar que:

Está de parabéns o povo de Pouso Alegre que felizmente ainda pode unir-se às mais dignas autoridades para impedir a invasão de onda pornográfica que ameaça solapar os alicerces da família. (...) Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?⁶¹

O corpo nu feminino, dançante e convidativo estabelecia um jogo de sedução que violava diretamente as normas. Sobre o palco, corpos que pulsam e vibram nas ondas sonoras de músicas que convidam a experimentar sensações múltiplas, distintas radicalmente daquelas vivenciadas nas alcovas dos amores lícitos. O show erótico permitia, assim, extravasar os impulsos, fazendo o corpo daqueles que assistem entrar em ebulição de prazeres. Prazer de possuir, de sentir e de tocar. Como destacou Margareth Rago:

O desvendamento provocado pela introdução do *strip-tease*, a possibilidade de pagar pela dança com uma companhia feminina, de ver sua imagem nua à distância, no palco ou na foto, fascinava um certo público e incitava a uma outra produção de olhares, de representações, de modos de ver, em busca de uma contínua ampliação do campo de visibilidade às regiões mais recônditas do corpo e da vida.⁶²

Daí o medo e a ameaça. O erotismo presente nesses espetáculos, de acordo com a visão do jornal, era uma violência direta ao corpo, entendido como morada de Deus. Sendo assim, agredia diretamente o próprio corpo do criador, violentando e fazendo sangrar, portanto, seus membros. Como demonstrou Giorgio Agamben, na

⁶¹ Idem.

⁶² RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 146.

tradição cristã há uma conexão direta entre nudez e pecado.⁶³ O corpo nu ou a “corporeidade nua”, como nos mostra este autor, é o corpo portador da culpa, pecaminoso e obscuro.⁶⁴ A nudez é aquilo que retira do corpo tanto a veste como a graça divina, fazendo dele um corpo em carne viva, que sente na pele as queimaduras da vergonha.

Por isso, era preciso fazer crer que tal espetáculo era preenchido por ovelhas desgarradas do rebanho, que se perderam de seus pastores por livre escolha. No entanto, era necessário também fazer crer muito mais do que isso. A distância em relação ao pastor lança o corpo desgracioso, exposto e vulnerável às emaranhadas teias do pecado, diretamente para o fundo. Não é difícil de imaginar a força de um artifício como este no interior de uma sociedade onde o inferno se apresentava como um temível e grande cadafalso.

No entanto, os tempos eram outros e paulatinamente a cidade era surpreendida por novidades que exigiam do poder novas (re)atualizações e adequações. Novidades como o *strip-tease*, por exemplo, que poderiam mostrar principalmente às mulheres que se desgarrar do rebanho divino e se rebelar contra o pastor, isto é, contra o padre, podia ser a assinatura de sua sentença de morte.

É assim que o erotismo rondava a sociedade pouso-alegrense como um espectro. Fantasma que fazia com que o silêncio das noites fosse acometido por um desassossego. Silêncio com desassossego que provocava tremores nos corpos dos moralistas, surpreendidos pelas “novas demandas” que “estavam sendo incorporadas por esta sensibilidade modernizante, inclusive no âmbito sexual”⁶⁵.

Mesmo que de forma insipiente, o progresso e a modernização, advindos com a chegada de muitas indústrias, provocavam mudanças na forma de ver e sentir a cidade. As missas de domingo passavam a não ser mais o evento tão esperado da semana, e muitas pessoas se desviavam do caminho da igreja para frequentarem mais ativamente os dois cinemas existentes: o Cine Glória e o Cine Eldorado⁶⁶. Começava a desenvolver, deste modo,

uma sociedade “voyeurista”, em que dificilmente se poderia reprimir o desejo de assistir ao jogo do “esconde-esconde” dos

⁶³ AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010, p. 74.

⁶⁴ Idem, p. 93.

⁶⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Op. Cit., p. 145.

⁶⁶ GOUVÊA, Octávio. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Graficenter, 1998, p. 177.

corpos femininos, propiciado pelos espetáculos de *strip-tease* ou pelas fotos eróticas.⁶⁷

Diante dessa nova sensibilidade, as primeiras agonias de Maria, exemplo a ser seguido por todas as mulheres, começavam a ser sentidas. Para combater as ameaças eróticas que chegavam pouco a pouco em cada nova aurora, era preciso convencer as mulheres da importância capital de seu papel no interior do sonho progressista.

O *Jornal de Pouso Alegre*, em edição de 27 de julho de 1968, publicava um artigo parabenizando o professor de direito Doutor Rômulo Coelho⁶⁸ pela “apreciada conferência” que realizara na cidade para um público de “senhoras e senhoritas”, onde abordara o tema dos direitos das mulheres e das conquistas que lhes foram outorgadas. Entre tais direitos o professor destacava:

O trabalho da mulher casada, e escolha do domicílio do casal, a responsabilidade dos bens comuns por dívidas do marido, regime de separação de bens, [entre outros] (...) Isto é bom para Pouso Alegre, divulga nossa cidade e difunde nosso conhecimento jurídico elevando cada vez mais nosso prestígio.

Se atravessarmos a documentação da época, veremos que essas palavras ficavam ao nível da teoria, já que na prática a nuance do período era bem diferente. É neste aspecto que as palavras da prostituta Cida, ao conceituar Pouso Alegre como sendo a cidade das aparências, fazem sentido. A elite política pretendia fazer da cidade um exemplo a ser seguido, tornando-a o grande destaque entre as cidades do Sul de Minas Gerais. Porém, ao mesmo tempo em que buscava fabricar uma imagem idealizada, varria para debaixo do tapete todas as suas contradições e ambiguidades, principalmente no que dizia respeito ao papel social da mulher.

Neste sentido, mesmo diante da tentativa do *Jornal de Pouso Alegre* em fazer crer que a cidade avançava no que dizia respeito à igualdade de gênero, como tentava mostrar o professor Rômulo Coelho, as coisas caminhavam a passos lentos. Tanto a iniciativa do jornal quanto a do próprio professor devem ser entendidas como jogos estratégicos das relações de poder que atravessavam estes discursos.

⁶⁷ Idem, p. 145.

⁶⁸ Neste período, Rômulo Coelho era professor na Faculdade de Direito do Sul de Minas, localizada em Pouso Alegre.

Toda a imagem santificada da mulher mãe, abnegada e sem gestos, emoções ou sentimentos, criadas para Deus e para a satisfação sexual de seu esposo já estava fortemente presente no imaginário da cidade há muito tempo. Porém, é só a partir deste período, frente à ameaça da industrialização, que emerge nos jornais um discurso que se dirige exatamente às mulheres, com o intuito de lembrá-las de sua missão, tão importante para a manutenção da família. Como demonstrou Margareth Rago,

À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio.⁶⁹

A Folha de Pouso Alegre noticiava com estranheza o fato de que uma grande quantidade de mulheres haviam se apresentado para trabalhar na primeira fábrica que começava a funcionar na cidade.

As pessoas interessadas em trabalhar nas fábricas que se instalam em Pouso Alegre foram em número bastante grande, pois nossa reportagem pode presenciar no fórum local, o grande número de moças e senhoras interessadas em adquirir sua carteira de trabalho. Dentro de poucos dias teremos a chamada para outras fábricas, nas quais teremos o ingresso de moças e rapazes em um mesmo trabalho.⁷⁰

Pouco tempo depois desta publicação, *A Semana Religiosa*, em edição do dia 13/05/1973 publicava um artigo cujo objetivo principal era exaltar a importância do papel da mulher no interior da família. No texto, a figura da mulher mãe emerge como aquela que ama a solidão do lar, que retira de sua natural fragilidade a “força capaz de derrotar os exércitos”. Ela é doce, compassiva, cheia de graça e de ternura, e seus “ombros, são verdadeiros refúgios” que amenizam o cansaço do homem. Ela é a segurança do lar e por isso “quando todos se entregam ao repouso do sono, seu coração vigia como a sentinela que não dorme”.⁷¹

⁶⁹ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 62.

⁷⁰ “Prefeitura Municipal faz chamada à primeira fábrica: 300 moças”. In: *A Folha de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 11/01/1973.

⁷¹ “As mães”. In: *A Semana Religiosa*. Pouso Alegre, 13/05/1973. Todas as frases entre aspas deste parágrafo foram retiradas deste artigo.

Dessexualizando a mulher e retirando dela o direito ao prazer, o jornal buscava construir um modelo de mulher à imagem de Maria – santa, abnegada e sem vontade própria. Como escreveu Rago:

A figura da mãe, associada à Virgem Maria, santificada, pura, ingênua, trabalhadora, preocupada com a saúde dos filhos e do marido, toda sacrifício, é assimilada à estátua de pedra ou mármore, frígida, imaculada, sem corpo e sem sexo.⁷²

Portanto, num momento onde o sonho progressista se tornava assunto de primeira página nos jornais da cidade, há, em contrapartida, uma preocupação extrema em manter inalterados os códigos de gênero. A maior presença das mulheres nas praças, nos cinemas, nas ruas causava ansiedade e medo. O jornal *Alvorada*, em 1/09/1967 publicava:

Nossa cidade quer ser a princesa do sul de Minas Gerais. Mas precisamos estar sempre alertas para não cairmos nas armadilhas que o progresso nos traz. Precisamos ser bem firmes para mantermos tudo como está, cada um no seu devido lugar. Precisamos alertar nossas senhoras que insistem em serem vistas pelas ruas (...) não podemos nos esquecer da importância dos nossos valores (...)

O memorialista Moacyr Reis também não via com bons olhos a liberdade dada às mulheres. Para ele, as conquistas femininas eram as principais responsáveis pela desagregação da família. Misógino, ele é fervorosamente contrário ao divórcio, tendo a mulher, de acordo com a sua visão, que se submeter ao marido em qualquer situação.⁷³ Sem vontade própria, a mulher deve ser um fantoche, sempre disponível e acessível. Ela deve estar sempre em prontidão, à espera para ser caçada, devorada e comida. Ela não pode se preocupar consigo mesma, pois deve estar, a todo o momento, ocupada com o mundo de seu marido, pensando sempre em sua satisfação e bem estar.

⁷² RAGO, Margareth. “De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil.” In: RIBEIRO, Renato Janine (Org.). *recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 223.

⁷³ A este respeito, ver: REIS, Moacyr. *Memórias de um bom malandro*. Pouso Alegre: Graficenter, 1997, p. 177 e seguintes.

A mulher deve, desde pequena, aprender a arte da renúncia.⁷⁴ Renunciar a si mesma, deixando de lado suas vontades, seus sonhos e objetivos. A mulher direita, que preserva sua honra e imagem é aquela que se esquece de si, que aprende a olhar com desconfiança suas emoções e sensações. Seus desejos e prazeres são perigosos, afinal, seu corpo é o templo de um “maravilhoso Deus”⁷⁵ e sua felicidade, nesse sentido, não é para este mundo.

Na “cidade das rosas”⁷⁶, muitas mulheres foram ensinadas pelo discurso religioso a conviverem com os espinhos da culpa. No interior de um sonho progressista, elas foram consideradas como as grandes responsáveis em não deixar este sonho se transformar em pesadelo. No momento em que uma pequena, mas já assustadora parcela das mulheres começava a ganhar a rua, visualizando novos ares para além do lar, tendo a possibilidade de redesenhar com novos contornos seu futuro, as estratégias deste discurso sofrem um deslocamento tático. Emerge, assim, a ideia da culpa, que incide diretamente sobre elas. Passa-se a lançar sobre a mulher “o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho”.⁷⁷

Vistas como indefesas, emotivas e sonhadoras, era preciso vigiar as “mocinhas”, principalmente em dias de domingo, onde na Praça Central Senador José Bento, após as missas, havia o “célebre passeio em sentidos opostos”, como narra Octávio Gouvêa em suas memórias⁷⁸. Na seção de sua obra dedicada aos entretenimentos, o memorialista enumera os principais pontos de divertimento da cidade⁷⁹, destacando a praça como sendo o principal deles. Ali moças e rapazes se reuniam para trocar olhares e carícias, mesmo que estas muitas vezes fossem apenas imaginadas.

Embora Gouvêa tente romancear esta prática, apresentando a praça como um grande jardim “florido de moças e rapazes (...), onde se iniciavam os flertes preliminares e tinham início os namoros” sabemos, com Certeau, que os jogos dos

⁷⁴ Este imaginário caminha em comum acordo com o pensamento de Rousseau e sua teoria da domesticidade. A este respeito, ver: RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. Op. Cit.*; e também, desta mesma autora, cf: “Prazer e perdição: a representação da cidade nos anos vinte”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 7, nº 13, 1987.

⁷⁵ Expressão retirada do artigo “Teu corpo”, publicado pelo *Jornal de Pouso Alegre*, no dia 26/10/1969.

⁷⁶ Referência ao título de uma nota publicada pelo *Jornal de Pouso Alegre*, em 12/05/1973.

⁷⁷ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 63.

⁷⁸ GOUVÊA, Octávio. *Op. Cit.*

⁷⁹ Idem, p. 177.

passos moldam espaços e tecem os lugares.⁸⁰ Neste sentido, a praça era um espaço de sociabilidade importante para a cidade que, neste período, dispunha de escassas opções de lazer.

Gouvêa olha para este passado de forma cética e saudosista. Se ele faz questão de registrá-lo em suas memórias, é sempre para lamentar a extinção dessa “fase dourada (...) cujos costumes e hábitos já não existem mais”⁸¹. No entanto, sua visão panorâmica e totalizadora, sua busca por produzir uma memória que seja condizente com a construção de uma história contínua, livre de acidentes e rupturas, pode ser entendida no contexto daquilo que Lucia Castello Branco problematizou como sendo o “*discurso da lucidez*”.⁸² Ou seja, um tipo de discurso que não cede espaço para as questões do erotismo, que olha com indiferença para aqueles que ousam em se aventurar pelos caminhos de Eros. Tal discurso é fruto de uma sociedade que cada vez mais deserotizada, “reconhece apenas a linguagem do exame, da análise e da classificação”.⁸³

As indagações desta autora são bastante sugestivas para pensarmos o *footing* de homens e mulheres na praça central. Se a prostituta Cida olhava com desconfiança para esta prática: “é assim que eles amam?”, questionava ela⁸⁴ –, é com a prostituta Marta, em correspondência endereçada a uma amiga, que podemos nos aproximar mais de perto dos códigos e símbolos que atravessavam os corpos nesta sinfonia dos passos. Escreve ela:

Hoje eu estava passando pela praça e fiquei olhando e ri muito. Todo mundo andando de um lado pro outro cheio de vontade sem poder fazer nada. Dava pra ver nos olhos deles o quanto eles queriam fazer alguma coisa e não podem. Mas foi muito engraçado porque eu vi alguns beijando escondido ou passando a mão bem rapidinho. Dava até pra conhecer um ou outro. As moças quase não conseguem andar de tanto que elas estão tomadas de vontade de se entregar. Quando um pisca pro outro, o corpo parece que desmonta.⁸⁵

⁸⁰ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 163.

⁸¹ GOUVÊA, Octávio. *Op. Cit.*, p. 179.

⁸² BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 70. Volto a utilizar esta expressão ao longo do terceiro capítulo deste trabalho.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Carta de Cida, 26 de julho de 1970.

⁸⁵ Carta de Marta, 15 de fevereiro de 1971.

Ao escrever sobre um espaço de sociabilidade tão importante para Pouso Alegre, como era a Praça central, Marta utiliza a estratégia da desqualificação para explicar como as relações de gênero eram vivenciadas e experimentadas naquele espaço. Em sua interpretação, tanto os homens quanto as mulheres consideradas honestas, isto é, as “moças de família”, viviam sob o signo da interdição constante, não podendo expressar suas vontades. Ainda de acordo com ela, as moças são mulheres travadas pelas constantes interdições morais, que não conseguem andar direito, não podendo, portanto, expressarem suas sensações, afinal, como escreve no trecho acima, “estão tomadas de vontade de se entregar”.

Em sua forma de interpretação, “quando um pisca pro outro o corpo parece que desmonta”. Entretanto, distanciando-se do seu modo de ver, é válido sugerir aqui, que o desejo, a vontade de possuir o outro, a excitação causada pelo toque tímido dos corpos; ou ainda, a negação, isto é, o não querer o outro, a indiferença do olhar, o sentimento não correspondido, a angústia pela falta de um sinal, de um gesto possivelmente gerava um descompasso dos passos. No *footing* praticado na praça cada gesto compunha um compasso que violava os limites da imaginação, produzindo cenas e inventando momentos que mesmo o mais vigilante olhar não era capaz de impedir. Ali, os códigos morais que regiam as relações de gênero perdiam, por instantes, seus limites, suprimidos pela força do erotismo.⁸⁶ A prostituta Marta, em outro trecho de sua correspondência considerava o espaço da praça como sendo importante para as moças da cidade, isso porque a percebia e classificava-a como sendo o único espaço de liberdade para as mulheres. Observemos com atenção o que ela escreve a este respeito:

É só o que elas têm. É bom porque elas podem divertir lá, é um lugar de liberdade que elas têm na praça. Elas têm que saber aproveitar mesmo antes de se casarem porque aí acaba tudo e elas vão ser presas de novo.⁸⁷

Em sua representação da mulher direita e honesta, quem seria a prostituta para ela? Possivelmente aquela que é livre em todos os momentos da vida; que experimenta a existência ao sabor da ausência das amarras e interdições morais. Para Marta, o casamento parece ser uma prática que, sem exceções, restringe às

⁸⁶ Para uma noção do erotismo enquanto supressão dos limites, cf: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

⁸⁷ Carta de Marta, 15 de fevereiro de 1971.

mulheres o direito à liberdade. Reprimidas antes, durante e após o casamento, em sua visão, caberia àquelas mulheres aproveitarem ao máximo as diversões que o *footing* realizado na Praça lhes possibilitava.

Neste sentido, se ela fala de liberdade dentro deste contexto é para demarcar seu próprio lugar em contraste às outras mulheres. Noutras palavras, não se poderia afirmar com convicção que está preocupada em analisar e se posicionar de fato sobre a condição da mulher na sociedade pouso-alegrense. Ao falar e escrever sobre elas, o que sua escrita sugere é que possivelmente estaria discorrendo sobre si própria. Portanto, dizer que as mulheres não são livres, ou que são apenas enquanto estão inseridas no espaço da praça seria uma maneira de afirmar que ela sim experimentava o gozo da liberdade. Sendo assim, é preciso tratar suas afirmações com bastante cuidado.

Muito embora tenhamos destacado a dimensão erótica do “*footing*” que ali era realizado, a praça, enquanto espaço de sociabilidade, não deve ser classificada como sendo um espaço não normatizado, livre dos códigos morais vigentes, como pode sugerir, à primeira vista, a escrita de Marta.

Em outra direção, é preciso pensar a praça enquanto um espaço disciplinar, que possibilitava um olhar mais atento e individualizado sobre os corpos, controlando desta maneira seus movimentos mais sutis por meio de uma vigilância constante e onipresente.⁸⁸ Onipresença de um poder que, longe de ser repressivo, localizado apenas nos aparelhos de Estado, provém de todos os lugares, incitando, produzindo modos de ser e fazer.

Nesta linha de raciocínio, pode-se localizar a valorização da maternidade e a intensificação discursiva sobre o lugar das mulheres na sociedade, nunca antes vistas com tamanha intensidade nos artigos da imprensa, como uma grande estratégia por parte das relações de poder frente à ameaça do erotismo. Nunca se falou ou se preocupou tanto com o sexo como neste período e, ao contrário do que fazem crer os memorialistas e a historiografia local, esta não foi, para a cidade de Pouso Alegre, a era da grande repressão da sexualidade. O que se vê é uma proliferação discursiva em torno do sexo, um convite insistente a se falar dele para melhor valorizá-lo como segredo. Como destaca Foucault:

⁸⁸ Sobre o conceito de poder disciplinar ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. Foucault diz: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”. p. 133.

(...) há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa. (...) ⁸⁹ O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo. ⁹⁰

Foi dentro deste contexto que a figura da prostituta começou a ganhar visibilidade, abrindo caminho para a formação da campanha de moralização, como mostrarei no próximo item.

1.3 Entre tensões e ambiguidades: colocando o destino no prazer

O vento a recebeu na rua, a moça parou protegendo os olhos feridos pela luz. E de súbito a claridade a revelou.

Clarice Lispector, *A cidade sitiada*

Fazia um calor infernal no ônibus. Inquieta, Sonia não pensou duas vezes: tirou a blusa, ficando apenas com a saia e um lenço que jogou sobre os ombros. A confusão estava armada. Assustados com a sua atitude, os passageiros logo se rebelaram diante de tamanha provocação e afronta. O motorista estaciona o ônibus e tenta conversar com ela, que sem paciência, com calor e fome, nem dá ouvidos. Falando alto, colocando combustível na confusão, resiste e enfrenta a situação. Tentando resolver o impasse, porém dividido entre as reclamações dos passageiros, mas extremamente envolvido com suas insinuações, que deixava seu corpo à mostra, o motorista, aproveitando-se da situação encontra uma saída: Sonia terminaria a viagem junto com ele, na cabine do ônibus. A viagem segue. ⁹¹ Assim ela registra o ocorrido:

Mandei pro quinto dos infernos todo mundo que estava no ônibus. Povo burro das vendas. No fim eu que me dei certo.

⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011, p. 40.

⁹⁰ Idem, p. 42.

⁹¹ Informações retiradas da Carta de Sônia, 21 de setembro de 1969. Na correspondência, Sonia não diz de onde estava vindo.

Acabei a viagem sentada num banquinho junto com o motorista e ainda ganhei o dinheiro da passagem de volta. Eu não perco tempo. (...) ⁹²

De início, gostaria de chamar a atenção para o quanto Sonia, em sua narrativa, busca construir a imagem de uma mulher heroica, que vence destemidamente os preconceitos. Na descrição que abre este item, feita com base em suas palavras, bem como na passagem acima, ela se diz o tempo todo destemida e corajosa, que enfrenta as situações da vida de forma ativa. Entretanto, teriam as coisas ocorrido com tamanha magnitude? Trata-se de indagar: a qual necessidade responde o desejo de se mostrar como sendo a “valentona” do ônibus? Ora, toda a força e coragem que procura mostrar acabam sendo diluídas por ela mesma quando, no final do trecho anterior, assume toda a carga de sexualização que recai sobre a figura da prostituta. Depois da bravura e da briga, ela acaba na cabine do ônibus onde, segundo aponta sua escrita, entrega-se ao motorista. Ou seja, é ele, com seu poder de sedução quem consegue colocar um desfecho nesta história. Coube a ele a capacidade de “vencer” a fúria da prostituta heroica.

Feita esta ressalva, continuemos a percorrer sua escrita. Após um tempo “encostei minha cabeça na parede do ônibus e dormi”. Um pouco antes de chegar a Pouso Alegre, Sonia afirma que foi surpreendida pelo motorista, que “tentava me acordar de todo custo”, já que ela precisava se vestir antes de descer. Mais uma vez explica que se recusou e já na rodoviária, da forma como estava, desceu do ônibus.

De acordo com ela, a rodoviária estava lotada de gente, afinal, era o mais novo símbolo do progresso de Pouso Alegre. Oficialmente, seria inaugurada poucos dias depois de sua chegada, em 19/10/1969. Mas a situação voltou a ficar tensa novamente. Com base no que escreveu, sua presença causou um verdadeiro tumulto. Ela registra: “Desci do ônibus abraçando todos. Não sabia quem era quem. Mas queria fazer amizade, vim pra ficar aqui”, escreve ela. Seus gestos, e a forma como abordava as pessoas certamente a destacou em meio à pequena multidão que se aglomerava: “nunca vi tanta gente à toa na rodoviária”. A claridade a revelou e os olhares voltaram-se para ela:

Estava cansada, brava com o que tinha acontecido no ônibus e aquele monte de gente me olhando, grudando com os olhos

⁹² Idem.

pra cima de mim? Estou acostumada com tudo nessa minha vida, mas nunca vi nada parecido não. Desinfosei⁹³ ali mesmo. Parti pra cima de todo mundo.⁹⁴

Novamente, toda a carga de heroísmo que utilizou para compor sua narrativa sobre a cena do ônibus, volta agora de forma ainda mais forte. Sonia escreve que de súbito, tirou o lenço que cobria seus ombros e mostrou os seios aos olhares atônitos que não sabiam o que fazer diante de tal espetáculo: “Era homem tampando a cara das mulheres (...) e correndo dali”, registrou. Sem perder a oportunidade, aos gritos, ela chamava e convidava os homens para experimentar suas delícias na zona do meretrício, que a partir daquela noite, contaria com a sua assídua presença: “Estou lá esperando vocês pra beber e festar junto comigo”, conclui ela.

Todo esse escândalo narrado não poderia ser entendido como uma atitude de defesa diante do clima efervescente que pairava sobre a cidade naquele momento? Ao contrário de mostrar coragem e bravura diante do real, sua escrita não evidencia uma mulher acuada pela força dos estigmas que atingiam violentamente seu corpo? Ora, é válido lembrar que muito embora a rodoviária fosse uma “novidade” para os pouso-alegrenses, o número de famílias que se dirigiam para lá, esperando pelos novos visitantes, não era tão expressivo e volumoso como faz crer a correspondência de Sonia. De qualquer forma, o fato é que, infelizmente, a sua trajetória se apagou com o tempo, já que esta correspondência foi a única que restou de sua passagem em Pouso Alegre. Teria ela escrito outras? Provavelmente não, se cumpriu a promessa que fez no final da carta: “Fica com essas minhas notícias, porque a partir daqui eu apago a minha vida aí”. Entretanto, mesmo que não tenha escrito nenhuma outra correspondência, apenas essa é o suficiente para ilustrar a tensa relação que se estabeleceu entre a cidade e a zona do meretrício, a partir do final da década de 1960.

Poucos dias antes da chegada de Sonia, na edição do dia 14/09/1969, a *Folha de Pouso Alegre* publicava um artigo intitulado “A zona do meretrício é um cancro no coração da cidade”, questionando, em tom de ironia, “onde estão as autoridades competentes?”, cobrando, desta forma, “medidas drásticas” para resolver o problema da prostituição. O problema da prostituição se arrastava sem solução concreta desde a década de 1940, quando, pela primeira vez, a prostituição

⁹³ “Desinfosei”, assim essa palavra aparece escrito no original.

⁹⁴ Carta de Sonia. Carta de Sônia, 21 de setembro de 1969.

passara a ser alvo de um projeto regulamentarista que visava confinar a zona em um espaço localizado para fora dos limites da cidade.⁹⁵

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento industrial, Pouso Alegre sofre um expressivo crescimento urbano. A cidade vai se remodelando espacialmente, aumentando seus limites. Com isso, a geografia do prazer, bem demarcada até então, deixa de ser periférica e passa a fazer parte do “coração da cidade”, como escreve a *Folha de Pouso Alegre*. Neste sentido, a campanha de moralização, que emerge no ano de 1969, configurando a tentativa de colocar em prática um segundo projeto regulamentarista mediante o fracasso do primeiro, lança mão de uma estratégia bastante inventiva.

A nova Estação Rodoviária, tão esperada e exigida por todos⁹⁶, seria o símbolo mais concreto do progresso de Pouso Alegre, tendo sido construída para ser o seu cartão de visitas. No imaginário do período, a nova rodoviária deveria atuar como um verdadeiro chamativo para aqueles que chegassem. Por meio dela, os novos habitantes ou visitantes deveriam, logo à primeira vista, contemplar os avanços e belezas da cidade.

É neste ponto, levando em consideração a força deste imaginário, que a zona do meretrício desponta como um verdadeiro obstáculo. Os visitantes, chegando a Pouso Alegre, não teriam a oportunidade de ver como esta se mostrava bela e promissora, mas teriam seus olhos feridos pela “imoralidade, imundice e corrupção dos costumes”, afinal, neste período, a zona estava localizada “a 100 metros de nossa Estação Rodoviária”⁹⁷. Diz o texto do jornal:

‘Não podemos admitir que visitantes e passageiros levem daqui a impressão de terem aportado em uma terra onde a moral, a dignidade e o decoro público é representado por tal classe de elementos sociais. Chegou o momento de tomar enérgicas providências e por fim ao abuso e pouca vergonha que reina por estes lados’.⁹⁸

⁹⁵ Sobre este processo, ver: ASSIS, Eduardo. *A cidade e o mal necessário*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005.

⁹⁶ Nos anos anteriores, foram várias as cobranças por parte da população, para que o governo da cidade terminasse e inaugurasse a nova Estação Rodoviária. Essa cobrança ficou por conta do *Jornal de Pouso Alegre*, que dois anos antes da inauguração da rodoviária, publicou inúmeros artigos questionando “Onde é que está a rodoviária”, artigo de 16/09/1967, ou ainda: “O assunto é a rodoviária”, de 18/09/1968.

⁹⁷ “A zona do meretrício é um cancro no coração da cidade”. In: *A Folha de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 14/09/1969.

⁹⁸ Idem.

Como os ideais do progresso e da modernidade estavam bastante fortes no imaginário da população, dar visibilidade à zona do meretrício apresentando-a como um mal, um “cancro” que levaria ao fracasso tudo o que a cidade até então havia conquistado, representou uma estratégia de poder que deu margem para a emergência da campanha de moralização. Como mostrou Assis, esse foi “um pretexto forte o suficiente para mobilizar a opinião pública contra a zona de prostituição pouso-alegrense”⁹⁹. Finaliza a *Folha de Pouso Alegre*:

“Ou tomamos uma medida saneadora e deixamos de lado as complicações de ordem política e legal, ou nos associamos à baixeza moral que corrompe nossas crianças e preparam para o futuro, moços e moças cuja forja é a mais alta propaganda de um meretrício fatídico como o que nos assola. Continuaremos nossa campanha e daremos dados concretos do que seja a prostituição de nossa terra e a promiscuidade a que se vê obrigada a sujeitar a classe dos menos favorecidos pouso alegrenses.”

Extravagante e ousada, sedutora e perigosa, a prostituta é aquela que recusa a segurança do lar e se afasta da imagem da Virgem Maria. Pecadora, é amante dos vícios, adora os excessos. Fatal, é capaz de destruir qualquer projeto civilizatório com seu infalível e ameaçador poder de sedução. Seus gestos e movimentos, sua presença eletrizante e assustadora pelas ruas da cidade devem, segundo pensavam os regulamentaristas, ser rigidamente controlados. O corpo promíscuo da prostituta, por embaralhar e confundir os códigos normativos, deve permanecer confinado, para ser melhor vigiado e esquadrinhado pelo saber médico, jurídico, etc.¹⁰⁰

A construção do estereótipo da prostituta – mariposa em Pouso Alegre – está longe de ser uma estratégia isolada, inédita e singular, como destaquei na introdução deste trabalho. Assim como ocorreu em outras cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Londrina, por exemplo, entre o fim do século XIX e início do XX, atuou, como bem demonstrou Margareth Rago, como contraponto para

⁹⁹ ASSIS, Eduardo. *Op. Cit.*, p. 20.

¹⁰⁰ Ver: RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. *Op. Cit.*; RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. São Paulo: Paz e Terra, 2014; CORBIN, Alain. *Les fille de nocte*. *Op. Cit.*

a construção de um novo modelo de feminilidade: a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família¹⁰¹.

Ainda seguindo as trilhas abertas por esta autora é interessante frisar que o imaginário construído sobre as “mariposas” insere-se num “conjunto de dispositivos estratégicos de moralização”¹⁰² da sociedade pouso-alegrense que emergem no final da década de 1960, quando esta passa a exigir a transferência da zona da região central para outro lugar específico, distante do centro.

Esse objetivo inseria-se no programa dos defensores do sistema regulamentarista, surgido na França, no começo do século XIX, e que tinha como principal defensor o médico sanitaria Alexandre Parent-Duchâtelet¹⁰³. Percebendo a prostituição como doença, mal contagioso que é capaz de infectar o corpo social com as suas imundices e insalubridades, propagadora dos mais variados tipos de infecções, os regulamentaristas defendiam que as prostitutas deveriam ser confinadas em espaços próprios que configurariam a região do submundo.¹⁰⁴

Nesta direção, os regulamentaristas acreditavam que o Estado é quem deveria controlar o mundo da prostituição, organizando medidas de controle e confinamento que seriam facilitadas por meio da força policial. As consequências de tais medidas foram as piores possíveis, já que, desde a implantação do regulamentarismo, as prostitutas se tornaram alvo dos mais diferentes tipos de violência, tanto físicas quanto psicológicas.

O sistema regulamentarista foi amplamente questionado, e o ponto principal da crítica reside, como explica Margareth Rago, no “papel do Estado diante da prostituição.”¹⁰⁵ De acordo com ela, os “anti- regulamentaristas negavam ao Estado qualquer direito de interferência na liberdade individual dos cidadãos”^{106 107}.

¹⁰¹ Ver: RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. Op. Cit., dentre outros sugestivos trabalhos desta autora que discutem esta questão.

¹⁰² RAGO, Margareth. “De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil”. In: *Op. Cit.*, p. 222.

¹⁰³ Cf: PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre. *La Prostitution à Paris au XIX^{ème} Siècle*. Paris : Seuil, 1981.

¹⁰⁴ Ver as discussões de CORBIN, Alain. *Op. Cit.*

¹⁰⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Op. Cit., p. 139.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Fazendo uma conexão com o presente, é interessante lembrar que na atualidade, de uma forma geral, o movimento de prostitutas no Brasil luta pela legalização e regulamentação, por parte do Estado, da prostituição, a fim de que ela seja reconhecida como trabalho, e que as prostitutas tenham acesso aos direitos trabalhistas como qualquer outro trabalhador. Neste sentido, tramita atualmente no congresso o Projeto de Lei intitulado “Lei Gabriela Leite”, do deputado Jean Wyllys. Gabriela Leite, morta em 2013, foi uma das precursoras do Movimento de Prostitutas no Brasil. Fundou, no início da década de 1990, a organização Davida. Publicou dois livros, sendo eles: LEITE, Gabriela. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992., e LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Retorno a Gabriela Leite na conclusão deste trabalho.

Embora criticado posteriormente, este sistema ganhou adeptos em vários países, servindo como modelo e inspiração para enfrentar o “problema” da prostituição. Atravessando o Atlântico, o modelo defendido por Duchâtelet foi absorvido pelos médicos e juristas brasileiros no final do século XIX. Em São Paulo, a título de exemplo, o delegado Cândido Motta decretou o “primeiro Regulamento Provisório da Polícia dos Costumes”, como mostra Rago. Segundo explica esta autora, tanto para Duchâtelet quanto para Motta, “a prostituição tinha como função social canalizar os resíduos seminais masculinos, como os lixos e excrementos nos esgotos, sendo inevitável em qualquer aglomeração de homens”¹⁰⁸.

Ao contrário do que aconteceu nessas grandes cidades, em Pouso Alegre não houve a figura de alguém especializado defendendo e aplicando as medidas regulamentaristas, como ocorreu em São Paulo e na França. No entanto, mesmo assim, mostrando a força com que essas ideias e pensamentos misóginos assolaram o imaginário da época, o que ocorre na cidade é uma adaptação destes valores classificados como universais e, pior que isso, tratados como naturais.¹⁰⁹ O que se vê, analisando a documentação do período, é a união de um grupo de moralistas que tentavam encaixar essas ideias em um contexto social bastante diferente daquelas cidades.

É importante deixar claro que escapa aos limites deste trabalho analisar em pormenores as singularidades da campanha de moralização, acompanhando em detalhes seu desmembramento por meio da ótica daqueles que a engendraram.¹¹⁰ Na contramão desse percurso proponho acompanhar o desenrolar dos acontecimentos habitando o outro lado da margem, isto é, prestando atenção na forma como as “mariposas” enfrentaram os discursos moralizadores, seja na “noite negra e em meio à solidão”, seja “na rua triste e em meio à multidão”, criando com “a dança mais acesa” de seus corpos maneiras múltiplas de tentar escapar das

¹⁰⁸ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 133.

¹⁰⁹ É importante frisar que, de natural, esse imaginário, que ainda hoje impera sobre a prostituição, e consequentemente sobre a prostituta, não tem nada. Ele foi construído, a partir do final do século XVIII, início do século XIX, por diferentes discursos e saberes, principalmente médicos. Antes deste período, a história está repleta de exemplos que mostram outra relação com a prostituição. É o caso, por exemplo, das cidades francesas do século XV, analisadas por Jacques Rossiaud. Como nos mostra este autor, naquelas cidades, as prostitutas não eram tratadas, por exemplo, como mulheres decaídas, não se opondo, portanto, à mulher direita, nem à família. A este respeito, Cf. ROSSIAUD, Jacques. “A prostituição, a sexualidade e a sociedade nas cidades francesas do século XV.” In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Por fim, o é importante é buscar sempre pelas características singulares que cercaram a prostituição ao longo de sua história.

¹¹⁰ Este foi o trabalho feito por Eduardo Assis, *Op. Cit.*

estratégias de poder que atravessavam diretamente seus corpos.¹¹¹ Para isso, voltemos a Sonia.

- jogando com o escândalo: o corpo como arma de ataque

(...) Pois no bordel e no salão de jogos está a mesma delícia, a mais pecaminosa: pôr o destino no prazer.

Walter Benjamin, *Obras escolhidas III*

Quando Sonia desembarcou do ônibus naquele começo de tarde, não fazia ideia de como as coisas estavam tensas em Pouso Alegre. Como vimos, não foi preciso esperar muito para que vivenciasse o clima de tensão que rondava a cidade. E ela desceu exatamente no olho do furacão: a Estação Rodoviária. Prestemos atenção nas estratégias que ela utilizou para enfrentar a situação.

A campanha de moralização produziu técnicas de saber sobre a prostituta classificando-a como “infeliz”, decaída na escala social, mulher que agride e violenta constantemente seu corpo, entregando-se aos excessos dos vícios.¹¹² Esses saberes que emergem junto à campanha visavam dar visibilidade à imagem da prostituta construindo pouco a pouco estereótipos e clichês que circundavam as “mariposas” em torno de uma identidade patológica, afinal, segundo essa lógica elas negavam a harmonia do lar para se deleitarem nas imundices do submundo. Portanto, técnicas de saber e tecnologias de poder que investem diretamente sobre o corpo da prostituta.

Para entender essa atenção sobre o corpo da prostituta, como frente de interpretação, recorro a Foucault. Analisando os deslocamentos ocorridos dentro da tradição cristã, nos mecanismos de confissão da sexualidade, ele mostrou como o

¹¹¹ As expressões entre aspas deste parágrafo foram retiradas de Charles Baudelaire, in: *As Flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 54.

¹¹² “Telescópio”. *A Gazeta de Pouso Alegre*. Pouso Alegre, 30/09/1978. A coluna telescópio organizada pela Gazeta, cujo editor responsável era Antônio de Pádua Reis, publicou durante toda a campanha de moralização, notícias sobre a zona do meretrício e o desenrolar da campanha. O objetivo era sempre mostrar quem eram as prostitutas, seu modo de vida, seus hábitos, etc.

corpo do penitente foi, a partir do século XVI, paulatinamente deslocado para o centro desses rituais de confissão. Passa-se, a partir daí, a prestar atenção não mais sobre o aspecto relacional da sexualidade. Isto é, se até então as técnicas de confissão davam importância para o problema da relação com o outro, ou seja, quem era esse outro com quem se pecou, agora, num deslocamento tático, é o próprio corpo do penitente que entra no foco do interrogatório.¹¹³

Como explica Foucault, esse novo tipo de exame visa fazer um percurso metódico sobre o corpo, analisando seus gestos, sensações, atos, vontades, “a intensidade e a natureza do que ele próprio sente”. Procura-se fazer uma “espécie de anatomia da volúpia”¹¹⁴, uma “cartografia pecaminosa do corpo”¹¹⁵. O que há, portanto, de novo dentro desta tecnologia de poder utilizada pelo cristianismo é a irrupção do corpo enquanto portador de desejo e prazer. É no corpo que o prazer é sentido e é na carne onde ele é vivenciado e experimentado.

O corpo da prostituta é tratado como a visão concreta da luxúria. Corpo que vive e experimenta a carne enquanto espaço de deleite, inscrição para os mais diferentes desejos e sensações. Ao escancarar o pecado no corpo, as prostitutas foram alvos dos mais diferentes tipos de saber – médicos, jurídicos, religiosos – que buscaram esquadriñar suas vísceras e nervos.

Quando o corpo de Sonia é revelado em meio à pequena multidão que, segundo ela, então se aglomerava no pátio da rodoviária, ele é rapidamente identificado enquanto um corpo estranho e perigoso, que gerava insegurança. Na contramão, na vertigem de ser, ser de prazer e do prazer, Sonia era um convite para o caos. Uma subjetividade construída por meio de outra relação com a carne, que não aquela pregada pela tradição cristã: longe de ser morada e convite para o pecado, a carne era para Sonia vigas que sustentavam seus desejos e prazeres. Ela escreve:

Nunca fui de violência você sabe, mas eu uso o que eu tenho na hora de proteção e ali eu só tinha eu. E se estava todo mundo curioso comigo resolvi tirar tudo e mostrar os peitos mesmo e daí? pensa o que foi?¹¹⁶

¹¹³ ¹¹³ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 160.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem, p. 161.

¹¹⁶ Carta de Sonia. Carta de Sônia, 21 de setembro de 1969.

As prostitutas, como Sonia, jogavam com o escândalo. Utilizavam o corpo como arma de ataque diante das investidas campanha. A dança dos seus corpos obrigava às relações de poder-saber um reinventar-se constante. Sempre em prontidão, como mostram as cartas que escreveram, em muitos momentos não se esmoreceram frente aos acontecimentos.

Jogar com o escândalo significava para elas firmar outra atitude perante a vida: uma relação de enfrentamento que, muitas vezes, encontrou na solidariedade a potência para se manterem ativas e, até mesmo, vivas. É por isso que a recorrência constante ao “*nós*” é extremamente forte nas correspondências dessas mulheres, como mostrarei ao longo deste trabalho. Elas sabiam que a presença amiga da outra tornava a corrente cada vez mais forte, e elas apostaram nisso.

Em outra correspondência, a prostituta Ana¹¹⁷ conta como tentou conter os avanços da campanha, aprisionando um cliente seu em um bar da zona. A história aconteceu da seguinte forma. Após saber que o seu cliente estava envolvido com a campanha, ela explica que tentou convencê-lo a se afastar. Sem resultados, engendra um plano. Sabendo que ele tinha o hábito de descer até um bar após sair da boate, em uma noite, após segui-lo, esperou que entrasse no estabelecimento e logo em seguida apareceu de súbito. Até aqui nada fora do comum, pois grande parte das prostitutas desciam até esses bares após o fim do movimento nas boates, como elas mesmas registraram em suas correspondências e Moacyr Honorato Reis em suas memórias.¹¹⁸

Em seguida, dando sequência à narrativa, Ana conta que colocou seu plano em prática: “Ele estava lá de pé conversando com o dono do bar e bebendo. Estava de boca aberta de rir o desgraçado”. Foi então que ela chegou e o abraçou por trás: “Coitado, ele achou que eu estava querendo bebida, mas peguei no saco dele e segurei com tudo”. Tensão no bar. O homem, extremamente irritado, mas sem forças e certamente com muita dor, não tinha o que fazer: “Fala que vai continuar com isso covarde, seu bosta, fala agora”. Assim que o soltou, “o bosta me deu um tapa na cara”. Mas ela só estava começando a performance. Queria provocar, irritar, desqualificar, minar a virilidade do seu cliente. Ana explica que subiu em uma das cadeiras e começou a tirar a roupa. Após ter feito uma rápida dança, ela novamente se volta ao homem:

¹¹⁷ Carta de Ana, 17 de fevereiro de 1971. Retorno a esta correspondência no segundo capítulo.

¹¹⁸ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*

Eu queria ele, eu queria mostrar pra todo mundo lá que ele não é de bosta nenhuma. Fiquei na frente dele e comecei a gritar que ele não era de nada. Eu dançava, tirava a calcinha e esfregava meu corpo nele, jogava bebida no meu corpo. Fiquei molhadinha. Passava língua na cara dele, passava a mão no pau dele e nada. Porque o pau nem se mexia, de tanta dor coitado. Mas eu falava berrando vem, mostra pra todo mundo que você é homem aqui igual é lá quando fica querendo tirar a gente daqui e falando um monte de bosta da gente. Vai seu bosta. Você não acredita ele ficou um poste e todo mundo gritando pra ele como é que ele não fazia nada comigo oferecendo e dançando pra ele.¹¹⁹

Se realmente as coisas ocorreram como Ana escreveu, ela possivelmente provocou abalos na força do macho. Acabou com a imponência do falo, deixando seu cliente humilhado na frente de todos os outros homens, por meio de uma performance erótica guiada pela potência de um corpo cuja carne vibrava ressentimentos. Um corpo inferiorizado, estigmatizado e pisado por um imaginário misógino que o via enquanto posse e orifício. Era a insurreição desse corpo que necessitava vomitar a dura carga de preconceitos e violência que recaía sobre si. A sensação depois, de acordo com ela, foi de extrema leveza e calma. Ana registra que tirou um peso de suas costas e curtiu o fim da noite, se entregando às delícias da madrugada na zona, enquanto seu cliente desapareceu como um relâmpago em meio à escuridão das ruas.

Antes de mostrar como ela conclui esta história, gostaria de fazer uma breve consideração. Se Ana estava revoltada com o seu cliente pelo fato de estar envolvido com a campanha de moralização, a atitude tomada por ela dentro do bar, de certa forma, coadunou-se com todo o imaginário construído pela campanha em relação à imagem da prostituta. Se o imaginário social reduz a mulher prostituta ao seu sexo-orifício, ao subir na cadeira, como ela registra, insinuando-se aos homens que estavam ali naquele momento, numa atitude de sujeição, não teria ela corroborado com todo este imaginário? Afinal, ela recompensa os clientes justamente com a exposição de seu sexo, ao mostrar seu corpo nu. Portanto, se sua

¹¹⁹ Idem.

atitude de resistência toma o corpo como arma de ataque, acredito que é o Sexo¹²⁰ quem estrutura e engendra todas as suas posições dentro do bar. Assim ela conclui:

Eu sei que aquilo que eu fiz não adiantou de nada. Mas ele não me queria aqui e depois fazia isso tudo. Eu não deito mais com ele. Mas eu fiz isso pra mostrar que eu não tenho nada nas mãos a não ser o que eu sei fazer né, eu cansei de falar pra ele se você me quer porque se você me quer porque faz isso? só sei que eu cansei dele e da noite que eu fiz aquilo tudo, pensa pra ver né, trabalhei muito antes daquilo mas não voltei pra cá, fiquei lá no bar peguei copo de todo mundo, conversei e ri bastante, ganhei a madrugada e até ganhei mais um pouco (...).¹²¹

Mesmo tendo atitudes e posicionamentos contraditórios, Ana e Sonia parecem saber da potência e da força de seus corpos. Essa consciência e domínio do próprio corpo, como mostrou Foucault, só puderam ser adquiridos exatamente pelos efeitos de investimento do corpo pelo poder.¹²² Isso porque,

a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação, de seu próprio corpo contra o poder, (...) o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor.¹²³

As técnicas de saber, lançadas pela campanha de moralização a fim de produzir a verdade sobre a prostituta, por meio de tecnologias de poder inventivas e positivas que atingiam diretamente seus corpos, começaram a ser abaladas exatamente pela força desses corpos, que antes alvos, se voltaram contra o poder atacando-o diretamente. “E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado”¹²⁴, escreve Foucault.

É, portanto, o prazer no corpo quem produz uma dobra nas linhas de força do poder. É ele quem provoca uma rebelião desse corpo de prazer e de desejo que

¹²⁰ Utilizo a palavra Sexo, com letras maiúsculas, para fazer referência às discussões e problematizações de Michel Foucault em relação ao Sexo-Rei. A este respeito, cf: FOUCAULT, Michel. “Não ao sexo rei”. In: MACHADO, Roberto. (Org.). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2011, pp. 229-242.

¹²¹ Ibidem.

¹²² FOUCAULT, Michel. “Poder-corpo”. In: MACHADO, Roberto *Op. Cit.*, p. 146.

¹²³ Idem.

¹²⁴ Ibidem.

desde muito tempo foi atormentado tanto pela Igreja quanto pela Medicina, sofrendo as mais diferentes violações e violências em nomes dos pecados da moral.¹²⁵

É preciso pensar o prazer como força que alimenta as micro-resistências, isto é, como potência que rasga o corpo dotando-o de uma força capaz de impulsioná-lo, fazendo descarregar todas as agonias que aprisionam e sufocam suas energias. Se Sonia escandaliza com a nudez, Ana joga com o erotismo. Em ambas, no entanto, o prazer grita pelo/através do corpo e a crise é instaurada, provocando o caos nas investidas da campanha.

Mesmo diante das inúmeras pressões feitas na imprensa, cobrando medidas concretas do poder público para que se retirasse a zona do centro o mais rápido possível, “limpando”, assim, a região central da cidade, as autoridades, muitas vezes presas nas mãos das mariposas, ficavam sem saberem como agir diante dessas mulheres indômitas. A campanha se arrasta. O tempo passa.

Nem mesmo os inúmeros abaixo-assinados¹²⁶, cobrando das autoridades uma saída concreta para o problema da prostituição, foram suficientes. As “mariposas” continuavam batendo suas asas, rondando o progresso de uma forma ameaçadora. Diante disso, três anos depois da publicação do artigo da *Folha de Pouso Alegre*, classificando a zona como um “cancro” no coração da cidade, como vimos anteriormente, em 1972, as “mariposas” pousam na câmara dos vereadores, tornando assunto principal em algumas das reuniões.

- jogando com o segredo: a mulher, os corcéis e os vereadores

Quando o alvo é meu amante, nada posso contra mim mesma. Ao falar disso agora, relembro a hipocrisia do rosto, o ar distraído de quem olha outra coisa, de quem tem mais o que pensar (...).

Marguerite Duras, ***O amante***

Compondo a geografia do prazer, a zona do meretrício localizava-se no Bairro do Rosário, e era formada pelas seguintes ruas: David Campista – a principal rua –,

¹²⁵ A este respeito, ver as instigantes intervenções de: BORTOLANZA, Elaine. *Zonas de promiscuidade. Trottoir do desejo sexual*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. PUC-SP, 2012, p. 55-56.

¹²⁶ Foram vários os abaixo-assinados produzidos pela população local que mesmo com suas insistentes cobranças, viam as autoridades de braços cruzados, sem fazerem nada para solucionar o problema (Por que será?). Ver: ASSIS, Eduardo. *Op. Cit.*, p. 60-63.

Rosário, Tiradentes, Francisco Sales e Campos do Amaral. Segundo Moacyr Reis¹²⁷, à época da campanha de moralização havia na zona aproximadamente cinquenta casas, sendo a mais famosa e movimentada a Boate Novo Mundo, dirigida por Margarida Leite.¹²⁸

Margarida Leite é uma das figuras mais emblemáticas e misteriosas que compõem a história da zona central. Sobre ela quase nada restou à história, a não ser algumas breves passagens nas correspondências, além de falas masculinas que tendem a vê-la como uma mulher interesseira, que não se preocupava com as meninas que trazia para trabalhar em sua boate, oferecendo a elas péssimas condições de vida. O rastro mais “rico” de sua passagem pela cidade é feita por Moacyr Reis:

Essa poderosa, de nome Margarida Leite, era (...) a proprietária da boate Novo Mundo. Margarida era uma cafetina muito viva, que descobrira o fraco dos velhos. (...) Com isso, ela começou a cafetinar os coroaos. (...) Margarida e seu amásio tomaram conta do sistema de vida moral da cidade, seduzindo e desencaminhando os velhos moralistas com as suas garotas de programa.¹²⁹

Ao que parece, tanto pela leitura das memórias de Moacyr, quanto pelas correspondências, Margarida era uma mulher muito inteligente e sagaz. Natural da cidade de Barbacena, em Minas Gerais, chegou à cidade de Pouso Alegre na companhia de seu “amásio” Aguinaldo. Segundo o memorialista, adorava cavalos. Na casa em que morava na Rua Coronel Pradel, mandou construir um haras onde criava seus corcéis e com os quais desfilava sempre pelas ruas, em especial, na Avenida Doutor Lisboa:

Ela passeava, montava a cavalo na Avenida. Ela tinha vários corcéis, cavalos de raça, e ela colocava aquela bota, aquela calça e passeava na Avenida a cavalo. O delegado era amigo

¹²⁷ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*

¹²⁸ De acordo com Reis, até a década de 1960, a Boate Novo Mundo era de propriedade do vereador Argentino de Paula. Segundo conta o memorialista, Argentino deu esse nome à Boate porque acreditava que ali o velho mundo, que fazia grande repressão ao sexo, era substituído por um mundo diferente, um Novo Mundo, onde tudo era permitido. Entrevista concedida ao Professor Ms. Juliano Hiroshi Ikeda Ishimura, em 07/01/2007, em função do desenvolvimento de sua pesquisa sobre a Praça João Pinheiro, em Pouso Alegre. Agradeço a gentileza e a atenção do professor Juliano por me ceder a entrevista que realizou com o memorialista, pouco tempo antes de seu falecimento.

¹²⁹ REIS, Moacyr. *Memórias de um bom malandro. Op. Cit.*, p. 88.

dela. O promotor não. O delegado, o presidente da câmara e o prefeito. (...).¹³⁰

De acordo com Reis, Margarida dominou Pouso Alegre por uma década. Em sua visão, a trajetória de vida dessa mulher é sempre correlacionada ao tipo de relação que estabeleceu com os homens da cidade. Quer dizer, se conseguiu manter-se ativa dentro da sociedade, foi exatamente porque os homens com quem se relacionava lhe possibilitaram isso. Se construiu uma grande influência em meio aos “velhos” e políticos, esta relação é sempre explicada, na visão do memorialista, pela troca de favores que retiram de Margarida a capacidade de gerir independentemente sua vida.

O que foge da visão de Reis é o quanto Margarida soube zombar e enganar esses homens. Ora, as relações de poder são sempre flexíveis e flutuantes. A resistência nunca se encontra fora do poder. Ela emerge em meio a suas redes e toma, em momentos variáveis, a frente destas relações. Nunca há um dominante e um dominado. Os papéis se invertem, as posições se (re) encaixam.

Desfilar pelas ruas da cidade montada em seus corcéis era uma verdadeira afronta aos códigos normativos impostos não apenas pela campanha como também pelo discurso progressista. Ambos os códigos se coadunavam numa ordem discursiva que visava construir a verdade sobre o sexo da prostituta.

Todavia, Margarida soube muito bem afrouxar esses códigos. Estrategista, conquistou, como enfatiza Reis, tanto o poder executivo quanto o legislativo da cidade, tendo muitos vereadores, inclusive Argentino de Paula, em suas mãos. Se Ana e Sonia jogavam com o escândalo, como vimos acima, Margarida jogava com o segredo. Segredos que poderiam queimar as bases sólidas, familiares e políticas, nas quais esses homens se apoiavam.

Sem nenhuma segurança, alvo de saberes que as classificam como doenças que infectavam o corpo social, mulheres decaídas que sujavam e tornavam impuro o ambiente em que viviam, o segredo foi uma arma poderosa para essas mulheres. Margarida certamente tirava inúmeras vantagens sobre isso. Como escreveu Antônia em seu diário, era extremamente doce com os seus “amigos”. Não raro, se trancava com eles em algum quarto da Novo Mundo. Tinha esses homens em suas mãos. Antônia se perguntava:

¹³⁰ Moacyr Reis, entrevista de 07/01/2007.

O que será que eles falam tanto lá no quarto, eu queria ficar sabendo, porque ela fecha a porta e fica lá com eles muito tempo e depois no próximo baile eles podem fazer tudo aqui, podem fazer o que querem e ninguém fala nada porque eles e ela são muitos juntos, amigo mesmo.¹³¹

Acredito que esses homens viam em Margarida um canal direto para extravasar seus desejos. Talvez representasse para eles a porta de entrada no mundo do prazer, a oportunidade certa para conseguir a “mariposa” que quisessem para, assim, liberar seus instintos, já que de acordo com o código de conduta da época, mulher casada era para ter filhos, justificando a procura por parte do homem pelo mundo da zona.¹³²

Margarida concedia aos homens carta branca dentro de seus estabelecimentos, desde que não rompessem o pacto. Conselheira fiel¹³³ sabia muito bem recompensá-los, proporcionando-lhes noites de grande badalação, sempre trazendo uma menina nova para ser apresentada.

Antônia, porém, acreditava que Margarida não era apenas conselheira, que a relação dela com aqueles homens ia muito além. Em seu diário, escreveu categoricamente que Margarida era amante de muitos desses homens. Como escreveu Marguerite Duras, na epígrafe acima, é fato que Antônia percebia certa “hipocrisia do rosto” em Margarida, quando tentava passar um “ar distraído que olha outra coisa”. Muito embora ela tenha tentado mostrar e fazer acreditar que era uma mulher que “tem mais o que pensar”, Antônia se mostra perspicaz o bastante para perceber a fisionomia de quem caça o amante com os olhos, de quem busca segurar soltando, para não deixar transparecer os sentimentos. Diz o diário:

Ela pensa que eu sou tonta. As outras meninas podem até ser. Eu não, conheço bem a cara de quem tá apaixonado por outra pessoa. Ontem de noite enquanto ela estava aqui no baile tentava disfarçar virando a cara e conversando com os outros

¹³¹ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

¹³² A este respeito Margareth Rago explica: “A ciência médica e posteriormente a psiquiatria procurarão mostrar cientificamente, confirmando as opiniões dos positivistas, que o homem tem um desejo sexual mais acentuado do que ela por sua própria constituição biológica, o que, por sua vez, justifica a procura da prostituta pelo marido que respeita a esposa mas, ao mesmo tempo, deve afirmar sua virilidade”. In: “De Eva a Santa, A dessexualização da mulher no Brasil”. *Op. Cit.*, p. 223.

¹³³ Antônia diz em seu diário que certa vez questionou um cliente seu perguntando porque “fazia tantos favores” para Margarida. Segundo ela, a resposta foi a seguinte: “Margarida é os meus ouvidos que eu não tenho fora daqui, me dá muita opinião e escuta meus problemas”. In: Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

pra não mostrar que estava preocupada com um que estava sentado cheio de meninas juntos. Ela tenta disfarçar, mas nem estava prestando atenção naquilo que os outros falavam pra ela.¹³⁴

Não importa se as palavras de Antônia e de Reis condizem com quem realmente foi Margarida Leite. O interessante é mostrar sempre a possibilidade da dúvida, afinal, como uma de suas “mariposas”, Antônia tinha razões suficientes para se irritar com ela dando-lhe, portanto, uma imagem negativa. Na mesma direção, o memorialista Reis, que tentando construir uma memória harmônica para o tipo de cidade que ele queria que permanecesse viva na história, pode ter criado clichês e estereótipos sobre sua imagem.

O fato é que a linha do horizonte foi curta para Margarida, que morreu¹³⁵ tempo depois da campanha chegar ao fim. Se o horizonte se fechou precocemente aos seus olhos, a realidade lhe foi perversa. Reis conta que ela foi assassinada ironicamente na região central da cidade, vítima de 15 facadas desferidas por um homem que ela abrigou dentro de casa. Naquele momento, muitos de seus amigos e clientes ainda estavam vivos, no entanto, nenhum deles sequer cuidou do seu enterro, e Margarida foi enterrada como indigente, lembra o memorialista na mesma entrevista. A mulher, que fez do segredo e do silêncio uma lança afiada, teve sua voz calada pela perversidade do tempo. Hoje, ela não passa de uma figura folclórica na memória de muitos da cidade, mas mesmo assim, continua contribuindo para que essa memória seja recheada, por menor que seja, com um toque de erotismo.

Essa morte violenta não pode servir como uma barreira que mascare o quão perversa foi. Moacyr Reis conta sobre uma prática existente na boate Novo Mundo antes que fosse entregue aos cuidados de Margarida, mas que, como mostra Antônia também era frequente nos tempos da cafetina. Diz o memorialista:

Após o trabalho da mulher [prostituta], ela vinha com uma bacia, aquelas bacia de lavar o rosto, de água quente e um sabonete, e após o caboclo fazer o sexo com ela, ela lavava o pênis do freguês, enxugava e punha talco (...)¹³⁶

¹³⁴ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

¹³⁵ Durante a pesquisa vasculhei os arquivos da cidade, visitei a delegacia e os cartórios a fim de conseguir a data da sua morte. Não encontrei. As pessoas com quem conversei, mesmo que informalmente, não se recordam quando foi a data da sua morte. Elas se lembram apenas em que circunstância ela se deu.

¹³⁶ Moacyr Reis, entrevista de 07/01/2007.

Reis utiliza essa descrição para mostrar como a Novo Mundo era uma boate “higiênica” e limpa, sendo que os clientes podiam deitar sem receio nas camas cobertas por lençóis impecáveis. Suas palavras transbordam uma violência de gênero que enclausura a prostituta dentro de uma identidade que se reduz ao seu sexo-orifício. Após se submeter ao programa, após servir como descarga seminal, a prostituta ainda deve submeter-se ao papel de limpar o pênis sujo de excrementos do seu cliente e, além disso, jogar talco depois. Nada mais violento, machista e falocêntrico!

Antônia também toca neste assunto em seu diário. No entanto, ao contrário da descrição de Reis, suas palavras são de indignação e raiva: “Não faço mesmo. Se ele quer limpar, limpa ele. Nem que a Margarida me mate eu não faço isso de limpar o pau de ninguém. Eu não sou servente dele, eu sou mulher e pra mim não existe isso que ela quer que a gente faça”¹³⁷.

É importante lembrar, mais uma vez, que é esse corpo de desejo e de prazer quem provoca a crise e gera o caos na campanha de moralização, deixando os homens que nela estavam envolvidos muitas vezes sem terem o que fazer. Se de um lado a população cobrava resultados, de outro as “mariposas” contra-atacavam, colocando os políticos em uma situação bastante delicada.

Quase uma década depois da emergência da campanha na imprensa local, *A Gazeta de Pouso Alegre* não deixava as cobranças de lado, publicando semanalmente, na coluna “Telescópio” artigos cobrando respostas e atitudes frente à inércia das autoridades. Em edição do dia 12/11/1978 o jornal publicava:

A zona Boêmia de Pouso Alegre continua abandonada, isto é, sem o policiamento intensivo (...), dando às exploradoras do lenocínio toda a liberdade de fazerem o que querem. Existem ali, nas esquinas das ruas David Campista – Campos do Amaral, dois inferninhos, onde as proprietárias e inquilinas, da mais baixa categoria, sem nenhum pudor ou respeito a moral, dão verdadeiros vexames, não só gritando palavrões como aliciando transeuntes (...). (...) atentam acintosamente contra a moral, permanecendo seminuas e decompostas em plena rua (...).

Como capturar essas mulheres, que eram filhas da noite, companheiras da lua, amantes da escuridão? Como agir diante dessas “mariposas” que, com suas

¹³⁷ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

asas ligeiras, radiantes e luminosas, se destacavam até mesmo naquela hora indecisa do crepúsculo? Como conter essas “decaídas”, “perigosas” e “loucas” que rasgavam o verbo sem medo ou pudor? O que fazer com essas “musas das ruas” que vicejam “nos becos e rebenta nas praças, entre o barulho da população e a ânsia de todas as nevroses”¹³⁸?

Encurralados, inseguros e com medo os vereadores levaram o problema da zona do meretrício para dentro da Câmara Municipal. As “mariposas” pousam no centro do poder. Desta forma, o ano de 1972 marca o início de uma série de debates que ocorreram naquele lugar. A partir desse ano, as pressões populares aumentaram e fizeram com que as autoridades públicas comesçassem a dar mais atenção ao problema da prostituição.

A sessão do dia 22/05/1972, traz como pauta principal a questão das “mariposas”. O assunto provocou dissidências entre os vereadores, e cada um partilhava de uma opinião diferente. Enquanto alguns vereadores foram mais incisivos na resolução da transferência da zona, instituindo um prazo máximo de quinze dias para o esvaziamento do meretrício, outros discordavam de tal decisão, propondo que se olhasse para a questão de “maneira humana”.

A discordância de opiniões entre os vereadores traz à tona a pressão que sofriam por parte de diferentes setores sociais, que cobravam uma tomada de atitude urgente para a resolução do problema, como vimos anteriormente. Aproximemo-nos mais desse embate, observando o que diz a ata:

Proponho trabalhar para dar casas àquelas mulheres. Outro vereador admite que se retire a zona boemia do centro da cidade, desde que se reunissem para dar casas e “médicos para aquelas infelizes”. (...) Devemos proteger os moradores daquele setor. (...) Não queremos a contaminação pelo mau cheiro, os senhores estão defendendo este caso imundo. (...) V. Excia está agravando este tumor. Não sou contra a retirada do meretrício daquele local, mas devemos olhar o lado humano. (...) O problema não pode ser resolvido assim na valentia e sim com entendimento de maneira racional e humana. (...) A cidade está infestada de mais de 500 moças decaídas. (...).¹³⁹

¹³⁸ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 230.

¹³⁹ ATAS da Câmara Municipal. Pouso Alegre, 22 de maio de 1972. Museu Municipal Tuany Todelo – Camara Municipal de Pouso Alegre, tomo 121, p. 1-2.

Classificando a prostituição como doença, porém, “mal necessário”, para os vereadores era preciso retirar as prostitutas do centro e transferi-las imediatamente para outro ponto da cidade. Pode-se perceber a força do imaginário atuando nas atitudes dos oficiais da câmara. Retirar as prostitutas do centro não resolveria o problema da prostituição, porém, a imagem da região central, em meio aos ideais de progresso seria alterada profundamente na visão dos habitantes e dos visitantes. A discussão prossegue e as argumentações dissonantes progridem num ritmo crescente: “Os senhores estão defendendo este caso imundo”¹⁴⁰, afirma um vereador.

Na verdade, se muitos dos vereadores recusavam-se a enfrentar seriamente o problema do meretrício, outros propunham uma ação mais direta do poder público na organização da vida do submundo, agindo com cautela e levando em conta que as prostitutas, acima de tudo, são seres humanos. Para eles, a questão do meretrício era algo “sensível” e somente seria resolvida “através do tempo”, e, acima de tudo, solucionado de uma “maneira humana”: “O problema não pode ser resolvido assim, na valentona e sim com entendimento de maneira racional e humana”¹⁴¹, enfatiza outro vereador.

É preciso desconfiar desse falso humanismo proposto pelos vereadores asseverando, contudo, que embora assumindo tal postura, partilhavam da mesma ideia misógina e conservadora em relação à prostituição. Resolver a questão de forma humana significa uma atitude de compaixão com as “decaídas” que, apesar de infestarem o espaço em que viviam, mereceriam no mínimo, um toque de compaixão. Mas é preciso sublinhar que a presença da prostituta gerava medo: “Todos nós estamos sujeitos a ter uma irmã decaída”¹⁴², afirmava categoricamente um vereador. No entanto, mesmo assim o imaginário sobre a prostituição se mantinha o mesmo: “Pouso Alegre é cidade de mocidades e a prostituição é um mal necessário”¹⁴³.

Impossível não brincar com esses discursos, pois só assim, rindo deles¹⁴⁴, é que se pode mostrar o quão violento podem ser. Discursos que operam na defensiva

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Ibidem.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 7.

diante de uma sociedade que experimenta um processo de mudança e de transformação onde os papéis sociais e sexuais estão sendo remodelados.

As falas dos vereadores estão inseridas na ordem discursiva da campanha de moralização. São discursos que tem por função classificar a prostituição como um grande perigo e, portanto, opor-se a ela. “É, pois, um discurso do medo e um discurso da moralização, é um discurso infantil, é um discurso cuja organização epistemológica, toda ela comandada pelo medo e pela moralização, não pode deixar de ser ridícula (...)”¹⁴⁵. Por fim, são discursos que operam através da desqualificação explícita das prostitutas, por meio de uma linguagem grotesca e estigmatizante que tem como fim último instaurar pânicos morais. As falas desses homens são falas ambíguas, trêmulas e inconsistentes, fruto de uma postura viril ameaçada pela força da voz estridente das “mariposas”.

Para esses homens a transferência da zona não significava apenas uma forma de “limpar” o centro cidade da presença indesejada e patológica¹⁴⁶ das prostitutas, como não cansou de afirmar a campanha. As “mariposas” representavam um perigo constante à virilidade dos homens que orquestraram a campanha. Nesse sentido, muitos deles chegaram a propor medidas absurdas como, por exemplo, o fechamento da zona em até quarenta e oito horas, ou ainda, em 15, 30 dias. No entanto, como mostrou Margareth Rago, essas reações moralistas quase nunca deram bons resultados.¹⁴⁷

Em Pouso Alegre, os vereadores não conseguiram agir diante das “mariposas” que, mesmo tensas com a campanha, continuavam batendo as asas, movimentando cada vez mais a zona, que se destacava como a mais animada do Sul de Minas¹⁴⁸. A falta de atitudes por parte dos oficiais da Câmara deu margem para que uma pessoa tentasse, por conta própria, fazer com que as “mariposas” fossem bater suas asas para bem longe. Esse papel ficou a cargo de Moacyr Reis.

¹⁴⁵ Idem, p. 31.

¹⁴⁶ Lembremos que *A Folha de Pouso Alegre* classifica a zona como um “cancro” e os vereadores utilizam a palavra “tumor”.

¹⁴⁷ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 127.

¹⁴⁸ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*

- o zorro e a zona

A rua vai de novo precipitar-se no delírio.
João do Rio, *A alma encantadora das ruas*

Moacyr Honorato Reis é considerado o portador da memória sobre a zona do meretrício central. Quando se busca por esta história, todos os caminhos levam a este personagem. Sendo leitura obrigatória para se conhecer a história da prostituição na cidade, Reis constrói uma versão hegemônica sobre a história da zona. Construída e pensada como verdade, sua narrativa, contraditória, ambígua e pretenciosa leva o leitor para um mundo heroico de homens que, em honra da cidade, atuaram e batalharam jogando uma partida vencida desde o início. Para ele, a história do meretrício central é um *a priori*, um fato dado que se apresenta com suas estratégias já prontas e finalizadas.

Assíduo frequentador da zona, o “bom malandro” se viu na obrigação de fazer alguma coisa para acabar com a zona. Nessa época, ele havia aberto uma barbearia na Nova Estação Rodoviária. Não querendo que seus lucros fossem prejudicados pela nociva proximidade com as “mariposas”, “eu comecei uma verdadeira cruzada contra as cafetinas que exploravam o lenocínio dentro da zona de Pouso Alegre, onde as mesmas se sentiam protegidas dentro dos direitos humanos”¹⁴⁹.

A cruzada a que ele se refere resume-se a alguns abaixo-assinados organizados por ele, e que não obtiveram nenhum resultado. Inconformado, é a partir daí que seus delírios atingem o clímax. Reis resolve, então, encarnar a figura do Zorro:

Resolvi encarnar a figura desse legendário personagem em prol das famílias que não sabiam o que fazer (...). Arrumei todos os petrechos, como máscara, capa, chapéu, chicote e uma garrucha, aquela de dois tiros e uma corrida. Só faltava arrumar um cavalo, o que não foi difícil.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Idem, p. 169.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 173.

Pouco antes da meia-noite, ele vestia a fantasia do Zorro e saía pelas ruas da zona montado em seu cavalo, dando chicoteadas e tiros “para o alto”. “Os bares e inferninhos iam logo fechando suas portas”¹⁵¹. De acordo com ele, o plano foi extremamente positivo, já que os quinze dias em que atuou como Zorro foram suficientes para que as cafetinas comesçassem a “ter prejuízos dentro do seu comércio, pois os clientes estavam ficando escassos”¹⁵².

Ora, é a construção do macho viril, destemido e corajoso que a sua narrativa busca cristalizar; é a forte necessidade de se mostrar como o verdadeiro “ganhão” dentro da zona, que tinha a prostituta que quisesse aos seus pés, que impera em sua escrita misógina. Se Reis gozava de todo esse prestígio, por que não há nenhuma referência ao seu nome nas correspondências? Por que nenhuma das prostitutas sequer menciona sua presença? O fato é que, enquanto a memória da zona central for canalizada para as mãos de Moacyr Reis, as prostitutas continuarão a serem riscadas da história, não apenas da zona como também da própria cidade.

Os tiros do zorro não foram suficientes para as prostitutas se quedarem, aliás, pelo que mostra a documentação, elas nunca abandonaram o jogo. Enquanto Reis continuava com a performance do Zorro, as tensões entre os vereadores não terminavam. Os ânimos estavam cada vez mais exaltados. Diante do impasse, o então prefeito Simão Toledo enviou um projeto à câmara solicitando a compra de um terreno no bairro Jardim Aeroporto para que as prostitutas comprassem, a preço simbólico, lotes dentro deste terreno, que posteriormente ficou conhecido como Capim Gordura. Era o projeto oficial para a construção da nova zona do meretrício, distante da região central. Como mostra Moacyr,

os lotes ficaram 6 meses sem que nenhuma das cafetinas manifestasse interesse em comprar. (...) O lugar era bastante adequado para este tipo de comércio, pois ali seria praticamente o habitat delas, onde as mesmas poderiam deitar e rolar referente às bagunças que era peculiar na boemia local.¹⁵³

Aos poucos a zona central foi sendo transferida, não sem resistência das cafetinas e mariposas. Margarida Leite, por exemplo, foi uma delas. No entanto, no

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*, p. 175-176.

início da década de 1980, as últimas casas foram fechadas e paulatinamente o meretrício se deslocava para a região do Capim Gordura.

Mesmo assim, a transferência efetiva da zona não deve ser entendida como sendo a vitória dos “detentores” do poder sobre as “mariposas”, mas sim, como um deslocamento estratégico das relações de poder, fruto das novas configurações sociais vivenciadas por Pouso Alegre. Neste contexto, as prostitutas souberam muitas vezes ferir o olho do poder retirando, em muitos momentos, suas forças e energias, como tentei mostrar ao longo deste capítulo. Para terminar, não se pode deixar de enfatizar que a história da campanha de moralização é a história de mulheres que rondando o progresso, colocaram seu destino no prazer.

Capítulo 2

Nas Dramaturgias do Prazer

2.1 As prostitutas e a campanha de moralização

- “A noite mais gostosa do mundo”

Rua do Rosário, nº 198. Estamos no coração da zona central. O cenário: casa de uma das prostitutas mais acaloradas do meretrício, a famosa Maria Tiroteio¹⁵⁴. Já era praticamente entardecer. As ruas da zona começavam a se agitar, dando visibilidade aos corpos que perambulavam ao som das músicas que já começavam a dar o ritmo à noite.

No entanto, como explica a prostituta Rosa, um clima de tensão rondava a zona. Nos bares, os olhares aspiravam pelo futuro incerto. No interior das casas, ruidosamente, as prostitutas aguardavam pelo destino duvidoso. Rosa, que morava na boate Novo Mundo, assim descreve o clima naquele início de noite incerta:

Não sabia o que fazer, se abria ou fechava as portas. As meninas estavam todas ansiosas e com medo, muito medo. Nossa vida podia ser decidida ali. Então ficamos quietas, não fizemos festa. Tudo estava com muito silêncio e a gente se falava só pelo olhar. Qualquer barulho era uma ansiedade”.¹⁵⁵

O clima de indecisão que reinava sobre a zona naquele final de tarde e início de noite incomum devia-se ao fato de que, aproximadamente vinte dias antes, pressionado pela população e pela elite política, o então delegado de Pouso Alegre,

¹⁵⁴ A única menção à presença desta prostituta é feita no livro de Moacyr Reis. In: REIS, Moacyr. *Memórias de um bom malandro*. Graficenter: Pouso Alegre, 1997.

¹⁵⁵ Carta de Rosa, 1970. Rosa não especifica o dia nem o mês da sua correspondência. Coloca no final apenas o ano.

Dr. Eduardo Alvim, intimou as prostitutas dando-lhes um prazo máximo de trinta dias para que desocupassem as casas.¹⁵⁶

As prostitutas não se calaram. Assim que fica sabendo que o delegado havia impetrado uma ordem de mandato visando o fechamento da zona, Rosa escreve que procurou um importante político da cidade para lhe cobrar explicações. “Fui ao salão onde ele cortava o cabelo e esperei ele sair. Quando ele estava indo embora parei ele e perguntei se ele estava ficando louco em deixar aquilo acontecer”¹⁵⁷. Ela havia ultrapassado os limites do permitido, borrando as fronteiras que possibilitavam manter em segredo a possível relação que mantinha com aquele homem.

“Ele não quis falar comigo, mas eu insisti muito e ele me disse que passaria aqui de noite pra resolver tudo”¹⁵⁸. Mas segundo o que escreveu, ele não apenas não apareceu naquela noite, como também não resolveu o problema deixando-a indignada. Além disso, ferida emocionalmente, ela não consegue entender a indiferença: “Porque ele está fazendo isso? Porque ele está deixando essas coisas acontecerem se aqui comigo ele não faz nada disso. Nos braços ele não me chama de mariposa, mas de amor”¹⁵⁹, registra romanticamente na mesma correspondência.

Suas inúmeras tentativas de barrar a decisão do delegado não refletiram resultados positivos. Com o prazo se findando e com o clima cada vez mais tenso, Moacyr Reis conta que as prostitutas contratam um advogado para defendê-las oficialmente. Assíduo frequentador da zona e amigo das prostitutas ele, então, impetrou um mandato de segurança contra a decisão do delegado.¹⁶⁰

Mais uma vez a questão não seria resolvida de forma fácil e tranquila, como sonhavam os líderes da campanha. Em suas múltiplas redes de afetos, as prostitutas, para manterem seus objetivos e permanecerem no centro da cidade, recorreram a um conhecido deputado da época, “muito querido”, como o define Rosa.

Presença constante nas noites boêmias da cidade, ele convocou o delegado para uma reunião na casa da prostituta Maria Tiroteio. A reunião se daria no fim da tarde. Antes disso, logo de manhã Rosa conta que se reuniu com as prostitutas para

¹⁵⁶ REIS, Moacyr. *Memórias de um bom malandro*. Pouso Alegre: Graficenter, 1993, p. 170.

¹⁵⁷ Carta Rosa, 1970.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*

estabelecerem as estratégias do jogo: “Logo de manhã, nem tinha dormido na noite passada, fui me encontrar com as outras para decidir o que a gente ia fazer”¹⁶¹.

Nesse meio tempo, explica que recebeu um bilhete ameaçando-a de que se ela e as outras prostitutas continuassem com a ideia da reunião as coisas não seriam “boas para ela”. Rosa se irrita profundamente não apenas pelo teor do recado, mas pelo fato de que quem o havia escrito era seu ex – amor, aquele que dias antes ela havia procurado pedindo ajuda.

Marcando profundamente sua subjetividade ela registra: “Mande ele pro quinto dos infernos. Amor nenhum ia fazer eu desistir de lutar pela nossa liberdade. Acabar com essa campanha era meu objetivo principal”¹⁶². Há nestas palavras uma importante ligação, contraditória por sinal, entre amor e política – feita por Rosa. Para ela, amor nenhum seria forte o bastante ao ponto de fazê-la desistir da luta coletiva das “mariposas” contra os organizadores da campanha de moralização. Nesse sentido, é possível identificar aqui a força e a potência do “nós”, isto é, do coletivo, prevalecendo sobre tudo aquilo que é da alçada do individual.

Embora com tamanha influência dentro da zona e na política local, nenhum destino certo poderia ser antevisto na atitude do deputado. As regras do jogo sempre se alternavam. De acordo com Rosa:

Nosso amigo muito querido por todas aqui vinha nos ajudar. Ontem fechamos a casa só pra ele e mostramos o quanto ele era querido por todas nós aqui, não só de casa como nas outras também. Depois de muitos carinhos imploramos para que nos ajudasse. Mas ele é homem e se aqui tem uma opinião lá fora, com os outros pode mudar rápido. Por isso, ficamos com muito medo.¹⁶³

Montar as peças desta história não é tarefa fácil. Após a reunião, que ocorreu a portas fechadas, o delegado voltou atrás na decisão. A zona não seria desocupada. Pelo menos por enquanto. Para Moacyr Reis, o recuo do delegado deveu-se ao fato de que este tenha sido coagido pelo deputado, que o teria ameaçado de transferi-lo de cidade, caso mantivesse a ordem de desocupação da zona.

¹⁶¹ Carta de Rosa, 1970.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Ibidem.

Esta história é bastante sugestiva e nos permite inferir algumas questões: se a campanha de moralização tinha como finalidade desocupar a zona central em nome do progresso da cidade, já que esta, segundo seus discursos, manchavam e minavam a imagem de uma cidade moderna, por que o deputado, talvez um dos mais interessados no desenvolvimento de Pouso Alegre, toma iniciativa em prol das prostitutas e não da elite política? Ou ainda, com base em quais argumentos as prostitutas teriam conseguido que o deputado se posicionasse do lado delas?

Se o “deputado era para as donas das casas um verdadeiro coronel, onde o mesmo pagava tudo”¹⁶⁴, como escreveu Reis, me parece bastante instável aceitar a ideia de que tenha sido apenas com base em troca de favores sexuais que as prostitutas tenham conseguido convencer o deputado a ficar do lado delas. Prestar atenção como Reis identifica a relação do deputado com as prostitutas pode sugerir outras interpretações:

(...) o mesmo mandava fechar casas por conta, fazendo sua orgia privativa. Discriminava com isso os demais frequentadores, não deixando-os entrar na farrinha que era só dele, pondo inclusive seus capangas como porteiros, todos armados até os dentes para bloquear quem tentasse entrar na casa.¹⁶⁵

Ora, as palavras do memorialista indicam mais uma disputa de egos, um duelo de viris onde o menos favorecido tenta inferiorizar o outro, tentando manter a fama de bom viril. Reis se incomoda diante da atenção dada pelas prostitutas ao deputado. Para ele as prostitutas não seriam capazes de estabelecer qualquer vínculo para além das relações sexuais. Nada mais misógino e excludente do que tal visão. Mas aqui, cabe prestar menos atenção às ideias misóginas de Moacyr Reis. Voltando a carta escrita por Rosa, assim ela descreve a relação das prostitutas com o deputado:

Sabe, preciso te dizer que todas nós ficamos aliviadas com a ajuda do deputado. Apesar de ter medo, no fundo a gente sabia que ele não ia enganar a gente. Ele não é do tipo desses outros que vem aqui querendo disputar quem tem o pau maior ou quem aguenta mais na cama com a gente. Ele é gente fina,

¹⁶⁴ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*, p. 171.

¹⁶⁵ Idem.

conversa com todas e principalmente respeita a gente. Não é como esses outros que tão formando uma campanha pra tirar a gente daqui inventando mentiras a nosso respeito.¹⁶⁶

Após saberem que a reunião havia sido favorável a elas, as prostitutas comemoraram a vitória. A batalha estava vencida. Não a guerra. Ao escrever para a irmã, Rosa nos permite dobrar a linha e visualizar o lado de dentro. Além disso, sua escrita tensiona as ideias de Reis, quebrando, assim, sua hegemonia sobre a memória da zona central.

Não fosse sua carta, os desmembramentos deste episódio apenas se resumiriam no que Reis descreve: “Quando as donas das casas de prostituição ficaram sabendo que a decisão da reunião foi favorável a elas, fizeram a maior festa dentro da zona, onde dançaram e beberam a noite inteira”.¹⁶⁷ Não que as informações deste memorialista não configurem uma importante contribuição para a memória sobre a zona. Como abordou Margareth Rago:

A despeito da harmonização da paisagem que os memorialistas realizam em seu trabalho de investigação do passado, criando uma cidade imaginária que os abriga como filhos pródigos, tanto suas informações quanto as impressões sobre a vida do submundo são de grande importância para o historiador.¹⁶⁸

Voltando a Rosa, ela conta que no calor das comemorações da vitória respondeu o bilhete que havia recebido horas antes da reunião, logo pela manhã daquele dia. Não é possível saber se o seu conteúdo tenha sido exatamente o mesmo que ela transcreve na carta para a irmã. De qualquer forma, interessa aqui a maneira como ela se posiciona: “você é um covardinho de nada que nem homem é. Nunca mais me procure. Fica sabendo que ganhamos hoje e vamos mostrar pra você e pra sua renca que nós somos mulheres para enfrentar vocês”¹⁶⁹. Diante de sua resposta, é interessante levantar uma questão: o posicionamento de Rosa teria sido o mesmo caso se a história com o amante tivesse tomado outro rumo? Isto é, se a união entre os dois estivesse forte, se ele correspondesse ao seu sentimento, será que o posicionamento conteria esse forte teor de ressentimento?

¹⁶⁶ Carta de Rosa, 1970.

¹⁶⁷ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*

¹⁶⁸ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 100.

¹⁶⁹ Carta de Rosa, 1970.

Implícito a essas palavras, há magoas latentes pela indiferença do amado. É impossível não pensarmos no tamanho da ferida que jorrava dentro dela. Ela finaliza: “não te quero mais. Esquece tudo, vou riscar você da minha vida”. É claro que a narrativa de Rosa pode nos aproximar, com maior riqueza de detalhes, das sensações e das euforias que sentiram em poderem continuar no centro da cidade. Sua carta torna possível conhecer uma pequena parte dos bastidores daquela noite, tão importante para as prostitutas. Tentando manter a proximidade, ela conta:

Você não é boba e nem preciso te contar como festejamos e comemoramos nossa vitória. Aquela foi a noite mais gostosa do mundo. A orquestra tocando, muito som e muita gente, inclusive eu, bebemos e ganhamos muito. Os bares estavam todos lotados, as luzes acesas. Nós estávamos felizes, sentindo todas livres e comemorando uma com as outras.¹⁷⁰

O que Rosa não diz é que o sentimento de liberdade certamente era algo muito instável naquela época. Além disso, encerrando a carta ela interpreta o episódio se posicionando diante dele. Fazendo um balanço do que havia ocorrido ela conclui que:

Assim, vamos conseguindo, um dia depois do outro, manter nossos objetivos e lutando contra essa falsa cidade que tem inventado mentiras da gente. A vitória dessa semana me fez pensar que nós não somos o que eles estão dizendo, muito menos nós não sujamos nada nessa cidade. Sabe mana queria muito ter você perto de mim porque sabe que eu sou uma mulher como qualquer outra do mundo e cada vez que a gente vence aqui eu mais tenho consciência disso.¹⁷¹

As prostitutas se posicionaram diante dos inúmeros discursos que produziram saberes sobre seus corpos. Na contramão, deslizando sobre tais discursos, analisando-os e pensando neles, Rosa se posiciona, entende sua posição e seu lugar como mulher: “eu sou uma mulher como qualquer outra do mundo”, escreve.

Ter conseguido manter a zona em funcionamento após a tentativa frustrada do referido delegado faz com que ela opere um trabalho sobre si mesma, pensando em suas atitudes, tomando consciência de que estava no caminho certo. Diante da

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

vitória, afirma: “não somos o que eles estão dizendo muito menos nós não sujamos nada nessa cidade”.

Chamo atenção para a forma como estabelece sua relação com os “jogos de verdade”¹⁷² e como se constitui subjetivamente a partir desta relação. Pressupondo que um destes jogos de verdade se refira ao processo de objetivação das prostitutas como sujeitos inferiores na escala do feminino, portadoras de um corpo anômalo e patológico, representando “um cancro no coração da cidade”¹⁷³, como não cansou de impor a campanha de moralização, percebe-se que Rosa, neste momento e contexto, ao tensionar tais verdades, nega e recusa os cristais identitários construídos e lançados sobre ela e suas companheiras.

Diferentemente do que faz crer a memória sobre a zona do meretrício central, é possível identificar, em muitas das correspondências das “mariposas”, não sujeitos que seriam portadores de uma fixa identidade, mas que habitaram, sempre que possível e em muitos momentos, novas identidades, líquidas e efêmeras. Neste sentido, esses documentos permitem a desnaturalização desta história – que não leva em conta que o processo de constituição de um sujeito é atravessado por relações de poder-saber e jogos de verdade que o percorre diagonalmente. Sendo assim, estas correspondências permitem a realização de uma história, que segundo Foucault,

não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos, mas uma análise dos “jogos de verdade” dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado.¹⁷⁴

Voltemos a Rosa. Com um tom fortemente essencialista, ela assim finaliza sua correspondência:

Se para a gente aquela noite foi a mais gostosa do mundo, para os outros, ela deve ter continuado na mesmice. No silêncio de uma vida sem gosto e sem alegrias, jantando a comida que suas esmeradas esposas, coitadas, são obrigadas a fazer para seus fieis esposos.¹⁷⁵

¹⁷² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Op. Cit., p. 13.

¹⁷³ Título de um artigo publicado pelo jornal *A Folha de Pouso Alegre*, em 14 de setembro de 1969.

¹⁷⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Op. Cit., p. 13.

¹⁷⁵ Carta de Rosa, 1970.

Ao escrever para a irmã tentando aproximá-la do ocorrido, Rosa nega o ideal da esposa dedicada e ironiza o cotidiano do lar, que em suas palavras, é composto por “uma vida sem gosto e sem alegrias”. Para ela quem faz amor por obrigação é a esposa, e não as prostitutas. É ela [a esposa, mulher direita e honesta] quem vive presa dentro de um mundo que a cerca de todos os lados, obrigando-a a acatar uma série de imposições morais. Neste sentido, sua visão vai à contramão do que comumente se pensa, afinal, à primeira vista é a prostituta quem faz tudo por obrigação, quem deve se submeter, em nome do dinheiro, a qualquer tipo de situação. Portanto, no modo como subjetiva essas questões, o dinheiro figura como o fator que retira das relações estabelecidas dentro do mundo da prostituição o fardo da obrigação. Sendo assim, é possível sugerir que para ela dinheiro não é sinônimo de dominação, pelo contrário, parece ser aquilo que permite o gozo.

No entanto, ao descrever as euforias sentidas mediante a vitória das prostitutas no episódio com o delegado, Rosa, assim como Marta que vimos no capítulo anterior, essencializa o papel da esposa na medida em que retira dela a capacidade de ter escolhido, por livre escolha, viver dentro do casamento. Em sua visão, o dinamismo da vida é uma característica apenas do mundo da prostituta e ser feliz, de acordo com sua linha de raciocínio, é uma virtude, para não dizer um direito, apenas das “mariposas”. Às outras mulheres, restaria conviverem com a mesmice, com os dias insossos e sem alegrias.

Mesmo tendo tal posicionamento não há como negar a importância da carta que escreveu. Como documento histórico, sua correspondência permite ao historiador captar essa mulher em todas as suas contradições e incoerências que fazem parte do curso da existência. Rosa não se posiciona apenas na linha de defesa, estando fora das relações de poder. Suas micro-resistências – e aqui penso sua escrita também como tal – inserem-se nas relações de poder como partes constitutivas de seu funcionamento. Afinal, como mostrou Foucault, o poder emana de todos os lados, não havendo, nesse sentido, uma oposição binária entre dominantes e dominados¹⁷⁶.

Isso faz todo sentido se pensarmos que no momento em que Rosa responde o bilhete para o influente político é ela quem se mostra como dominadora, estando

¹⁷⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber. Op. Cit.*, p. 104.

na posição dominante. Naquele momento, as artimanhas táticas e inventivas das relações de poder se deslocavam, reincaixando-se e transmutando-se – pois são móveis e flexíveis, como demonstrou Foucault.

Se Rosa nos apresenta os desmembramentos daquela noite utilizando um tom menos ácido na escrita, outras correspondências, percorrendo sobre outros momentos da campanha, assumem uma postura mais incisiva, como se pode observar nas cartas da prostituta Ana.

- A negação da “coitada convertida”

Diferentemente de Rosa, que como vimos morava e trabalhava na Boate Novo Mundo, Ana residia em uma casa-pensão na Rua Tiradentes. Trabalhava por conta própria e pagava uma espécie de aluguel para a proprietária da casa, menos pelo trabalho do que pela moradia, já que ela não precisava dispor, como registra em sua correspondência, de uma parte de seus lucros como comissão. Além do aluguel, seu único dever era “se apresentar bem aos homens e atrair clientes para a casa”¹⁷⁷.

“Atrair clientes para a casa” revela uma política de tolerância, existente na zona, entre as casas de prostituição. Isto é, as prostitutas podiam, segundo sugere a correspondência de Ana, transitar pelas outras casas e boates para atrair clientes e levá-los até suas respectivas casas. Sem generalizar tal política, o que se pode inferir desta medida é que ao contrário do que correntemente tenta afirmar Moacyr Reis e muitos artigos de jornais da época, de que a zona era um espaço sem lei e sem organização, um “inferninho”¹⁷⁸ em todos sentidos possíveis que esta palavra comporta, a zona boêmia se apresenta como um espaço que possuía uma organização e normas internas próprias.

Nesta direção, as correspondências de Ana, além de nos levar ao interior do espaço da zona, dando-nos a conhecer mesmo que brevemente suas políticas e normas de funcionamento, sugerem também outras análises. É importante destacar

¹⁷⁷ Carta de Ana, 17 de fevereiro de 1971.

¹⁷⁸ A expressão é corrente nos artigos de jornais da cidade principalmente n’*A Folha de Pouso Alegre*. Aqui faço referência ao artigo que foi publicado na coluna “telescópio”, deste mesmo jornal, em 30/09/1978.

que ao transitarem entre as casas nos espaços do meretrício, elas movimentavam não apenas a economia da zona, como também, segundo nos conta Ana, a curiosidade das moças e esposas que residiam no entorno da zona: “elas ficam olhando pela janela o nosso movimento”¹⁷⁹, escreve ela.

Isso porque, inevitavelmente as casas de família que se localizavam ao entorno ou até mesmo dentro da zona tinham que conviver com o tipo de sociabilidade praticada ali. A proximidade não apenas física entre as casas, mas dos corpos, dos cheiros e das sensações, instabilizava os códigos de gênero instituídos na demarcação entre o lícito e o ilícito. “Se na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina”¹⁸⁰, na cidade de Pouso Alegre, tais valores, que ainda continuavam como o destino de muitas mulheres, eram constantemente postos à prova.

Na correspondência que escreve em 17 de fevereiro de 1971, Ana não deixou de observar que ao passar em frente a uma janela, viu “duas meninas moças sondando atrás da cortina”¹⁸¹. Para uma cidade contraditoriamente conservadora, a zona possivelmente figurou, muitas vezes, como um espaço que comportava outro mundo na visão e no olhar de muitas moças que foram destinadas ao lar. Se muitas vezes o quarto era o limite do sonhado, da janela deste, elas visualizavam novas maneiras de se relacionar e praticar a sexualidade, de vivenciar o corpo a partir de outros códigos e valores. Neste contexto, as prostitutas, ousadas nos gestos e nos corpos, cintilantes e exageradas no jeito de ser, mostravam que era possível construir e edificar outras relações, maneiras outras de sentir e viver os prazeres e o amor.

Suas artes de fazer¹⁸², a extravagância dos gestos, a leveza de seus corpos sempre em evidência, o perfume exalando sugerindo também suas artes do prazer¹⁸³, enfim, presença marcante e erótica, a prostituta possibilitava ver o outro lado, longe do recato e da contenção do prazer, tão apregoados no interior de

¹⁷⁹ Carta de Ana, 17 de fevereiro de 1971.

¹⁸⁰ BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 609.

¹⁸¹ Carta de Ana, 17 de fevereiro de 1971.

¹⁸² Ver: CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

¹⁸³ COUTO, Varlei; SPINDOLA, Elisabete. “Artes de fazer, artes do prazer: sociabilidade e prostituição feminina em Pouso Alegre”. In: *Anais do I Simpósio de Espaço, Sociabilidade e Ensino*. Pouso Alegre, 2011, pp. 286-295; COUTO, Varlei. “Nas dramaturgias do prazer: a escrita de si como estratégia política”. In: MAIA, Claudia; PUGA, Vera. (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2015.

muitas famílias consideradas honestas. Mais do que isso, sua presença era a materialização de que era possível ultrapassar a linha e experimentar outros usos dos prazeres; o que diretamente causava uma colisão nas relações de gênero estremecendo e abalando, assim, suas bases.

Se apostarmos no que Ana escreve, isto é, se realmente aquelas moças estiveram lá, escondidas atrás da cortina, sondando o que se vivia na zona, elas tinham diante dos olhos a materialidade de um espaço de sonho, um outro mundo possível onde a prostituta, poderosa, “simbolizava a investida do instinto contra o império da razão”¹⁸⁴.

Em sua narrativa, porém, Ana não se limita em apenas contar ao destinatário de sua carta a curiosidade que causava ao transitar pelas ruas do bairro da zona. Ela vai além, racionaliza o episódio ao dar sentido a ele por meio da escrita:

Tenho muito dó delas. Quando eu vejo elas, a vontade que eu tenho é de contar a vida pra elas, que ficam como freira presas dentro do quarto. A vontade minha é falar pra elas que elas não sabem o que tão perdendo da vida. Elas tem sua vida percorrida pelo destino. Mas sinto que elas não gostam dessa vida. Eu morreria do jeito que elas são. Pra mim a vida tem que ser vivida com liberdade. Você pode ser quem você é quando você quiser e não ser presa dentro de um pote.¹⁸⁵

Neste momento, por meio da escrita ela realiza um trabalho de assimilação onde, ao pensar sobre a condição das outras mulheres, acaba produzindo uma reflexão sobre si mesma, posicionando-se e demarcando seu lugar: “Eu morreria do jeito que elas são”. Muito embora Ana faça uma crítica ao modo de viver das mulheres consideradas honestas, gostaria de chamar atenção, mais uma vez, para o fato de que tal posição deve ser analisada com bastante cuidado. Se no trecho acima ela escreve que “a vida tem que ser vivida com liberdade”, em outro momento não deixa de narrar um episódio em que sofreu violência física por parte de um cliente. Diz ela: “apanhei mesmo, mas foi com muito gosto, mesmo com dor eu senti feliz, porque ele era ele né, cada uma aqui queria apanhar dele”¹⁸⁶. Ora, se Ana entende e classifica aquelas moças como submissas; se se solidariza com elas diante de seus modos de viver; se se percebe, na contramão, como sendo uma

¹⁸⁴ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 41.

¹⁸⁵ Carta de Ana, 17 de fevereiro de 1971.

¹⁸⁶ Idem.

mulher livre, ela não acaba caindo em contradição, ao afirmar que aceitava apanhar de um cliente? Portanto, acredito que a necessidade de se dizer livre, sendo aquela que vive a vida como bem entende, possivelmente pode ser entendida como uma estratégia de defesa que passa pela autoafirmação de si.

Menos do que percebê-la como a heroína de si mesmo, trata-se de tomar sua correspondência como um documento que permite captá-la em seu processo de constituição de si. Neste sentido, como escreveu Marilda Ionta, as cartas são ricas fontes de pesquisa “não porque elas ofereçam o ‘eu’ autêntico das personagens, mas por permitirem apreender essas mulheres em sua construção móvel (...)”.¹⁸⁷ Desta forma, de uma maneira geral, as cartas dessas mulheres dinamizam a história sobre a zona central, até então cristalizada em meio a uma memória que apresenta os sujeitos históricos sempre prontos e acabados.

Nesta direção, o que permite às “mariposas” resistirem a tal cristalização é o fato de que, em suas correspondências, convocam e selecionam outras recordações e posicionamentos que divergem substancialmente do que tenta fazer a memória oficial. Num gesto de resistência, as cartas possibilitam questionar as bases discursivas que atuam sobre essa memória, no sentido de que permitem captar essas mulheres em seu processo de construção no dia-a-dia. Não mais rostos pintados em cera, mas sujeitos que se mostram em movimento, no ato do viver, na (in) constância da vida. Assim, menos do que revelarem uma suposta identidade que reafirma a exclusão e as dissimetrias de gênero, é possível observar como se constituíam subjetivamente, em suas contradições, idas e vindas que compõem o processo de produção da subjetividade de um sujeito. De acordo com Margareth Rago:

O conceito de subjetividade permite, nessa direção, um deslocamento em que se acentuam os modos a partir dos quais escapamos às redes de poder e trabalhamos a invenção do próprio eu, na multiplicidade de personagens que podem nos afetar.¹⁸⁸

¹⁸⁷ IONTA, Marilda. *As cores da amizade. Cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2007, p. 139.

¹⁸⁸ RAGO, Margareth. “Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras?” In.: PEDRO, Joana.; ISAIA, Artur.; DITZEL, Carmencita. (Org.) *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 25.

A inventividade, a capacidade de escapar às redes de captura não devem ser entendidas como uma forma de liberação, uma saída definitiva destas redes assumindo a posição de exterioridade em relação a elas. É necessário pensar a capacidade de invenção, de fuga e escape como mecanismos que possibilitam ao sujeito se movimentar, saindo de seu lugar de segurança para assumir outras formas possíveis de vida. Reinventar-se, portanto, no sentido de produzir outros “eus”, outras subjetividades que embaralhem as teias discursivas, que subvertam os mecanismos de captura.

*

Das muitas cartas que possivelmente Ana tenha escrito apenas duas delas foram guardadas por Francisco. A primeira, cujos trechos analisei acima, difere substancialmente da segunda, que passo analisar em seguida. A diferença se explica por dois motivos. “Pela missiva, nos abrimos para o olhar dos outros”¹⁸⁹, afirma Foucault. Na primeira correspondência, Ana pede a todo o momento conselhos para si: “acha que estou certa?” ou ainda “sua opinião é importante...”, “me ajuda a resolver isso”.

A correspondência é sempre relacional, no sentido de que afeta tanto aquele que escreve quanto quem a recebe. Possibilita o encontro no interior da distância, diminuindo o fio que separa duas existências. Muitas das cartas que compõem este trabalho não chegaram ao seu destinatário, mas em muitas delas é possível identificar como a presença do outro¹⁹⁰, por meio das respostas, afeta e assume importância capital no processo de constituição das subjetividades dessas mulheres: “...que delícia saber isso”, “você me animou com o que disse da última vez” e para finalizar, “você me fez pensar e partir para a decisão que acho certa”, escreve Ana no final da primeira carta.

Nesta primeira correspondência, o trabalho de “introspecção” que a carta opera em Ana não deve ser interpretado como um processo de decifração. Pelo

¹⁸⁹ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade e Política*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 157.

¹⁹⁰ Volto a frisar a importância do outro no processo da escrita logo adiante, ainda neste capítulo.

contrário, ela se mostra aberta para o outro. Na constituição de sua subjetividade há sempre um espaço muito importante para a presença daqueles que estão longe.¹⁹¹

Já na segunda correspondência, bem mais breve do que a primeira, a narrativa assume outra forma. A carta possui um tom de desabafo, de aviso e de ameaça, embora ela se faça também presente e se dê a conhecer por meio destas palavras relâmpagos, escritas na fúria do momento. Assim Ana inicia:

Não pensa que eu tenho medo de falar tudo na tua cara. É que você é tão bosta que nunca mais apareceu aqui. A minha vontade é que você viesse aqui falar tudo que você está falando na minha cara, bosta. Campanha de moralização vai bem? É você que vai pra bem longe se não parar com essas covardias que você está fazendo. Escuta muito, agora eu estou avisando, depois eu vou fazer mesmo. Eu não sou dessas daqui que pra sair na rua montam a coitada convertida, botam uma saia longa para poder ser aceita andando na cidade. Se eu tiver que ir aí eu vou do jeito que eu sou e quem vai bater asa é você.¹⁹²

Ana, antes de tudo, tenta se mostrar como uma mulher destemida e sem medo: “não pensa que eu tenho medo de falar tudo na tua cara”. Se prestarmos atenção, esta parece ser uma construção imagética comum nas correspondências das prostitutas. Suas posições estão sempre na defensiva, na ânsia de se mostrarem como sendo mulheres que brigam e lutam sempre, que não medem as consequências de seus atos, muito menos regulam o nível das ameaças. Ora, a que vem esta necessidade de se posicionarem de tal forma? Atentando para este aspecto, não é difícil notar que subjaz em suas palavras certo nível de desespero, insegurança e medo. Afinal, as ameaças da campanha atingiam-na em cheio, e se mostrar como corajosa parece ter sido uma atitude bastante confortável diante das investidas moralistas.

Provavelmente esta carta-recado foi escrita para algum homem de Pouso Alegre, mais especificamente para alguém envolvido diretamente na organização da campanha e que, de alguma forma, mantinha relações com ela.

Após ler esta correspondência e conectando-a com outros documentos que compõe esta pesquisa, é possível inferir que o tom de indignação presente tenha

¹⁹¹ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Op. Cit.*, p. 157.

¹⁹² Carta de Ana, 20 de março de 1971.

como referência um artigo que foi publicado pelo jornal *A folha de Pouso Alegre*, em 13 de março de 1971, intitulado “Campanha de moralização vai bem”, onde se lê:

Agradecemos a compreensão das autoridades que souberam compreender nossa Campanha de Moralização, e que vêm tomando medidas enérgicas em relação à mesma. Várias têm sido as blitzs realizadas, e os resultados já se fazem sentir, através da mudança de várias mariposas que batem as asas, para longe.

O posicionamento de Ana não se resume apenas a uma crítica externa, dirigida à campanha propriamente dita. Ela também critica o comportamento de suas próprias colegas que, para transitarem pelas ruas, incorporam a mulher ‘direita’, usando roupas compridas que não demarcassem seus corpos, evitando que os parâmetros que serviam como medida para distinguir a mulher honesta da prostituta não lhes definissem enquanto tal. Sobre esta questão, Margareth Rago explica que:

O papel a ser representado era o não- papel, a não existência, para não ser percebida pela multidão e não se destacar de outras mulheres, silenciosas como ela. Se o ideal do indivíduo sem rosto visava a atingir toda a sociedade, no caso da prostituta ele era explicitado sem insinuações, visto que ela era destituída de toda espiritualidade e percebida como pura encarnação sexual.¹⁹³

Volto a esta questão logo adiante. Antes, porém, uma ressalva. Como a campanha se alongava sem mostrar resultados eficientes, já que a zona mantinha-se funcionando intactamente, como vimos no primeiro capítulo, vê-se proliferar uma série de discursos que visavam cobrar das autoridades *blitzs* mais intensas no controle dos territórios do prazer.

A folha de Pouso Alegre, em outro artigo assim justifica a necessidade das *blitzs*, pois de acordo com o texto do artigo, as prostitutas “são seres perigosos, que atormentam e encham a cabeça de nossas meninas”.¹⁹⁴ Já *A Gazeta de Pouso Alegre*, sempre mais agressiva em seus textos radicaliza, em artigo de 18 de março de 1971:

¹⁹³ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 136.

¹⁹⁴ *A folha de Pouso Alegre*: Pouso Alegre, 20 de março de 1971.

mulheres inferiores na cabeça, na mente e no corpo. Que são tão sujas quanto o chão que pisamos. É preciso retirar urgentemente as mariposas de nossa cidade, pois elas são maquiavélicas, destroem nossas famílias e nos leva a decadência.

Percebe-se nestes textos, tanto o d'A *Folha de Pouso Alegre* quanto o da *Gazeta*, não apenas uma forma de justificar a campanha de moralização em nome do progresso. A meu ver, explicá-la apenas como resposta ao momento de modernização e de remodelação socioeconômica experimentado pela cidade, é um caminho bastante insipiente e superficial.

O que faz o artigo da *Folha de Pouso Alegre*, “Campanha de moralização vai bem”, já citado anteriormente é criar uma ilusão tranquilizadora, pois não apenas as *blitzs* eram esporádicas, como o número de prostitutas, que nesse período haviam abandonado a zona em resposta à campanha, era bastante escasso, como sugere Ana:

vira homem de verdade e para de ficar inventando as coisas... fico até amanhecer pelas ruas e é muito de vez em quando que vejo um carro fazendo rondas aqui e desde que você começou com essa história você não voltou mais aqui pra ver se as meninas estão indo embora por causa de vocês. Para de chamar a gente de mariposa... Que eu saiba duas foram porque conseguiram coisa melhor em outra cidade(...).¹⁹⁵

Subjacente ao ressentimento e a raiva, há em sua escrita uma crítica à estigmatização das prostitutas em serem denominadas como mariposas. Ela, ao que parece, não compactua com essas classificações, muito menos não se reconhece nas imposições identitárias presentes nesta classificação.

Assim, ao questionar a incorporação da “coitada convertida” ela censura a atitude de suas amigas, que se sujeitavam aos códigos normativos. Nesta direção, sua correspondência permite fazer uma ressalva importante na linha de raciocínio que vem sendo construída: prestar atenção à forma como as prostitutas se posicionaram não significa afirmar que existiram apenas mecanismos de fuga ou linhas de escape. Pelo contrário, se as correspondências mostram que em muitos

¹⁹⁵ Carta de Ana, 20 de março de 1971.

momentos as prostitutas souberam escapar aos códigos se subjetivando diante deles, elas também não deixam de mostrar que houve mecanismos de sujeição.

Isto posto, voltemos a Ana e às possibilidades de análise que ela nos proporciona. No processo de descorporificação da prostituta, exigido como condição de possibilidade para sua integração em outros espaços da cidade, como salões de beleza ou lojas de tecido, a puta deveria ficar trancafiada no interior da zona.

É possível acreditar que tal fato representa uma maior aceitação, ou, além disso, uma forma de integrar essas mulheres à cidade, como nos faz crer o texto d' *O Jornal de Pouso Alegre*, em abril de 1970?: “precisamos sempre não esquecer o lado humano desta história e procurar formas de tentar urgentemente integrar essas mulheres decaídas a nossa cidade”.

Longe de acreditar neste discurso que chega a ser pueril, percebe-se nesta medida um reposicionamento estratégico dos mecanismos de poder visando aumentar, cada vez mais, a captura dos corpos das prostitutas. Mudança de tática, reinvenção nos modos de gerir os corpos. Neste contexto, Ana parece recusar tais discursos: “se eu tiver que ir aí eu vou do jeito que eu sou e quem vai bater asa é você”¹⁹⁶.

Para Foucault a escrita possibilita a “elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação”.¹⁹⁷ Nesse sentido, a singularidade da escrita de Ana encontra-se justamente na maneira como enfrenta os discursos da campanha. No entanto, é importante ressaltar que apenas o fato de negar não possa servir como exemplo para mostrar que as prostitutas se posicionaram de forma autônoma. Dando sequência à sua escrita, Ana registra:

Você quer que a gente esconda os nosso corpo né? Comigo, esquece isso. Vou sair de saia bem curtinha com um batom vermelho jogando e virando de um lado pro outro meus cabelos, que você já segurou e puxou quando quis. Essa sou eu e não preciso criar uma outra pra ser aceita por você muito menos por ninguém dessa cidade. Não vou vestir roupa nenhuma que não seja eu.¹⁹⁸

No discurso de confronto que constrói, há alternância entre as questões que são relativas aos dizeres da campanha de moralização e as que se referem às

¹⁹⁶ Carta de Ana, 20 de março de 1971.

¹⁹⁷ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Op. Cit.*, p. 147.

¹⁹⁸ Carta de Ana, 20 de março de 1971.

marcas de seu possível relacionamento com o referido homem. Noutras palavras, em sua construção discursiva, após se recusar em assumir a imagem da puta casta que esconde o corpo: “vou sair de saia bem curtinha...”, Ana sempre conclui seu pensamento utilizando palavras de puro ressentimento: “jogando e virando de um lado pro outro meus cabelos, que você já segurou e puxou quando quis...”.

O processo de produção da subjetividade é conflituoso e ambíguo. Se na escrita, em muitos momentos ela se apresenta como alguém que se move com tranquilidade e segurança entre os discursos, quando se trata do amor¹⁹⁹, sua posição transforma-se completamente. Sentindo-se abandonada, num misto de frustração e de saudade daquele que ama e dos momentos de prazer que ele havia-lhe proporcionado, cobra o abandono e a traição:

Tudo isso pra te mostrar que eu sou mulher de vida dura, enfrento pedras e campanha e sei lá o que. Porque você foi fazer isso comigo? Se eu te dei tanto amor? Porque de uma hora para outra você começou com essa história e me deixou na fossa mais profunda da vida? Você não me quer mais? Eu te amo, eu tinha me proposto a ser só sua, mas você não cumpriu o trato.²⁰⁰

Se no outro trecho Ana tentou colocar a revolta, a recusa e a insubmissão em primeiro plano, aqui ela escancara todo seu romantismo. Ou seja, da revolta ao ressentimento, da recusa à entrega, da insubmissão ao “eu te amo”, ela finaliza com uma questão que talvez resuma todo o ato da escrita desta correspondência: “Você não me quer mais?”. Diante disso, gostaria de sugerir algumas questões: o que justifica a existência dessa carta-recado, sendo que o destinatário morava na mesma cidade? Se Ana tivesse um posicionamento tão defensivo, como tentou construir, por que não optou por enfrentá-lo pessoalmente? Como se vê, o posicionamento dessa mulher parece ter sido engendrado a partir das sensações amargas do abandono e da indiferença. É com uma enorme carga de romantismo que ela constrói e edifica seus posicionamentos, molda suas ações e justifica suas palavras de contestação.

¹⁹⁹ Analisarei este tema no terceiro capítulo.

²⁰⁰ Carta de Ana, 20 de março de 1971.

2.2 Nas dobras do coração

Assim, a característica de vitimização é muito mais forte do que o poder que ela exerce sobre outros homens.

Margareth Rago, *Os prazeres da noite*

Ao contrário do que faziam muitas “mariposas” após findar o movimento nas boates, Carla conta que não se dirigia para os bares que se localizavam no interior da zona do meretrício. Seu destino era outro: nas madrugadas, como ela mesma explica, descia até à Estação Rodoviária e rapidamente se dirigia para o Santuário do Coração de Maria, localizado a poucos metros da zona. Sentava-se na porta e permanecia ali. Os homens, retornando para suas casas, passavam e logo percebiam sua presença. Aproximavam-se dela, tentavam um contato. De acordo com o que escreveu, permanecia imóvel, porém, atenta. Sabia que embora estivesse sob o abrigo do Coração de Maria, as almas que habitavam o fim das noites eram capazes de tudo. Ela escreve:

Não precisa você ficar inculcado com isso. Pode saber que lá na igreja é o lugar mais seguro que tem e eu sinto bem lá. Eu fico bem quietinha sentada lá. Quando eles estão indo pra casa até param lá quando vê eu sentada e ainda querem alguma coisa comigo. Eu me passo de morta mesmo, finjo que estou dormindo e uma hora eles vão embora. Eu fico nervosa porque aqui tem de tudo, mas Deus me protege (...).²⁰¹

É uma longa carta, a maior de todas que compõem o corpus documental desta pesquisa. São palavras fortes, frases muitas vezes desconexas que vão esculpindo uma história marcada por violências, desafetos, mágoas e humilhações. Uma escrita de difícil acesso, pois mescla um jogo de interesses e intrigas com ressentimento familiar.

Tudo começa com a morte da mãe: “Até hoje isso tira todas as minhas forças. Se faço tudo, é para continuar, mas quando lembro dela, não tenho vontade de nada. Só não desisto por sua causa mano”. Após perder a mãe, conta que a relação

²⁰¹ Carta de Carla. 03 de dezembro de 1971.

com o pai ficou insustentável. Além de feri-la fisicamente, já que, segundo ela, as surras eram constantes, ele a machucava com palavras que tornavam crônicas as dores da alma. Seu ponto de apoio era o irmão e é para ele que escreve esta longa correspondência, alguns meses depois de chegar a Pouso Alegre.

Para entendermos como as coisas se desenrolaram em sua vida, entre a morte da mãe até sua chegada à cidade, passando a viver como prostituta é preciso folhear um pouco mais com calma o começo da correspondência, quando ela relembra o início da sua “perdição”²⁰². Segundo ela, muito embora o irmão lhe desse toda segurança e apoio possíveis, sabia que seria impossível viver na companhia do pai. Ainda perdida e sem rumo na vida, ela conhece um homem pelo qual se diz apaixonar rapidamente:

Você sabe que naquela hora ele foi tudo que podia ter acontecido pra mim e que eu não podia jogar fora, porque achava que ele era a minha solução. Eu gostei dele de verdade porque ele me tratava bem e falava que ia me ajudar. Eu não pensava que tudo era uma mentira né mano, mas aí eu não tinha como sair fora (...).²⁰³

Neste trecho ela dá início à edificação da mulher que se perdeu na vida e que graças ao destino foi salva pelo grande herói. O homem que aportou na vida de Carla, figurando para ela como a porta de entrada para um novo mundo era, como ela mesma define, alguém “muito importante na política” de Pouso Alegre. Após algum tempo de relacionamento, ele revela que era casado e que não poderia construir uma vida com ela, já que isso seria “um escândalo, porque ele era muito conhecido aqui”. Carla, conta que resolveu ir para Pouso Alegre na condição de amante. É neste momento que sua vida cruza-se com a cafetina Margarida Leite. A este respeito, registra: “ele me falou que ela era muito boa, que eu ia viver uma vida sem a amolação do meu pai, fazendo o que eu quisesse fazer e que mesmo que eu virasse prostituta isso ia me ajudar”²⁰⁴. Com base no que escreveu, ela não relutou em aceitar, e depois de ter o pleno apoio do irmão, já na cidade, passou a viver na Boate Novo Mundo. Sobre a nova vida, registra:

²⁰² Expressão utilizada por Carla. In: Carta de Carla, 03 de dezembro de 1971.

²⁰³ Carta de Carla. 03 de dezembro de 1971.

²⁰⁴ Idem.

As coisas não estão sendo fáceis pra mim porque me sinto meio perdida. (...) Estou muito sozinha. Eu espero em Deus que as coisas clareiem dentro de mim e eu consiga me achar porque estou muito confusa nessa vida que eu fui obrigada a aceitar.²⁰⁵

Desde as primeiras linhas da correspondência, como é possível depreender até aqui, Carla se apropria do discurso da vítima como linha de raciocínio para desenvolver e construir sua narrativa. Neste sentido, antes de tudo, é preciso considerar que a escrita é direcionada ao irmão, o que de certa maneira, justifica o tom utilizado para compor as frases. A figura familiar do irmão atua em sua escrita como um filtro, ou seja, toda a carga moral – com seus valores e princípios – que estruturou esta relação se faz presente e pesa no momento em que começa a escrever.

O que parece, levando em consideração todo este contexto, é que ela buscava construir a imagem de uma mulher vitimada pela crueldade da vida. É como se esta atitude funcionasse como um canal de reconciliação com o irmão, afinal, mesmo deixando claro que ele sempre a apoiara em suas decisões, algumas passagens de sua correspondência sugerem que a relação pode ter ficado estremecida, quando, como, por exemplo, escreve: “espero que você entenda”, ou “eu fui obrigada a aceitar...”. Portanto, colocar-se como sofredora e infeliz àquele que sempre fora seu porto seguro na vida, parece ter sido a alternativa que utilizou para tentar retomar a relação, como sugere este próximo trecho de sua correspondência:

A vida foi que me colocou nesse caminho e que eu não tinha outra coisa pra aceitar, você sabe disso. Eu faço tudo hoje não porque eu quis, mas Deus tirou minha mãe e deixou você comigo, mas nós dois não podemos fazer nada com o pai.²⁰⁶

No entanto, somente a presença do irmão, em isolado, não é suficiente para tentar entender suas posições e atitudes. Para que se possa analisar mais de perto esta correspondência é interessante lembrar que chegou a Pouso Alegre, segundo afirma, na companhia de um destacado membro da política local e que, portanto, as

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Ibidem.

primeiras relações que estabeleceu na zona foram construídas por meio de um intrincado jogo político entre ele e Margarida Leite, quem a acolheu na Boate.

- a astúcia da “mariposa”

Na Novo Mundo, Carla explica que continuou se encontrando periodicamente com o amante. Como escreveu, o relacionamento perdurava e os laços cada vez mais se estreitavam entre os dois. Aproveitando-se disso, o amante de Carla fez dela uma verdadeira espiã dentro da boate, vigiando não apenas cada passo das outras prostitutas, bem como os da própria Margarida Leite: “virei a informante dele. Tudo que acontece eu tenho que contar pra ele. Não esqueço de nada, faço tudo que ele me pede”.²⁰⁷

Embora não se possa afirmar com exatidão, o que parece é que Carla percebeu que seria muito mais vantajoso se posicionar do lado dos organizadores da campanha, pois isso lhe traria, de acordo com a sua ótica dos acontecimentos, certa tranquilidade até que conseguisse se estabilizar na nova vida. Assim ela explica:

Aprendi muito com você que a gente ter que ser esperta não é mesmo. Tudo que você falava pra mim do pai eu estou usando aqui. Aqui ta uma briga muito grande porque ele e os outros políticos querem tirar as mariposas daqui e levar tudo pra longe. Foi só eu chegar que elas contaram pra mim, mas eu não vou ficar do lado delas não, vou apoiar ele e os outros também porque depois que fechar aqui eles vão me ajudar (...).²⁰⁸

A forma como se posiciona é significativamente interessante, pois permite sublinhar que nem todas as prostitutas estavam unidas em favor da mesma luta. Nesse sentido, o exemplo de Carla certamente não é o único; muitas outras “mariposas” provavelmente se uniram aos políticos para fazerem com que seus interesses individuais fossem resguardados. Voltando à sua correspondência, é

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ Ibidem.

interessante chamar a atenção à forma como ela arquitetou e estruturou sua relação com os organizadores da campanha.

Neste sentido, sua correspondência não aponta, de forma alguma, para uma mulher despreparada diante dos acontecimentos da vida, muito embora a forma como a narrativa tenha sido construída sugira ser este o seu objetivo. Em vários momentos, expressões como: “sou fraca”, “não tive escolha”, ou ainda: “eu não quis isso”, “você sabe que eu não esperava”, “não sei como fazer agora”, “não tenho força”, atuam para que Carla construa a imagem de uma mulher martirizada, calcinada pelo tempo e ferida pelo destino.

Uma leitura apressada desse documento pode nos colocar frente a uma mulher que teve a vida rasgada após a morte da mãe, que viveu todas as amarguras possíveis com o pai e que, por fatalidade e sem liberdade de escolha, acabou caindo na prostituição. No entanto, observando com cuidado essa escrita astuciosa, é possível propor outras interpretações.

Carla faz uso da escrita para lançar sobre si o manto da vitimização, o que possivelmente tenha representado uma estratégia bastante produtiva para conquistar a confiança do amante. Como se pode notar neste outro trecho de sua correspondência, sabia que as correspondências poderiam ser lidas por ele: “Ele deixa eu mandar notícias pra você, disse que vai levar tudo de carta que eu quis escrever”²⁰⁹. Portanto, de acordo com a sua interpretação, se mostrar como alguém que apoiava e aceitava os discursos da campanha era algo que lhe traria inúmeras vantagens, pois estava deixando claro que era diferente das outras prostitutas. Continua ela:

Eu não mano, não sou igual às outras. Aqui não é meu mundo e eu não acho certo o que elas fazem porque eles só querem proteger a vida nossa. Eu sei que eu vou sair já daqui. Eu espero, eu sei esperar você sabe, e aí vou viver uma vida certa (...)²¹⁰

Será que suas posições diferenciavam tão substancialmente das outras prostitutas? Não há, nos desvãos de sua escrita, nenhum sinal de inocência. Por meio de sua correspondência nos deparamos com uma mulher que avalia e reflete

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibidem.

constantemente sobre o seu presente. Carla escolheu o lado do jogo, pensou nas estratégias e se moveu taticamente. Ao se apropriar do papel de vítima, por exemplo, dá vazão ao uma série de símbolos que exteriorizam seu “sofrimento” e confirmam sua posição.

É claro que não é possível saber se de fato prostrava-se à porta do Santuário para aliviar o peso de seus pecados, como vimos no início deste item. Menos do que tomar sua escrita como verdade, trata-se de questionar se esta cena, tão valorizada por ela, não seria mais um artifício literário atuando em favor da fabricação de sua imagem de vítima e de martirizada. Afinal, lança mão de uma série de metáforas que enriquecem a cena trazendo detalhes e sutilezas que tem como objetivo dar concretude às suas sensações e sentimentos, como é possível perceber neste outro momento de sua correspondência:

jogada na porta do santuário é que eu sinto mais perto de Deus e o meu corpo fica mais quieto. É muita amargura, você não consegue pensar o tanto. Eu queria que Deus me desse a graça de tirar a minha pele e **mudar meu coração**, mas eu não consigo viver de outro jeito se não fizer o que eu faço. É a **cruz** que ele me deu pra carregar e eu vou carregar, nem que eu sinto nojo do meu corpo por causa do que eu faço. Eu sei que eu estou doente, que eu só faço o ruim pra mim e que eu vou pro **inferno**, eu não mereço Deus e a sua bondade, mas depois que eu faço lá na casa eu venho pra cá pra diminuir o **castigo** (...).²¹¹

Cruz, inferno, castigo e Deus são metáforas que a auxiliam a mostrar, tanto para o irmão quanto para o amante, o quanto existir, na condição em que se encontrava, era algo que pesava demais. Tais recursos metafóricos coadunavam-se perfeitamente com os objetivos da campanha, já que, de certa maneira, dava veracidade aos seus discursos, pois eram utilizados por uma própria prostituta. Diante de todas essas considerações, é interessante questionar: como esta correspondência foi parar nas mãos de Francisco? Será que realmente foi escrita para o irmão de Carla? Noutras palavras, não teria sido produzida para que chegasse exatamente ao conhecimento de outras pessoas como, por exemplo, Francisco²¹²? A própria história se encarrega de deixar em suspenso questões como

²¹¹ Ibidem.

²¹² Francisco não soube explicar como a correspondência de Carla chegou até ele. Quando perguntei se se lembrava dela, respondeu que não, que nunca teve nenhum contato ou diálogo com Carla.

essas, pois a voracidade do tempo nos impende de produzir ou estabelecer qualquer verdade absoluta sobre elas.

A cruz de Carla talvez tenha sido menos a de ter suportado a vida como prostituta do que ter carregado nas costas os dissabores de um sentimento que não pôde ser vivido em toda sua intensidade, como mostra sua escrita. Uma paixão que sofria das constantes esperas pelo outro, isto é, pelo amante que não vinha, pela cama sempre preenchida por outros corpos, cheiros e suores. Neste sentido, sua escrita sugere um intenso conflito interno: “Eu queria que Deus me desse a graça de tirar a minha pele e mudar meu coração, mas eu não consigo viver de outro jeito (...)”²¹³.

Nas dobras do coração, ao que parece, Carla sentia o peso de ter se entregado totalmente, num estágio infernal de submissão que a consumia e a esfaqueava por dentro, produzindo (in)-tensas convulsões que afetavam profundamente sua subjetividade: “estou cansada de ter que fazer tudo e viver sem certeza de que vai dar certo e isso tem me matado porque não sei dizer o que passa aqui comigo (...)”²¹⁴. Convulsões subjetivas que vibravam e intensificavam-se em meio a um processo violento de humilhação que a atingia diretamente, em sua busca incessante de assumir e corporificar o estereótipo da vítima.

- angústias

Corporificar o estereótipo da vítima foi um processo que trouxe para Carla fortes consequências. Mesmo diante de todas as armadilhas presentes em sua escrita, na narrativa que constrói não deixa de escancarar, pelas frestas das palavras, as marcas de angustias que escorrem entre suas linhas. Estamos diante de um corpo angustiado, uma subjetividade repleta de cicatrizes que as humilhações diárias faziam sangrar constantemente.

Ora, as prostitutas são mulheres que constantemente são expostas aos mais diferentes tipos de humilhação. Na rua há sempre um insulto, uma piada que corta a alma, um gesto que fere ou um olhar de desprezo que queima com a sua

²¹³ Carta de Carla. 03 de dezembro de 1971.

²¹⁴ Ibidem.

indiferença. Na solidão das calçadas, o próprio silêncio da madrugada torna-se uma forma de humilhação, pois ele se encarrega de lembrar às prostitutas o quanto são desprezíveis pela sociedade que dorme. Tudo isso são formas sutis de humilhação, porém, não menos violentas e ácidas. Atitudes, gestos, olhares que circundam essas mulheres que habitam e resistem nas esquinas e noites.

Como nos mostra Filho²¹⁵, a humilhação social é um fenômeno histórico que é, ao mesmo tempo, psicológico e político. Isto é, ela não é apenas um processo resultante das desigualdades políticas, indicando, assim, “a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra”²¹⁶. Além disso, a humilhação é aquilo que se manifesta, também, de dentro do próprio humilhado, atingindo seu corpo, gestos, imaginação e sua própria voz. Noutras palavras, não é um processo que atinge aquele que é humilhado apenas do exterior, fazendo-o sentir seu peso e suas marcas somente na pele. A humilhação irrompe internamente, num movimento que rasga a subjetividade do humilhado.

Neste sentido, atentando para as consequências da humilhação no âmbito subjetivo é que o autor a classifica como sendo uma modalidade de angústia, já que:

O humilhado atravessa uma situação de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo – em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz – e também reconhecível em seu mundo – em seu trabalho e em seu bairro.²¹⁷

É possível notar essa situação de impedimento em Carla. Há em sua escrita uma incessante recusa do “eu” que culmina em um movimento constante de renúncia de si. Ela escreve, em trecho já citado: “Eu queria que Deus me desse a graça de tirar a minha pele”²¹⁸. Ou seja, Carla começava a sentir as consequências da avalanche de humilhação que sofria. Por mais que se submetesse a tudo aquilo que o seu amante lhe impunha, por mais que acatasse todas as suas ordens, o que parece, percorrendo a sua correspondência, é que desembocou num sentimento

²¹⁵ FILHO, José Moura Gonçalves. “Humilhação social. Um problema político em psicologia”. In: *Psicologia USP*, vol. 9, nº 2. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-65641998000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 31/01/2015.

²¹⁶ Idem, p. 2.

²¹⁷ Ibidem, p. 3.

²¹⁸ Carta de Carla. 03 de dezembro de 1971.

profundo de angústia, provavelmente por não saber mais quem era: “não sei dizer o que passa aqui comigo (...)”²¹⁹.

O esvaziamento do eu, a sensação de estar perdida consigo mesma, não conseguindo se localizar ou se reencontrar em meio aos múltiplos sentimentos que se conflitavam o tempo todo dentro de si, certamente foi provocado pela captura violenta de sua subjetividade por parte dos organizadores da campanha, dentre os quais, seu próprio amante. É importante frisar que foi ela quem escolheu as estratégias e as táticas do jogo e optou pelos deslocamentos arriscados da partida. Ela mesma deixa claro essa questão neste outro trecho:

eu é que sou a culpada por tudo na minha vida. Sou eu que escolhi fazer tudo isso e agora não consigo voltar e tenho que aceitar por causa que a vida e Deus quis desse jeito. Imploro pra que não esqueça e nem vire a cara pra mim porque (...).²²⁰

O que segue depois deste “porque” são as mesmas lamentações que já vimos no início deste item. Ora, mesmo sabendo que as escolhas foram suas, contraditoriamente ela tenta lançar a culpa para fora de si mesma buscando, talvez, aliviar o peso que uma possível tomada de consciência lhe estava trazendo naquele momento. Não ter forças para lutar parece ter sido, portanto, a única maneira de se perdoar, uma forma de se redimir consigo mesma. Perdida e angustiada, desiludida e possivelmente ciente de que a história com o “importante” político não teria futuro, ela resolve confessar-se com o padre:

Esses dias fui me confessar com o padre aqui e ele me disse que é pra mim pensar na minha vida e descobrir onde está o erro. Tenho me sentido mal esses dias não estou feliz também fazendo o que eu faço acha que não posso mais né? Eu quero ficar sozinha, estou arrependida e vou fazer de tudo para encontrar a saída que está em mim mesmo...²²¹

A conversa faz com que Carla se sinta ainda mais perdida. O processo de captura foi grande. Como é possível perceber no trecho acima, ela entende seu estado de infelicidade como sendo consequência da vida que levava como prostituta. É possível, aqui, conectar este trecho com aquele em que ela narra os

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Carta de Carla. 03 de dezembro de 1971.

momentos em que ficava sentada à porta do Santuário. Lembremos o que ela escreve: “jogada na porta do santuário é que eu sinto mais perto de Deus e o meu corpo fica mais quieto”²²². Ora, a proximidade com o sagrado parece aliviar o peso da carne e aquietar os tormentos do corpo.

Em momento algum Carla reflete sobre os acontecimentos para se posicionar diante deles de forma autônoma. Ela não cria princípios racionais de ação, nem tampouco pensa em maneiras de escapar ou pular as pontes para continuar a caminhada. O movimento que realiza é o inverso disso. Se ela reflete sobre o real, é para voltar-se para dentro de si mesma tentando contornar as dobras do coração, a fim de descobrir a verdade que está alojada no mais profundo canto de sua alma: “vou fazer de tudo para encontrar a saída que está em mim mesmo”. Neste percurso, o “eu” é visto como uma grande alcova, guardiã das mais diferentes tentações e seduições. No entanto, é em meio às dobras ardilosas do coração que a saída se aloja, e o caminho para se chegar até ela é aquele da verdade. Assim, quando escreve que é preciso encontrar a “saída”, é pela verdade que ela procura.

Como mostrou Foucault, discorrendo sobre as técnicas de si praticadas pelo cristianismo, “quanto mais descobrimos a verdade sobre nós mesmos, mais devemos renunciar a nós mesmos”²²³. Inspirado pelas proposições deste filósofo percebo que Carla nega a si mesma o tempo todo, seja ao recusar a materialidade de seu corpo ou quando se vê habitando uma pele estranha, um coração que bate em desalinho: “...tenho me sentido mal esses dias **não estou feliz** também fazendo o que eu faço acha que não posso mais né?”, conclui ela.

*

A vida como prostituta certamente não era nada fácil para Carla, assim como também não era para nenhuma outra prostituta. As redes de capturas foram muitas, e as humilhações, constantes. Não apenas nas ruas, nos bares, na praça ou nas esquinas, mas também no quarto, na cama ou nos salões de bailes das boates. Provavelmente, era difícil aguentar o peso das palavras misóginas, repletas de estigmas que atingiam essas mulheres como uma flecha cortante. No entanto, ao

²²² Idem.

²²³ FOUCAULT, Michel. “Sexualidade e solidão”. In: *Ditos & Escritos V*, p. 97.

contrário de Carla, que fez da tristeza e do cinza da vida uma constante, outras prostitutas encontraram forças e energias para contornar essas violências e humilhações cotidianas, borrando a tristeza dos olhos e o cinza da face para colorir e redesenhar seus rostos com a alegria e a potência de viver. Essas mulheres, diferentemente de Carla, não se isolaram ou se fecharam. Pelo contrário, encontraram na união e na construção de elos de amizade a força para continuarem atuantes e presentes, como veremos a seguir.

2.3 A potência dos afetos: o episódio da vinda do bispo

“Vivo com muita gente, principalmente homens. Mas me sinto muito sozinha e quando escrevo, as palavras me trazem todos vocês pra perto de mim”, escreve Márcia, em 23 de julho de 1972, em correspondência endereçada à irmã, que residia na cidade de Itapira, interior de São Paulo. Apesar das múltiplas relações que deve ter estabelecido no espaço da zona, seja com suas amigas na casa onde morava, seja com os homens com quem manteve inúmeras relações, apesar de todos esses encontros, de acordo com o que escreveu, sentia-se sozinha.

No entanto, a solidão que sentia não deve ser entendida como um sentimento que a despotencializava do mundo. Pelo contrário, gostaria de sugerir que ela procura na escrita uma forma de amenizar a distância, de encurtar o espaço gerador da saudade. Longe de casa, da família e dos amigos, por meio da escrita mantinha próximos aqueles a quem amava, e trazia-os para perto de si nos momentos em que se sentia mais solitária:

Você nem imagina como me faz falta ter vocês comigo e como me sinto sozinha longe de vocês. Gosto da vida, mas me mata ter que ficar longe de todo mundo. Estou arrumando um jeito de ir para aí logo, mas enquanto não tenho condições, vocês vêm por meio das cartas. Não deixe de responder logo porque fico numa alegria muito grande quando recebo suas cartas com as notícias de todo mundo.²²⁴

²²⁴ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

Neste trecho, é possível perceber em Márcia uma necessidade de afirmar que gostava da vida que levava, que acima de tudo, e apesar de todos os possíveis percalços, era feliz. Tal atitude seria apenas uma forma de tranquilizar a família ou responderia a um desejo seu, de autoafirmação? Se a distância faz com que muitas vezes mergulhe em um sentimento profundo de solidão, na mesma correspondência ela não deixa de observar como os laços afetivos que constrói na zona são importantes para não deixar que este sentimento a consuma. Escreve ela:

Minha sorte é que fiz grandes amizades aqui. Encontrei pessoas que gosto muito e que me ajudam a superar a falta de vocês. Também, o dia-a-dia aqui me enche tudo e faz eu esquecer que estou tão longe. Não só as mulheres que moram aqui como também os outros que eu encontro todo dia me colocam pra cima(...).²²⁵

Para analisar esta passagem, acredito que o conceito de afeto, que Deleuze retoma de Espinosa, seja bastante produtivo. De acordo com Deleuze, os “afetos são devires”.²²⁶ No dia-a-dia, somos constantemente atravessados por afetos que podem tanto nos potencializar como diminuir nossa capacidade de agir. Como podem ser evidenciados na escrita de Márcia, os laços de amizade que construiu produzem afetos que a tornam mais forte, que aumentam sua potência de vida. São “afetos alegres”, que a impulsionam para frente, que energizam sua capacidade de agir no mundo.²²⁷

No entanto, obviamente, não se trata de mostrar que ao seu redor ela tenha tido apenas encontros que produziram afetos alegres. Pelo contrário, como ela mesma deixa claro em sua correspondência, não deixou de ser comunicada e atravessada por “afetos tristes”, isto é, “aqueles que diminuem nossa potência de agir”, como explicou Deleuze.²²⁸ Neste sentido, ela conta que certa vez, ao ir ao médico, este tentou convencê-la de que:

estava na vida errada. Ele falou que era pra eu procurar Deus e ser feliz no caminho certo porque a vida que eu levo é muito ruim e não é certo. Me falou que lá eu posso ser de verdade uma mulher que leva uma vida no caminho certo, que tem uma

²²⁵ Idem.

²²⁶ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 74.

²²⁷ Idem.

²²⁸ Idem, p. 75.

casa e filhos pra criar. Que eu estou fazendo mal para o meu corpo. Fiquei pensando no que ele falou por um tempo sabe, fiquei mexida com aquilo. Mas depois vi que nada era verdade.²²⁹

Naquele momento Márcia foi transpassada por afetos tristes. O encontro com o médico a fez ficar, segundo ela, alguns dias sem conseguir trabalhar: “eu já estava me sentindo mal e depois disso não conseguia fazer nada. Fiquei de cama com a cabeça cheia por uma semana”²³⁰. Todavia, o objetivo aqui é mostrar sua capacidade inventiva, pois suas cartas mostram que ela tentou enfrentar a vida de frente, transformando-se a partir dos afetos alegres.

Nesta mesma carta, entre outras coisas, interpreta a campanha de moralização. Observemos suas palavras:

(...) passo meus dias angustiada sem saber o que vou fazer se eles conseguirem fechar a zona daqui. Sinto falta de todos vocês nessa hora. Já faz um tempo os políticos estão querendo fechar a casa onde estou morando e também todas as outras, as do Rosário, da Campista e da Tiradentes. Eles estão dizendo que vem muitas fábricas pra cá e os visitantes não podem chegar na cidade e dar de cara com a gente. Mas sabe mana, eu acho que não é por isso não. Eles estão é com medo das filhas deles e dos amigos deles fazerem a mesma coisa que a gente faz, de levar essa vida gostosa que a gente leva, onde eu posso ser do meu jeito. [Esse ter ele]²³¹ de que pelo crescimento da cidade não é nada, é só medo por que as filhas deles já estão querendo outras coisas e eles tem medo da gente influenciar elas. Aí eles ficam falando que a gente é decaída. Só porque eu faço com meu corpo o que eu quero eu sou decaída? Papai também pensa isso né...²³²

No caso de Márcia, escrever pode ser entendido como um modo de acalantar as dores que emanam das feridas incrustadas na alma. Ela não utiliza a escrita apenas como uma forma de defesa, um meio pelo qual pode externar suas raivas ou expor suas revoltas. Mais do que isso, para ela, a campanha de moralização não era

²²⁹ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

²³⁰ Idem.

²³¹ Sem sentido, é assim que esta expressão se encontra no original.

²³² Carta de Márcia, 23 de julho de 1972. Como mostrei no primeiro capítulo, Tiradentes, David Campista e Rosário eram as principais ruas que davam contorno à zona do meretrício, além da Rua Coronel Pradel. A disposição destas ruas fez com o que a região da zona fosse denominada como “Quatro Cantos”, como é possível observar na única referência dada à zona – feita pelo memorialista Octávio Gouvêa em suas memórias. In: GOUVÊA, Octávio. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Grafcenter, 1998, p. 128.

resultado de um discurso modernizador. Isto fica claro ao dizer que: “Mas sabe mana, eu acho que não é por isso não”. E delimita sua própria interpretação dos acontecimentos ao registrar: “Eles tão é com medo das filhas dele e dos amigos dele fazerem a mesma coisa que a gente faz”.

A escrita de si permite a assimilação dos discursos verdadeiros em princípios racionais de ação – para lembrar mais uma vez Foucault.²³³ Nesta correspondência, Márcia não se identifica como uma mulher decaída. Ela analisa este discurso, interpreta-o e se posiciona diante dele: “Aí eles ficam falando que a gente é decaída. Só porque eu faço com meu corpo o que eu quero eu sou decaída?” Ao escrever sobre sua vida na zona do meretrício, não busca reafirmar um “eu” escondido nas profundezas recônditas de si mesma. Pelo contrário: “Diante de tudo isso, onde cada um fala uma coisa, em cada momento eu sou de um jeito. Nunca sou sempre a mesma, num momento eu sou assim, no outro eu sou outra mulher”.

É claro que não é possível afirmar se Márcia, assim como as outras prostitutas, realmente experimentaram aquilo que tornaram concreto em suas escritas. O importante, a partir destas cartas é perceber as construções subjetivas, os momentos, mesmo que temporários, em que negaram o imóvel, a identidade estanque que lhes foi imposta pelos discursos e saberes que formaram a campanha de moralização. Retornemos a ela.

Em outro trecho da correspondência, conta para a irmã que a fim de manter seus objetivos pretende se juntar com a “elite” para auxiliar no fechamento de outra casa de prostituição:

além do que eu não sou e nunca fui burra e nem de ser passada pra trás. A outra lá diz que é nossa amiga, mas já ouvi dizer que ela até já sugeriu que se tiver que fechar as casas que feche a nossa primeiro. Ontem eu tive com o “X” e ele me disse que se eu ajudar a tirar a casa dela ele me da um bom dinheiro e ainda compra uma casa pra mim em outra cidade aqui perto. Não sei mana, mas fiquei bastante atentada pra ajudar eles, o que você acha? Mas se eu não ajudar, depois eu é que saio prejudicada.²³⁴

Márcia parece jogar o jogo, pensando na partida e decidindo, de acordo com ela mesma, a melhor estratégia para senão vencê-la, ao menos sair com algum

²³³ FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 147.

²³⁴ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

proveito. O que me parece importante destacar nesta atitude é o fato de que diante da campanha e de suas diretrizes moralistas, ela exerce, mediante a escrita, um exercício de interpretação elaborando modos de ação: “mas vou se aliar a ele sim, assim eu garanto minha liberdade e posso continuar por aqui, senão vou fossar junto...”.

Vale frisar a maneira como se posiciona diante das investidas da campanha. Se esta não foi fruto de um discurso único e verdadeiro, mas produto de vários discursos, também as estratégias que partiram de dentro dos espaços do prazer não foram, de forma alguma, homogêneas. Neste próximo trecho, ela narra como as prostitutas se aliaram, para juntas, defenderem seus direitos de manter ativa a zona central:

aproveitamos a missa do bispo e vamos pôr nossas melhores e menores roupas. Vamos à missa e combinamos de sentar junto aos nossos amigos que nos visitam sempre depois de falarem bastante mal da gente lá no poder.²³⁵

O episódio da vinda do bispo é narrado não apenas por ela, como também, por outras prostitutas, como veremos adiante na correspondência de Joana. Pouco tempo antes, em 13 de junho de 1972, o Santuário do Coração de Maria endereçou uma declaração às autoridades contra a zona do meretrício. É neste contexto que deve ser entendido a atitude das prostitutas de aproveitarem a vinda do bispo para ameaçar seus clientes contra as investidas da campanha. Assim diz o texto da declaração:

Declaro, para os devidos fins, que grande parte dos fiéis, de Pouso Alegre, que frequenta o Santuário do Coração de Maria, é obrigada a transitar pela “zona Boêmia”(…) observando cenas horríveis, como mulheres semi-despidas, em estado de embriaguez, ouvindo palavrões, insultos e convites atentatórios à moral. Já foram feitas inúmeras solicitações às autoridades, no sentido de descentralizar, limpando assim a cidade, tornando possível às famílias frequentarem a igreja (...).

Ora, se as prostitutas causavam tamanha insegurança à elite política e representavam para o discurso religioso uma concreta ameaça à moral é porque os

²³⁵ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

códigos de gênero, então vigentes, já se mostravam obsoletos e ultrapassados. O fato é que nesse período a cidade passava por um rápido crescimento urbano. Entretanto, ainda não sabia encarar as mudanças sociais de frente. O fato de as mulheres de classe média-baixa começarem a romper a barreira do lar para trabalharem nas indústrias recém-instaladas na cidade causava tremor, fazendo com que o memorialista Moacyr Reis identificasse nas conquistas femininas a principal causa para a desagregação da família.²³⁶

Indignadas com a declaração do Santuário, as prostitutas se juntaram para contra-atacar tal investida. Como fica explícito na correspondência de Márcia, elas não aceitaram, naquele momento, tal identidade: “a gente não é nada disso que eles falam. A gente vive solta, livre, bem entende...”. Entrarem juntas na igreja e sentarem-se próximos aos seus clientes, que na ocasião estariam com suas respectivas famílias, eram formas de centrifugar as diretrizes discursivas da campanha. Afinal, como mostram muitas das correspondências, grande parte dos envolvidos era assíduos clientes das prostitutas.

Neste sentido, as “mariposas” não deixaram de perceber que a proximidade dos corpos ou sua simples presença naquele local era uma poderosa arma para borrar as investidas da campanha e, além disso, uma forma de tornar evidentes as contradições que a envolviam. Para Márcia, “se eles acham que nós somos bobas estão errados. A gente quer mostrar pra todo mundo que é com a gente que eles vêm se divertir antes de voltar pra casa com sua família. Nós queremos mostrar pra cidade a mentira que eles são”²³⁷.

Subjacente aos clichês utilizados pela declaração para definir quem é a mulher prostituta (“mulheres semi-despidas, em estado de embriaguez”), existe todo um imaginário que classifica essas mulheres como sendo portadoras de um corpo patológico que torna imundo e sujo o espaço onde habitam (“... limpando assim a cidade...”).²³⁸

²³⁶ REIS, Moacyr. *Op. Cit.*, p. 89.

²³⁷ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

²³⁸ É claro que estas concepções não significam uma peculiaridade do pensamento que se desenvolveu em Pouso Alegre, em torno da prostituição. Menos do que uma novidade, esta forma de perceber a mulher prostituta deve ser entendida como um prolongamento dos discursos médicos e jurídicos que emergem, na França, por exemplo, nos idos do século XIX, e no Brasil, mais especificamente, em São Paulo e Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e início do XX. A este respeito ver: CORBIN, Alain. *Op. Cit.*; RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.* (Sobre este assunto ver, especificamente o capítulo três da segunda parte [“Opacidades”], intitulado: “O complicado sexo dos doutores”, pp. 165-192); ENGELS, Magali. *Op. Cit.*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Além disso, vale chamar atenção para o fato de que é o sexo e o que se faz com a sexualidade que funciona como chave universal, servindo como base para a construção da identidade da prostituta. Pode-se dizer que, uma vez que se trata de saber quem são elas, é a sexualidade que funciona como matriz de inteligibilidade para definir sua identidade.²³⁹ Não apenas para a prostituta. É válido nos atermos um pouco mais sobre esta questão, pois afinal, no episódio da vinda do bispo, um dos objetivos das prostitutas era exatamente lutar contra essa marca do sexo como definidor de suas identidades.

Desde o século XVIII, a sociedade ocidental não cansou de falar sobre o sexo. Menos do que um silenciamento – Foucault nega veementemente a “hipótese repressiva” – vê-se proliferar uma intensa incitação a se falar dele. Ao pensar a implosão discursiva em torno do sexo, ele chamou a atenção para a ligação que se construiu entre sexo e verdade. O importante para o filósofo é observar como se formou, em torno do sexo e a propósito dele, um “imenso aparelho para produzir a verdade do indivíduo”.²⁴⁰ Afinal, questiona em “Não ao sexo rei”:

como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa verdade profunda é lida, é dita?²⁴¹

O sexo é o núcleo onde se aloja a verdade do sujeito. Noutras palavras, é ele quem libera aquilo que de mais oculto há em nós definindo, desta forma, nossa identidade. Aquilo que somos, o que nos delimita e explica nossa “essência” foi para a civilização ocidental, a partir do cristianismo, determinada pelo sexo. De todas as correspondências que analiso, é na carta da prostituta Julieta onde a recusa em aceitar o sexo como raiz da identidade se faz de forma explícita. Ela escreve:

sou prostituta por uma opção minha mesmo, não se preocupe comigo, sou feliz e é isso que me importa. Essa vida não é fácil, e nem difícil, mas é muito gostoso fazer o que eu faço. (...) Não sou santa, mas também não sou pecadora. Eu quis fazer isso e vou fazer até quando eu puder fazer. **Eu nasci pra**

²³⁹ Ver: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Op. Cit.

²⁴⁰ Idem, p. 64.

²⁴¹ FOUCAULT, Michel. “Não ao sexo rei”. In: MACHADO, Roberto (Org.). Op. Cit, p. 229.

ser quenga mas não consigo entender por que as pessoas quando me olham não vê a Julieta, mas vê minha vagina (...) é só ela que eles vê. É isso que eu não gosto por que eu sou mais do que ela. E a gente quer mostrar isso na missa do bispo. Que a gente é igual a todo mundo (...)²⁴²

Vale destacar que para o ocidente a confissão foi uma das técnicas mais empregadas para extrair a verdade do sujeito. Nesse sentido, a busca pela verdade está intimamente ligada à renúncia de si mesmo – o que foi possível observar na escrita de Carla, no item anterior –, pois como mostrou Foucault, “quanto mais descobrimos a verdade sobre nós mesmos, mais devemos renunciar a nós mesmos”.²⁴³ Como vimos anteriormente, tanto a escrita de Márcia quanto a de Julieta não assumem, neste sentido e neste ponto, um tom confessional, já que não é possível identificar uma busca incessante pela verdade. Em suas correspondências, não procuram renunciar a si mesmas, negando a vida que possuem. Pelo contrário, há uma constante necessidade de afirmação de si. E essa atitude foi fundamental para que conseguissem enfrentar os acontecimentos.

- “eu posso ser diferente do que eles pensam que eu sou”

“Eu me sinto uma outra mulher quando junto comigo as forças das minhas manas e amigas”, escreve Joana, em carta de 30 de outubro de 1972²⁴⁴. As redes de amizade estabelecidas pelas prostitutas foram fundamentais para que juntas pudessem formar um movimento contrário às investidas da campanha. Redes de amizade e de união que produziam “afetos alegres”. Ou seja, um tipo de afeto que, segundo Deleuze, baseia-se na alegria, aumentando a “potencia de agir”²⁴⁵, diferentemente dos afetos tristes, como aquele que ultrapassou a subjetividade de Márcia em sua visita ao médico.

Na escrita de Joana fica evidente a importância que o outro assume para si. A intensificação das redes de amizade entre as prostitutas era o que estruturava os

²⁴² Carta de Julieta, 08 de fevereiro de 1970.

²⁴³ FOUCAULT, *História da Sexualidade I. A vontade de Saber. Op. Cit.*, p. 96.

²⁴⁴ Carta de Joana, 30 de outubro de 1972. Não é possível saber o destinatário de sua correspondência. Ela não faz qualquer menção a este respeito.

²⁴⁵ DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 57.

alicerces da luta. Relações de amizade que marcaram fortemente sua subjetividade, a ponto de fazer com que registre o episódio da vinda do bispo:

Não esqueço aquele dia que a mulherada lá da zona ficou sabendo que um tal bispo importante ia vir realizar uma missa no santuário. Dei muita risada aquele dia, como eu estava feliz naquela hora. Foi aí que uma teve a ideia de fazer a mesma coisa. Era pra gente entrar tudo juntas na igreja e ir lá na frente pedir a benção pro bispo e depois sentar junto com nossos amiguinhos. Nossos amigos iriam morrer de vergonha e de medo quando vissem a gente entrar na igreja. Eles não gostavam que a gente andasse pela cidade quando eles estavam com a família. Eles tinham medo das filhas deles ver a gente e gostar do nosso andar, das nossas roupas e do nosso brilho. Aquele dia pra mim ia ser ótimo eu ia mostrar como eu posso ser diferente do que eles pensa que eu sou.²⁴⁶

Abordar os clientes da zona dentro da missa do bispo era uma forma de enfrentá-los, de deixar claro que elas possuíam armas para barrar as investidas da campanha. Tal atitude ameaçava diretamente a “solidez” do mundo familiar no qual estes homens estavam inseridos. Por outro lado, a maquinação das prostitutas, a entrada delas dentro da igreja, além de ser uma ameaça à moral familiar, como sugere a escrita de Joana, pode também ser entendida como um ataque direto à virilidade daqueles homens. Nesta direção,

como ameaça sexual, é visível a irritação provocada pelas prostitutas, quando abordavam diretamente os homens. Medo? De acordo com nosso código moral, ao sexo forte cabia a iniciativa de aproximação sexual, segundo um modelo masculino que valoriza a virilidade, os pelos, a coragem e a força.²⁴⁷

Apresentar-se diante da sociedade considerada normal parece ter sido para Joana uma forma de se mostrar enquanto mulher que era, independente daquilo que praticava nos espaços da zona. Longe de sua área de atuação ela quebrava os limites representativos que separavam os espaços do prazer e dos amores ilícitos do restante da cidade. A fusão destes espaços representava uma ameaça para os

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 144.

clientes da zona, que ali, junto de suas famílias, corriam o risco de serem desmascarados pelas prostitutas.

Mais que isso, a presença dessas mulheres tornaria líquidos os sólidos imaginários construídos sobre espaços que deviam ser devidamente isolados. Ora, quando as sexualidades insubmissas misturam-se com a dita moral de honra da cidade, a teia discursiva que sustenta as construções deste imaginário perde o controle sobre a situação, abalando as velhas ordens e pondo em xeque valores e códigos de gênero. Portanto, o que chama a atenção no episódio da vinda do bispo é a forma como elas interpretaram as proibições e encontram caminhos para, senão escapar, produzir outras saídas.

As prostitutas buscaram apoiar-se na presença do outro, que tanto podia ser uma amiga, um parente distante ou um amigo ausente. Na análise dos diferentes processos de produção da subjetividade dessas mulheres tais presenças são extremamente importantes, já que diante de um acontecimento como foi a campanha de moralização, que irradiava inúmeros processos de captura, foi com base no apoio do outro, em sua presença, que elas puderam encontrar forças para aumentar suas potências de ação.

É o que podemos perceber se retomarmos Márcia. Ao narrar o episódio do bispo para a irmã, ela se transporta para perto da família, rompendo as barreiras não só da distância, mas do preconceito que sofria principalmente por parte do pai. Na direção do que apontou Foucault, “escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”.²⁴⁸ A carta permite a proximidade, afunila a distância e rompe parcialmente o sentimento de solidão que sentia longe da família, não apenas pelas informações trocadas, mas por que permite uma espécie de “presença imediata e quase física”.²⁴⁹ Como dirá Foucault, lembrando Sêneca, a correspondência traz os sinais vivos do ausente. Márcia se alegra com as respostas que recebe, trazendo-lhe notícias de casa: “quando recebo suas notícias, elas são pra mim uma alegria que me dá força para seguir o destino que quis...”²⁵⁰, afinal, “o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar”.²⁵¹

²⁴⁸ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Op. Cit.*, p. 156.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Carta de Márcia, 23 de julho de 1972.

²⁵¹ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Op. Cit.*, p. 145

Mas é escrevendo para um amigo onde ela expõe mais abertamente esta questão. Diferentemente da correspondência que envia para a irmã, aqui a escrita assume outro tom:

Você me fez ficar pensando muito quando recebi seu ultimo recado. Tenho sentido muita falta sua, porque não veio mais? Faz tempo que não aparece por essas bandas. Você está certo mesmo com o que disse. Depois de pensar muito no que você me falou eu achei que seria o melhor pra mim, então tomei finalmente a atitude e não quis mais. Era o melhor pra mim mesmo. Amigo do coração nunca se perca de mim. Beijo na sua boca.²⁵²

Não é possível depreender qual era o motivo ou as razões que a fizeram mudar de opinião, nem mesmo a respeito de quê ela teria mudado de atitude. O que deve ser destacado é o papel do outro, aqui representado pela figura do amigo. A carta é sempre relacional. E os afetos que produz, também. O trabalho que ela opera no destinatário, mas também naquele que a envia, implica uma introspecção. Essa introspecção não deve ser entendida como um processo de decifração de si por si, mas como “uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”.²⁵³ A carta possibilita o exercício da meditação, pensar no que foi escrito, mas também naquilo que o outro lhe escreveu²⁵⁴. Márcia escreve: “Depois de pensar muito no que você me falou eu achei que seria o melhor pra mim”.

Márcia – assim como Joana ou Julieta –, pinta com novas cores o cotidiano da zona do meretrício. Se este espaço é constantemente estigmatizado por um imaginário que valoriza sempre a campanha de moralização, reduzindo a memória sobre a zona ao processo de sua transferência, da região central para outro espaço da cidade, a escrita das prostitutas ajuda a compor as dramaturgias do prazer possibilitando novas tramas, novas cenas e novos contornos para a história da zona central.

²⁵² Carta de Márcia, 24 de setembro de 1972.

²⁵³ FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *Op. Cit.*, p. 157.

²⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 230.

Capítulo 3

Vibrações Eróticas

Quero o tempo presente que não tem promessa, que é, que está sendo.

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H*

3.1 O diário de Antônia: “Eu queria me deitar com ela”

Ela queria o prazer do extraordinário que era tão simples de encontrar nas coisas comuns: não era necessário que a coisa fosse extraordinária para que nela se sentisse o extraordinário.

Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*

Entre os meses de março a junho de 1970²⁵⁵, a prostituta Antônia, que morava e trabalhava na Boate Novo Mundo, escreveu assiduamente em seu diário. Nele, falou sobre diversos assuntos, discorrendo sobre temas variados de seu cotidiano, dentre os quais, seu dia-a-dia na cidade, seus medos, angústias, solidões e alegrias. Nessas páginas desconexas e soltas, com linhas repletas de lacunas e interrupções, a vida se apresenta no calor dos fatos, das emoções e dos (res)sentimentos.

Diante deste corpus documental, gostaria de analisar aqui dois fragmentos onde ela discorre sobre sua vida amorosa, abordando um mesmo tema: o seu possível relacionamento com a prostituta Milu. A escolha desses fragmentos se

²⁵⁵ É importante lembrar que os fragmentos do diário situam-se entre os anos de 1970 a 1976. Considerando o conjunto desses documentos é que se pode afirmar que houve uma regularidade de escrita entre março a junho de 1970, já que os outros fragmentos são de períodos bastante longos entre um e outro.

justifica pelo fato de possibilitarem dar visibilidade a um assunto de difícil acesso para a prática historiográfica, de uma forma geral, já que é muito difícil para o historiador encontrar documentos como esses que permitem fazer uma história da homossexualidade.

O primeiro foi escrito em 12/04/1970. Neste dia, inverteu a ordem e o tempo da escrita. Com exceção deste fragmento, todos os outros que compõem a trama do seu diário foram escritos no fim da tarde, pouco tempo antes de a boate abrir as portas, o que geralmente ocorria, segundo ela, por volta das vinte e duas horas. Já o segundo é do dia 22 de abril. Nele, como veremos no decorrer deste texto, o que parece é que as decepções, os fracassos e as amarguras cedem espaço para o êxtase, para os excessos e para as intensidades, já que é nele onde registra os momentos de prazer com Milu.

Antônia era bem detalhista. Para organizar sua narrativa, captava e registrava os mínimos detalhes à sua volta. Sua escrita é cheia de pausas, interrupções, viradas e paradas bruscas do pensamento. Neste sentido, em meio a todas essas características, a maneira como escreve aponta para uma mulher que viveu entre mágoas e dissabores amorosos. Diante desse contexto, é possível propor que, para ela, escrever um diário talvez tenha sido a saída que encontrou para exorcizar seus anseios e vontades, uma tentativa de se livrar dos fantasmas que, como sugere seu texto, rondavam-na de perto.

O diário pode ser entendido, nesta direção, como “um espaço de expressão pessoal”, valendo-me da expressão de Michelle Perrot.²⁵⁶ Esse espaço possibilita “a maior proximidade à profundidade do eu”. Isso porque sua escrita não obedece a regras, a não ser aquelas que surgem no devir do instante, sendo guiada pelas emoções. Tal escrita é, portanto,

desprovida de amarras genéricas, aberta à improvisação, a inúmeros registros da linguagem (...) O diário cobre o imaginário de liberdade absoluta, cobiça qualquer tema, da insignificância cotidiana à iluminação filosófica, da reflexão sentimental à paixão desatada. Diferentemente de outras formas biográficas, escapa inclusive à comprovação empírica; pode dizer, ater-se ao acontecimento ou a invenção (...).²⁵⁷

²⁵⁶ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo : Edusc, p. 98.

²⁵⁷ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 143.

Há muitas maneiras de analisar os fragmentos deste diário, já que eles permitem e suscitam múltiplas formas de olhar para essa escrita, que esconde inúmeras armadilhas ao historiador. Atento aos riscos, é importante deixar claro que não pretendo buscar pela verdade daquilo que Antônia tentou registrar, mas sim propor algumas possibilidades interpretativas. Sendo assim, na análise que aqui proponho fazer, gostaria de tratar de uma questão que considero de extrema importância dentro dos limites deste trabalho: em que medida a maneira como Antônia interpreta sua relação com Milu pode contribuir para desestabilizar a memória misógina que atua sobre a história da zona central? Para começar a interpretar esta história, vejamos como ela narra este episódio.

Garrafas estão espalhadas pelo chão. Vazias, é claro. Em um canto do salão, uma prostituta dorme. É ainda muito cedo, o baile mal acabara. Sobre o sofá – verdadeiro divã nas noites animadas da boate –, outras prostitutas, encostadas umas às outras –, algumas bêbadas, outras não –, também dormem. Os últimos clientes lançam-se para a rua, alguns deles ainda muito embriagados, de álcool e de sexo. Nas ruas, o transitar dos corpos vão cedendo espaço para a aurora que está prestes a despontar no horizonte. Ouve-se o barulho das portas dos bares localizados nas esquinas das ruas David Campista com a Cel. Campos do Amaral, aonde as últimas “mariposas” vão batendo asas e voltando, uma a uma, para suas respectivas casas.²⁵⁸ Neste retorno elas vão colorindo e deixando suas marcas pelo espaço imprimindo, desta forma, a fisionomia da zona.

A madrugada brumada prenunciava aquele domingo, 12 de abril. Um dia que seria recheado de lembranças, marcas, decepções, euforias. Seria ele também um dia de espera. Espera por alguém que estava tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe e tão distante. Distância de mundos, de possível, de se tornar realidade e materialidade, menos do que distância física, de corpos, de toque.

No corredor que separava o salão de baile dos quartos da Novo Mundo está Antônia. O vermelho intenso e rústico que coloria as paredes dos quartos, cujas portas estavam agora abertas, misturava-se com o “sangue que corre desesperado” em suas veias. Sinal de um corpo que, naquele momento, literalmente vibrava. Um corpo embriagado não apenas pelos odores do sexo que exalavam dos quartos, do cheiro de álcool e perfume que tomavam conta de todo o interior da boate, mas

²⁵⁸ As informações e os detalhes que compõem este parágrafo foram retirados do fragmento de número 2 do diário da prostituta Antônia. Todas as frases entre aspas e sem referência, no corpo do texto, são de sua autoria.

também pelos escombros das lembranças, cujo peso não a deixara sequer ter um minuto de sono, como registrou em seu diário.

Estamos diante de um corpo que, “na sua materialidade, na sua carne, seria como o produto de seus próprios fantasmas”, como escreveu Foucault.²⁵⁹ Fantasmas que faziam com que Antônia, em um redemoinho de pensamentos, mergulhasse em um sentimento de “desrealidade”²⁶⁰, onde os cacos e os escombros construiriam um universo ideal, mágico e, portanto, utópico. Neste movimento, não apenas seu mundo, com seus cenários sonhados e imaginados seria utópico, como também seu próprio corpo, afinal, é ele “um grande ator utópico”.²⁶¹

Se como sublinhou Foucault,

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro²⁶²,

a força de um amor não correspondido, sentimento que arrebatava Antônia naquele momento, também era capaz de transformar seu corpo em uma utopia. Isso porque, de acordo com o tom usado em sua escrita, naquele instante, o corpo pesava demais para ela. Talvez fosse a presença viva, materialidade cortante de uma realidade cruel. Como ela afirma:

estou desolada. Queria estar dormindo como todas as outras, mas não consigo por que meu corpo, assim como meu coração estão doendo demais. Eu queria esquecer tudo e pensar só nos homens que eu estivesse essa noite. Eu queria esquecer este amor, mas nem as bebidas de ontem conseguiram apagar o que ele me fez. Eu estou olhando para este vestido, mas meu corpo e minha cabeça me lembram de tudo que eu ouvi ontem...²⁶³

²⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico. As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p. 14.

²⁶⁰ “Desrealidade: Sentimento de ausência, fuga da realidade experimentada pelo sujeito apaixonado, diante do mundo. (...) O enamorado se separa então do mundo, ele irrealiza porque fantasia de um outro lado as peripécias ou as utopias do seu amor; ele se entrega à Imagem, e em relação a ela todo ‘real’ o incomoda”. In: BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001, p. 115-119.

²⁶¹ FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico. As heterotopias. Op. Cit.*, p. 13.

²⁶² Idem.

²⁶³ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

Era preciso fugir deste real, abandonar seu corpo, retirar sua pele, destruir sua materialidade. Ao que parece, Antônia ansiava pelo esquecimento. Queria borrar as decepções, apagar suas lembranças, mas seu corpo, como um *flash* emanando cenas e pensamentos, fazia com que ficasse presa ao instante, no qual o tempo parecia se cristalizar aumentando ainda mais suas dores. É, portanto, sob o signo da dor, do abandono e da decepção que ela constrói todo o cenário antes de se posicionar no trecho acima como a prostituta solitária, que perdida na noite, recusa o próprio corpo e a própria imagem. Seria a indiferença de Milu motivo suficiente para todo o ressentimento de Antônia? Talvez, mas o fato é que para compreendermos todo o contexto desta história é preciso acompanhar mais de perto os desmembramentos da escrita.

- o complicado signo do amor

Amor é quando não se dá nome à identidade das coisas?

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H*

Para o baile, Antônia conta que “Margarida mandou fazer um vestido longo, de cor violeta, de brilhos nas mangas”²⁶⁴. De acordo com ela, a noite seria de gala, pois a cafetina “estava comemorando uma grande vitória”, e tinha chamado todos os “coronéis” para comemorar numa noite dançante e pomposa. Embora não seja possível saber o motivo de tal comemoração, o baile teria, segundo Antônia, uma grande novidade, que os convidados da região aguardavam com ansiedade. Seria a apresentação de Milu, a mais nova “mariposa” da Novo Mundo.

Como descreve em seu diário, Milu era uma menina de vinte anos que Margarida encontrou em uma de suas viagens a Belo Horizonte. Ela seria a grande recompensa que a cafetina daria aos seus clientes-amigos. Antônia se encantou por Milu logo nos primeiros momentos. Ela afirma que foi tomada por um sentimento estranho, desconhecido por ela até então. Embora não se possa generalizar, a zona é mundo permeado por sensações extremas, fortes e intensas. As sensações são

²⁶⁴ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

vividas no limite, em excesso mesmo. Antônio estava habituada com essas sensações, segundo ela. Mas não com esta que agora lhe tomava conta por completo. Assim ela descreve:

Não sei explicar. Não tem comparação. Quando eu olhei a Milu o que eu senti foi diferente dos sentimentos que eu já vivi aqui e em toda a minha vida. Na hora eu não sabia explicar, eu não me entendia. O que eu sei é que não era igual e eu estava gostando e sei que ela também porque me olhava de um jeito diferente. Passou um tempo e eu queria fazer de tudo para ela e ela gostava.²⁶⁵

É interessante sublinhar o quanto Antônio, ao descrever o momento em que conheceu Milu, lança mão de uma escrita extremamente romântica. A primeira vista, pode-se ter a sensação de que se está diante de uma página de um romance. A prostituta, cansada e saturada da vida, conhece, por acaso do destino, a mulher dos seus sonhos em uma situação que é, por ela mesma, bastante inusitada. Na narrativa dramática que constrói, ela se apaixona rapidamente por Milu, entretanto, não demora a sofrer as primeiras consequências desse amor. Ora, tudo isso não seria uma estratégia discursiva para reafirmar a imagem da prostituta enquanto sofredora amargurada e pisada pela vida?

Obviamente, é muito difícil construir qualquer afirmação a este respeito. Entretanto, sua escrita não nos impede de propor uma indagação bastante sugestiva: se observarmos de forma cuidadosa como Antônio constrói sua história, Milu não poderia ser aquela que viria salvá-la do mundo da prostituição? Possivelmente sim, se levarmos em consideração o quanto sua imagem é construída, em sua escrita, de forma a apresentá-la como uma mulher que permite outro mundo, diferente daquele experimentado dentro da zona. Afinal, é ela mesma quem afirma no trecho acima que: “foi diferente dos sentimentos que eu já vivi aqui e em toda a minha vida”. A fim de tentar entender o que ela escreve, aproximando o mais rasteiramente possível de suas palavras, seria viável apoiar-se nas considerações de Deleuze, quando diz que o amado surge como um signo exprimindo um mundo possível, desconhecido de nós.²⁶⁶

²⁶⁵ Diário de Antônio, 13 de abril de 1970.

²⁶⁶ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 7.

Em seu texto, Antônio se mostra apaixonada por Milu. Diante daquela situação, percebe e entende que as portas de um novo mundo, de uma realidade ainda completamente desconhecida se apresentavam para ela. Se o universo da prostituição, com toda sua carga de mistério representa para o pesquisador um mundo difícil de ser analisado, tentar captar a magia de um sentimento como o de Antônio é ainda mais desafiador. Ora, será que Milu significou, de fato, um mundo desconhecido? Menos do que ter certeza sobre isso, e muito embora não seja possível afirmar com exatidão, não teria Antônio visualizado a possibilidade de se conectar com um mundo que talvez sempre sonhara em viver? Se sim, esse mundo não poderia ser aquele onde a prostituta é resgatada da zona e, salva, é levada para o interior do lar, passando finalmente a fazer parte da instituição do casamento? Mas Milu, que havia acabado de conhecê-la, seria capaz de tudo isso? Observemos outro trecho de seu diário, onde as certezas parecem ser absolutas:

Não era amizade. Eu queria me deitar com ela e por mais que aquilo fosse estranho porque eu sempre gostei de homem eu não estava ligando pra isso. Eu queria conhecer, tudo o que ela falava me interessava. Ela me fez sentir eu de novo. Com ela por perto aqui eu me senti diferente das outras. Coisas que até hoje, que vem desde o dia que eu cheguei aqui, eu não sentia. Aqui depois de um tempo eu esqueci que eu era uma pessoa, que tenho meus sonhos, minhas vontades, medos. Tudo é junto aqui, nem cama a gente tem... Ela me fez poder sentir de novo que eu sou uma pessoa que vivendo junto de tantas outras eu sou diferente do mesmo jeito que todas elas são diferentes. Não é porque a gente faz a mesma coisa que a gente é tudo igual...²⁶⁷

Gostaria de destacar a seguinte questão: Se em outro momento Antônio entende que Milu havia lhe proporcionado sensações muito diferentes do que até então sentira, logo no início deste trecho, acredito que ela se contradiz. Neste sentido, chamo atenção para a forma como ela, de imediato, sexualiza o seu encontro: “Eu queria me deitar com ela e por mais que aquilo fosse estranho porque eu sempre gostei de homem eu não estava ligando pra isso.” Por que ela precisa afirmar que diante de seu interesse pela outra, não liga para o que está sentindo? Ora, a meu ver a expressão “não estava ligando para isso” revela o quanto estava

²⁶⁷ Diário de Antônio, 13 de abril de 1970.

preocupada com tal sentimento e, além disso, o quanto as pressões morais a atingiam de frente.

Como abordou Deleuze, “o amado implica, envolve, aprisiona um mundo que é preciso decifrar, isto é, interpretar”.²⁶⁸ Acredito que Antônia, no trecho acima, realiza um exercício de interpretação, bem como tenta decodificar os elementos e códigos do mundo possível que Milu lhe representava. Entretanto, entendendo esse exercício como sendo menos um trabalho onde busca a autonomia de si mediante ao que o outro possibilita, do que a realização de um processo em que procura construir uma imagem idealizada da outra. Ao que parece, essa idealização é o que permitiria a Antônia recuperar sua identidade perdida, um “eu” que, de acordo com ela, foi apagado quando entrou para o mundo da prostituição. Diante disso, trata-se de perguntar: que outro “eu” era esse? Aquele que é passível de ser salvo e, portanto, recuperado?

Por mais que tentasse, ela se apresenta como não conseguindo captar os signos daquele sentimento, muito menos tornar inteligível o mundo que se abria diante dos olhos. Ao terminar de descrever os primeiros momentos desta história, passa então a medir as primeiras consequências do seu sentimento, pensando nas possibilidades de vivê-lo ou não. Ela escreve:

como a gente ia viver aquilo tudo? Se a Margarida soubesse colocava nós duas na calçada sem mala e limpa. Ela não aceitava. Eu tinha medo disso acontecer por que se manchasse a imagem da casa os clientes não iam vir mais e ela de verdade matava a gente.²⁶⁹

Neste ponto, a escrita de Antônia permite fazer uma importante ressalva. Embora a zona do meretrício fosse um espaço onde a sexualidade podia ser vivida para além do quarto do casal, ela não representava um universo desprovido de normas, muito menos deixava de revelar os códigos morais que imperavam na sociedade do período. Se as relações sexuais praticadas no interior da Novo Mundo, entre prostitutas e clientes transgredia a ordem estabelecida dando a possibilidade, para o homem, de experimentar novas posições, gostos, gestos e fantasias eróticas

²⁶⁸ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Op. Cit.

²⁶⁹ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970.

elas não deixavam de estar impregnadas por códigos normativos que visavam manter intactos o padrão heteronormativo de relacionamento. Voltemos ao diário:

É muito diferente o que eu estou sentindo, mas eu quero viver tudo (...) Viver com ela me faz acreditar na felicidade. Ela me faz crescer, ser feliz, viver bem. Conhecer ela agora foi no momento certo. Ela me trouxe força para lutar contra esses covardes. Com ela eu tenho coragem pra tudo (...).²⁷⁰

Por que Antônio precisa colocar Milu no lugar de sua salvadora enquanto cobre-se com o manto da infelicidade? Seria ela tão infeliz quanto diz ser? Se sim, por qual motivo teria suportado viver como prostituta? Neste momento da escrita, a trama que constrói sofre uma reviravolta. A puta desolada e ressentida cede espaço para a “mariposa” que finalmente descobre a felicidade e a leveza dos dias. No entanto, toda essa felicidade não é algo que brota de si mesma, mas é rapidamente justificada pela presença da outra. Ou seja, ela procura edificar a ideia de que é incapaz de ser feliz de forma autônoma, precisando sempre de alguém para fazer nascer esse sentimento em seu íntimo.

Talvez seja por isso que Antônio tende a nos fazer pensar que em momento algum de sua escrita há um questionamento se o seu sentimento está ou não em conformidade com uma lei, um princípio ou um código universal de comportamento. Por que essa preocupação? Vejamos como na afirmação abaixo ela, mais uma vez, se mostra de forma bastante contraditória:

Tudo o que vivo com ela é gostoso. Ela me faz sair da rotina daqui. Cada vez que a gente se encontra eu tenho uma surpresa e descubro alguma coisa diferente. Eu não penso eu vivo o que vem (...) Não é só ela que me dá surpresa eu também fico imaginando as coisas para fazer com ela (...) que eu nunca tinha imaginado.²⁷¹

A afirmação: “Eu não penso eu vivo o que vem” é utilizada como uma tentativa de mostrar que era indiferente aos riscos e preconceitos que sua relação com Milu possivelmente iriam provocar, caso fosse descoberta. No entanto, a própria existência de tal afirmação em sua escrita não poderia ser entendida como uma forte

²⁷⁰ Diário de Antônio, 13 de abril de 1970.

²⁷¹ Idem.

preocupação de sua parte em relação a isso? O fato é que, para se posicionar de tal forma, ela busca definir Milu como tendo um alto e poderoso poder de sedução, que tem para ela, como fica implícito em seu texto, a força de desmoralizar os códigos morais, de destruir as barreiras da própria pele.

*

Seduzida, Antônio explica que a história com Milu começou a interferir em sua vida, já que passou a não se dedicar como antes às noites da boate. Conta que certa vez, após beber muito, um político muito influente da cidade chegou ao salão querendo exclusividade com ela. Como a cafetina já vinha notando diferença em seu comportamento, diz que não se recusou, mas resolveu brincar com o cliente.

No salão, ela dá início a uma performance erótica onde “dançava e sentava no colo dele, esfregava as mãos, pegava e colocava minha mão dentro da calça dele”²⁷², escreve ela em tom irônico. Após envolvê-lo com sua atuação, leva-o para o quarto. Depois de retirar dele “muito dinheiro” e fazer com que gastasse um valor considerável em bebidas, antes do ato sexual, resolve arriscar tudo: “deitada sobre ele nu, com nojo daquele corpo feio, esfreguei meu corpo sobre o dele e falei na orelha dele que eu gostava de mulher, que ele era nojento e que não me dava prazer nem um pouco...”²⁷³.

Considerando toda a documentação que faz referência à trajetória de vida de Margarida Leite, é possível sugerir que Antônio possivelmente tenha sido um pouco exagerada na forma de narrar este episódio. Como vimos, as próprias “mariposas” definem a cafetina como uma mulher rígida e ríspida, que não tolerava insubmissões ou desvios de comportamento, e ela mesma, lembremos, confirma esta imagem em vários fragmentos do diário.

O fato é que este episódio, da forma como foi narrado, cabe perfeitamente dentro de seus objetivos. Graças ao poder de persuasão de Milu ela teria se libertado de toda forma de submissão possível. Para dar veracidade a isso, a fim de mostrar como a mudança havia sido drástica é que se pode entender a escolha e a forma narrativa que utilizou para registrar sua “vingança” com o cliente.

²⁷² Ibidem.

²⁷³ Ibidem.

No momento em que ela verbaliza que não sentia nenhum prazer por ele e, além disso, afirma gostar de mulher, ela tende a fazer crer que sua atitude havia calcinado todo poder de dominação daquele homem. Naquele momento, talvez o que Antônia quisesse mostrar é que o falo (ereto e imponente), expressão máxima da virilidade, havia perdido toda significação. Ela conta: “amoleceu e ele furioso disse que a minha vida tinha acabado. Falei pra ele, se você contar pra ela (se referindo a Margarida) o que o eu falei, eu falo pra cidade inteira que você não é de nada”.

Se no começo deste item vimos uma mulher amargurada e vitimada, aqui ela desloca o foco, apresentando-se como a heroína de seu romance. O que é importante sublinhar não é se realmente as coisas se passaram tal e qual ela registrou, mas questionar, em meio aos múltiplos pontos de questionamento que sua escrita pode provocar, qual seria a necessidade de tal posicionamento. Conectando sua forma de narrar os episódios com o contexto geral da campanha de moralização, percebo em Antônia uma forte necessidade de querer abalar, tanto a força dos estigmas quanto as mais diferentes dominações, que por ventura sofria em sua vida na zona. Diante disso, o que me parece é que ela encontrou num possível relacionamento homoafetivo as bases para apoiar tal questionamento. Como veremos a seguir, a trama vai muito além do que tratei até aqui. Nas páginas seguintes, gostaria de abordar a maneira como ela entende e analisa os momentos de gozo com Milu.

- Antônia e a dessexualização do prazer

É que, quando amávamos, eu não sabia que o amor estava acontecendo muito mais exatamente quando não havia o que chamávamos de amor.

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H*

De acordo com Antônia, sempre que Margarida trazia uma nova prostituta para a boate, na noite de apresentação ela não fazia programas; a não ser com o cliente exclusivo, escolhido pela própria cafetina. Mesmo sabendo disso, confiava no que Milu havia lhe prometido, de que não aceitaria nenhum deles antes que tivesse

uma noite de amor com ela. No entanto, desabafa: “Quase duas horas da madrugada”, Milu saiu da boate acompanhada do “queridinho da Margarida”. O pacto havia sido cortado. Ressentida, explica que ficou desolada, bebendo cada vez mais para tentar esquecer o abandono e o desprezo de Milu:

A música mais tocada ontem me faz companhia agora. Que fossa, eu estou sentindo muito frio, com raiva de mim. Eu queria tanto que você tivesse me aquecido esta noite. Que a gente tivesse feito nosso ninho como você prometeu. E agora eu não sei pra onde você foi, mas como diz a música tomara que o que te espera seja uma noite fria, perdida para você. Você me quer? Porque você disse que queria e agora faz isso. Eu gosto dela e saber disso me fez sentir uma mulher diferente. Eu estava querendo enfrentar tudo por ela, mas ela não quis que eu aquecesse ela esta noite...²⁷⁴

Chamo atenção para a dramaticidade das palavras e do cenário que constrói. Tem-se, aqui, novamente uma inversão na forma de narrar. Volta à cena a “mariposa” enganada e ferida. Para demonstrar o quanto isso havia sido marcante, faz questão de registrar que quando seu último cliente deixou a boate, o baile já havia acabado. Ainda bêbada, “fui pro meu quarto”, o qual dividia com mais duas prostitutas, entre elas Milu, e “peguei meu caderno”. Sentou-se, segundo ela, no corredor e começou a escrever.

A última frase do trecho acima encerra o fragmento do dia 13/04. Entre ele e o do dia 22/04, há um silêncio em relação a Milu. Não é possível saber, portanto, quais foram os desmembramentos desta história, nem o que se passou quando a “mariposa” voltou à boate. No entanto, no dia 22, uma semana após o baile, rompendo o silêncio, ela retorna ao assunto:

Fomos para o quarto e deitamos na cama. Ela pegou uma bacia que tinha no quarto e colocou água dentro. A água estava gelada, muito fria. Ela pediu que eu tirasse toda a minha roupa e ela também tirou. Pegou um pano e molhou com água. Começou a jogar os pingos sobre o meu corpo e eu comecei a sentir coisas que eu nunca tinha pensado. Depois, sentada em cima de mim, começou a passar seus cabelos sobre o meu

²⁷⁴ Diário de Antônia, 13 de abril de 1970. Neste trecho, possivelmente Antônia faz referência à música “Aquece-me esta noite”, gravada por Dalva de Oliveira, em 1958 e tocada com frequência pela orquestra nas noites de baile da Bate Novo Mundo. Não só nessas noites. Esta música, de acordo com a prostituta Antônia era tocada direto no rádio e era a sua preferida: “adoro esta música, depois da Milu ela é a música da minha vida”.

rosto e falava coisas (...) Era a melhor sensação que eu já havia sentido na minha vida. O meu corpo parecia que queimava e o tempo eu nem lembrava por que eu estava perdida com os beijos dela (...).²⁷⁵

É difícil decodificar estas palavras e qualquer afirmação sobre elas é completamente arriscada. Há nesta descrição muito mais do que apenas uma performance erótica. Há um duplo jogo de sedução. Em primeiro lugar, é preciso considerar que toda a cena narrada poderia ser facilmente identificada como fazendo parte de uma literatura erótica, cujo objetivo era fazer com que o leitor fosse seduzido por aquilo que se conta. Aqui, é necessário fazer uma importante ressalva. A escrita de Antônia faz parte de seu diário pessoal. Ora, teria ela a intenção de que alguém lesse o que estava escrevendo? No ato da escrita, teria, portanto, pensado em um possível leitor? Talvez, mas acredito que sua narrativa é suficientemente envolvente para nos fazer pensar em tal possibilidade.

Além disso, há também um jogo de sedução que explora o corpo, fazendo dele centro e fonte de prazer. Neste sentido, tentando interpretar suas palavras, gostaria de chamar atenção para o fato de que em todo este fragmento, Antônia não faz outra menção ao sexo a não ser para deixar bastante claro que o prazer que sentia não era algo gerado no/pelo sexo, o que era muito estranho e inédito para ela, como fica explícito nesta próxima passagem:

Foi diferente de tudo o que eu já vivi. Nem eu nem ela precisamos tocar na vagina uma da outra para nada. Isso é muito confuso e eu não consigo entender ainda. Parece que apenas a gente ali, apertando o corpo uma da outra já me fazia sentir muito mais do que eu já havia sentido em toda minha vida, com qualquer homem que eu já me deitei.²⁷⁶

É possível, como possibilidade de interpretação, situar estas palavras de Antônia em meio àquilo que Foucault, ao discorrer sobre a prática sadomasoquista, denominou como “dessexualização do prazer”²⁷⁷, como sendo uma das principais

²⁷⁵ Diário de Antônia, 22 de abril de 1970.

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ FOUCAULT, Michel. “Michel Foucault, uma entrevista: Sexo, poder e a política da identidade”. In: *Op. Cit.*, p. 254.

características deste empreendimento criativo que visa a “erotização do corpo”²⁷⁸. Como afirma ele:

A ideia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a ideia de que o prazer sexual está na base de todos os prazeres possíveis, isso, eu penso, é realmente algo errado.²⁷⁹

Nesta direção, pensar na possibilidade de fazer do corpo fonte de prazer, multiplicador de uma “multidão de prazeres” é algo extremamente importante, como destacou Foucault.²⁸⁰ Em uma sociedade como a nossa, onde o prazer é constantemente desvalorizado, atentar para relações que dão ênfase ao prazer e não para o sexo, é uma forma de implodir as classificações identitárias criadas e engendradas pelo dispositivo da sexualidade.²⁸¹ No final d’*A Vontade de saber*, Foucault afirma:

Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres.²⁸²

Quando Antônia se mostra confusa, não encontrando as palavras certas para exprimir o que sentia diante do que Milu havia lhe proporcionado, talvez seja porque pela primeira vez não se viu aprisionada dentro de uma relação que a constrangia, que deixava clarividente sua condição de corpo-objeto, corpo-orifício, etc. Ela escreve:

Ela me queria e eu também queria ela. Se ela comandava eu também mandava. A gente trocava e eu pegava as rédeas. Era diferente dos outros por que lá, mesmo que eu mande é sempre eles quem são os melhores. A gente está lá para servir

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ Com esta afirmação, não estou me referindo ao caso específico de Antônia e Milu, mas sim, pensando de uma forma geral, a fim de discutir as proposições de Foucault a este respeito. É importante fazer esta ressalva, pois acredito que as poucas linhas que restaram do diário sejam insuficientes para fazer uma afirmação tão forte e importante como esta.

²⁸² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber. Op. Cit.*, p. 171.

e, por mais que a gente as vezes goste, são eles quem são sempre o melhor.²⁸³

Para ela, na cama com Milu os papeis são fluidos, flexíveis. Eles obedeceriam aos fluxos de prazer, menos do que a tirania do sexo. Novas zonas erógenas poderiam ser descobertas e potencializadas num jogo que visa à intensificação dos prazeres: “eu me achava uma pessoa vivida, mas cada vez que Milu me tocava ou eu tocava ela, nós descobríamos partes de nosso corpo que não era conhecida fazendo a gente bater lá em cima e voltar”²⁸⁴, escreve. Ora, neste ponto sua escrita faz pensar que só uma relação homoafetiva seria a saída para a dominação e violência de gênero.

Diante de tal posicionamento, é interessante dizer que nessas relações tanto as violências quanto as dissimetrias de gênero também podem estar presentes. Portanto, aquilo que numa relação sexual permite e possibilita outra atitude perante o corpo e os prazeres não é o tipo de base pela qual está estruturada essa relação, ou seja, se hétero ou homoafetiva, mas sim a criação de novas formas de experimentar o prazer que não recorram ao sexo enquanto definidor das identidades.

Em meio a toda uma campanha de moralização que objetivava minar suas forças e despotencializar sua ação, a forma como Antônia diz experimentar o prazer naquele momento, dessexualizando-o – em uma possível relação de amor que se concretiza nos bastidores do submundo –, pode furar o olho do poder²⁸⁵ na medida em que diz não ao sexo rei²⁸⁶.

A partir desta relação, mostra que descobriu outras formas de prazer; construiu laços que produziram intensidades. Intensidades estas que, segundo ela, lhe permitiram enfrentar e resistir à campanha:

Sou uma outra Antônia, não mais aquela que morava aqui antes. Viver com Milu, depois desta hora maravilhosa que estivemos juntas e buscamos tudo o que temos direito,

²⁸³ Diário de Antônia, 22 de abril de 1970.

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ Referência ao texto de Michel Foucault, intitulado: “O olho do poder”. In: MACHADO, Roberto. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2011, pp. 209-228.

²⁸⁶ Referência ao texto de Michel Foucault, intitulado: “Não ao sexo rei”. In: MACHADO, Roberto. *Op. Cit.*, pp. 229-242.

achando um mundo novo, eu posso olhar pra frente como se eu fosse um pano de seda, bem levinho...²⁸⁷

Em sua visão, a sensação de ser uma nova mulher, de ser “uma outra Antônia”, tornou-se possível mediante a experimentação de outra forma de viver a sexualidade. Forma esta que leva a produção de uma nova corporeidade. Não mais aquela sentida após o término de um programa, onde o corpo, suado, retém o peso da dominação, simbólica e física; onde a pele manifesta-se liberando arrepios muitas vezes de repulsa e asco. Como nos sugere seu pensamento, trata-se de uma corporeidade que faz expelir linhas de prazer que expandem o corpo e o potencializa. Segundo ela, a relação com Milu faz com que saboreie as lascívias do corpo e encontre nele a fonte para novas energias de luta e de vida: “buscamos tudo o que temos direito, achando um mundo novo, eu posso olhar pra frente como se eu fosse um pano de seda”.

Em sua linha de raciocínio, a nova Antônia, que emerge após os momentos de gozo com Milu, é fruto da orgia dos corpos, do escoamento das identidades que se perdem em meio aos suores das peles. Para ela, tanto a força quanto a energia que descobre para enfrentar o presente que se colocava diante de si, nascem paralelamente ao desmantelamento da imponência do sexo, onde os órgãos sexuais não passavam de um detalhe. O desejo e o tesão sentidos, a avalanche de sensações proporcionadas pelo toque, ou ainda, a ânsia de poder provar o corpo da outra deslocavam, em seu entendimento, as nascentes de prazer dos órgãos sexuais para os múltiplos pontos, até então não explorados, do corpo. Um corpo que não mais sofria com as amarras do sexo, mas que despontava como verdadeira galáxia de prazeres e afecções.

Muito embora não seja possível afirmar com exatidão se as coisas ocorreram na mesma medida em que registra, o fato é que na próxima passagem, ela utiliza-se de um tom bastante incisivo para provar a veracidade do que viveu:

Eu sempre pensei meu corpo diferente. Eu imaginava ele diferente. Eu sabia que era ele quem dava o meu sustento e que ele é muito forte para aguentar tudo. Aguentar a força dos homens que eu me deito e sair firme depois de tudo, desde criança eu sabia que ele era a minha saída. Mas será que foi ele mesmo que me deu tudo isso que eu senti com a Milu? Às

²⁸⁷ Diário de Antônia, 22 de abril de 1970.

vezes tenho medo de ser uma paixãozinha e depois eu sofrer e cair numa fossa muito grande. Não interessa porque se não for com a Milu vai ser com outras pessoas. Mas ela me ensinou a fazer do meu corpo tudo aquilo que eu quisesse e descobrir tudo de bom com ele. Milu foi minha parceira, minha mulher. Ela me colocou no lugar e mudou minha vida.²⁸⁸

Sua narrativa sugere que pôde viver uma outra experiência do prazer. Se sentia prazer com muitos de seus clientes, como deixa claro em diversas passagens do seu diário, com Milu, segundo escreve, as sensações foram outras, as intensidades foram maiores. Não apenas o aroma do gozo tinha sido diferente daquilo que até então havia experimentado, como também as ardências tomando conta de toda a sua pele era algo que jamais lhe ocorrera: “meu corpo parecia que queimava, tudo estava fora do lugar”, escreve. O prazer que jorrava entre as duas, lubrificando os corpos e os unindo, brotava de uma relação onde o outro – neste caso, a outra –, não era percebido como um inimigo que espreitava e trazia consigo uma velada ameaça. Pelo contrário, para Antônia, é um prazer que se torna possível mediante uma relação em que o outro é visto como aquele que reativa as emoções e abre campos de possibilidades de afetos, energias e resistências no interior de uma relação onde os códigos de gênero não são estabelecidos e demarcados pelos órgãos sexuais.

Diante de todo esse seu pensamento, é preciso ter cuidado com a forma como ela se expressa. Afinal, no contexto em que estava vivendo, o ressentimento e a raiva, o rancor e a revolta podem ser facilmente justificados. Neste sentido, é importante não desconsiderar o fato de que todos esses sentimentos certamente afetavam a forma como escreve e, portanto, o seu posicionamento diante da vida.

Ora, não seria por isso que ela tenta provar que o seu amor por Milu foi um sentimento vivido pelo avesso, como sugerido em meio a sua construção narrativa? O que seria, para ela, o avesso do amor? Observando atentamente sua escrita, é possível sugerir que o avesso do amor, aqui, não significa a falta, a ausência deste sentimento. Pelo contrário, aponta para uma forma de conhecer o amor que faz escoar os pontos de conexão, de contato com o ser desejado para além das tiranias do sexo. Em meio a essa linha de raciocínio, o avesso do amor possibilitaria a

²⁸⁸ Diário de Antônia, 22 de abril de 1970.

exploração do outro na leveza dos arrepios que provoca ou nos espasmos que produz.

Antônia não faz nenhuma concessão à coerência. Não há encaixe dos corpos ou dos órgãos sexuais, como tentou mostrar. Há, na contramão, uma entrega ao devaneio, aos deslocamentos e a procura pelo outro naquilo que de mais prazeroso ele possa oferecer. Teria ela o mesmo posicionamento em outra ocasião, ou melhor, em outro contexto? Continuemos observando sua escrita:

Nada fazia questão a não ser aquilo que eu queria e ela também queria. Não foi nada combinado e nem planejado. Não tinha nada de regra na hora. Eu era eu e ela era ela. E nós duas passamos a descobrir a outra sem parar. Eu quis e sonhei muito com aquele momento, mas nada saiu como eu sonhei, mas tudo foi como eu quis e tinha imaginado. Eu estou muito sem entender, não sei escrever.²⁸⁹

Para ela, seria isso o avesso do amor: um sentimento que se nutre da descoberta do prazer gerado para além dos órgãos sexuais; que retira seu oxigênio dos múltiplos pontos prazerosos que o corpo, verdadeiro céu de prazeres, pode oferecer. Em Antônia, o avesso do amor seria aquela zona ambígua onde os papéis de gênero se perdem em rios de gozo que provocam a demolição das imposições normativas. No entanto, ela não tenta, em vários momentos, normatizar o seu relacionamento com Milu? Em seu mundo sonhado, Milu não teria o papel de salvá-la da zona e enquadrá-la no interior de uma relação onde também existiriam normas e códigos morais?

Todo o ressentimento de Antônia, expresso em sua capacidade de seduzir o leitor, por meio de uma escrita cheia de drama e de romantismo, pode nos induzir a pensar que o amor pelo avesso é aquela zona que embaralha o dispositivo da sexualidade, na medida em que o sexo é destronado de sua função de matriz de inteligibilidade para a construção das identidades. Mas afinal, ela não está o tempo todo procurando por uma nova identidade? Mesmo negando, esse “eu” perdido não estaria capturado nas teias inventivas do dispositivo da sexualidade?

Para terminar, gostaria de sublinhar que independentemente se Antônia viveu ou não o amor com Milu, pensar e escrever sobre essa história talvez tenha sido uma forma de suportar e de se defender do peso da campanha de moralização.

²⁸⁹ Diário de Antônia, 22 de abril de 1970.

Talvez, ainda, ela tenha encontrado na utopia do amor o caminho para tornar a vida um pouco mais leve. Nesta direção, possivelmente o ato de fazer amor, mesmo que apenas sonhado ou pensado, menos do que vivido e sentido, tenha talvez amenizado seus medos e ressentimentos, afinal, como poeticamente escreveu Foucault:

Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir, contra os lábios do outro os nossos se tornam sensíveis, diante de seus olhos semicerrados, nosso rosto adquire uma certeza (...). O amor, também, ele, como o espelho e como a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a como se numa caixa, tranca-a e a sela. É por isso que ele é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está *aquí*.²⁹⁰

3.2 O desfile das “mariposas”: entre o charme e a esquisitice, que erotismo é esse?

No trottoir que as putas fazem para atrair seus clientes, elas apresentam uma géstica, uma trama de movimentos que vai contra não só os hábitos e as condutas, mas as narrativas mesmo que estão por trás desses hábitos. É um caminhar fortemente político e fantástico, porque ali há um devir, um devir animal, um devir mulher.

Elaine Bortolanza, *Zonas de promiscuidade*

No hálito fresco da noite, sob as bênçãos de Eros, as prostitutas se colocam à deriva: é o desfile das “mariposas”. Nas cartas que escreveram, fazem da noite seu amuleto da sorte, e das estrelas a energia que transpassa seus corpos. Elas se mostram caminhando lenta e deleitosamente pelas calçadas da zona. Leveza dos passos, intensidade dos gestos, exagero nas palavras? Volúpia dos corpos. Corpo erótico que insinua o gozo, convite ao prazer. Corpo que não omite a lascívia, que se entrega a inconstância do encontro. Na vertigem de ser, ser mulher, ser puta, ser “mariposa”, elas fazem do corpo muito mais do que instrumento de trabalho. Na

²⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico. As heterotopias. Op.Cit.*, p. 16.

vagância dos passos, no *trottoir* que estabelecem, seus corpos são a sua força. É por meio e a partir dele que elas dizem violar as normas, fazendo transbordar os códigos morais.

Violar e transbordar, abrir saídas, rasgar as bolhas normativas que sufocam e jogam para o fundo são atitudes que podem emergir no *trottoir* dos corpos das “mariposas”. *Trottoir* que nega o sólido da vida – isto é, aquilo que já está dado, cristalizado no tempo – para se apossar do que de mais flutuante e líquido que ela possa oferecer. Desfile (in)sóbrio, que “liquidifica o mundo”²⁹¹, pode ele explodir a nodosidade dos paradigmas identitários, como as cartas dessas mulheres tentam fazer acreditar?

“A noite é um infinito que se afasta”²⁹², guardiã de Eros, é a alcova dos passos onde as mariposas realizam seu desfile. *Trottoir* que oportunizaria, segundo indica suas narrativas, as metamorfoses da subjetividade. Será que há tanto deslocamento dentro desta prática? O fato é que as forças de Eros formam furacões de prazeres. É por isso que incomoda e irrita tanto. Ele atormenta o “discurso da lucidez”²⁹³, abala sua estabilidade trazendo a tempestade para os territórios deste discurso. Tempestade onde habitam “espectros vibrando espasmos”²⁹⁴. Ora, o que é o *trottoir* das mariposas senão um caminhar que produz espasmos, arrepios? Espasmos no corpo, arrepios na pele... Sensações experimentadas no corpo, na materialidade e concretude da própria carne.

No desfile das mariposas, como destacarei adiante, a experiência da sexualidade é colocada em *trottoir*, no interior de um movimento que desliza sobre as imposições normativas do dispositivo da sexualidade. A performance erótica que essas mulheres colocam em prática no transcurso de suas caminhadas pelas ruas da zona, como é possível ver em suas cartas, se materializa na profusão de gestos, carícias, olhares, toques. Ela se concretiza mediante o encontro dos corpos, mas também nos momentos que o antecede. Esta performance, portanto, pode convidar o corpo a enfrentar seus próprios limites, a expandir suas cavidades buscando as possibilidades de prazer que ele oferece. Por meio da prática do *trottoir*, essas

²⁹¹ Expressão emprestada de Hilda Hilst, poemas “Alcoólicas”. In: _____. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2004, p. 104.

²⁹² Idem.

²⁹³ BRANCO, Lucia Castello. *Op. Cit.*, p. 70.

²⁹⁴ Expressão retirada de PIVA, Roberto. *Paranoia*. São Paulo: Instituto Moreira Salles e Jacarandá, 2000, p. 37.

mulheres, de alguma forma, se apropriam de seus corpos, fazendo dele fonte de prazer. Resta saber como elas fizeram isso.

Nesta direção, este item procura observar como se dá este processo de afirmação do corpo por parte das prostitutas. Como elas entenderam e sentiram a noite? Seria ela [a noite] aquele momento que permite a expansão corporal, como sugere a escrita das “mariposas”? Por que tamanha necessidade de escreverem sobre esses espaços, da noite e da rua, utilizando-se de um tom tão exaltado na escrita? Seriam eles a inspiração para todo o romantismo que vibra em suas palavras? A fim de tentar interpretar tais documentos, sugerindo possíveis interpretações, por meio destas e outras questões, pergunto, também, em que medida esta apropriação do corpo pode subverter a lógica do corpo-bio-sexual, atormentado e possuído pelos pecados da carne, como não cans(a)ou de pregar a tradição cristã.²⁹⁵

- charmosas e esquisitas...

O erotismo próprio do que é vivo está espalhado no ar, no mar, nas plantas, em nós, espalhado na veemência de minha voz,

Clarice Lispector, *Água viva*

A correspondência de Rita não tem data nem destinatário. Seria uma carta? Talvez, mas Francisco afirma que sim. Com letras pequenas, de difícil entendimento, ela parece ter como objetivo contar a um provável destinatário as delícias da noite e as aventuras noturnas pelas ruas da zona. Vejamos como registrou a maneira como se comportava nos ambientes daquele lugar.

Segundo ela, pelas ruas, sempre olhava fixo nos olhos. Precisava ser rápida na sedução para incitar o desejo. Levantava a saia e mostrava as pernas, dizendo palavras obscenas, convidando para o gozo. Prometia céus de prazeres. Nas ruas, conta que era insistente, procurava e ia atrás. Fumava um cigarro só para seduzir com o balé da fumaça que, segundo sua visão, atiçava a curiosidade, mas também

²⁹⁵ Foucault diz: “Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular...”. In: _____. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011, p. 25.

por que era viciada, como não deixa de registrar. Dando sequência ao texto, deixando de lado as explicações gerais de seu mecanismo de sedução, passa a discorrer sobre uma lembrança específica, de uma noite qualquer, em um bar da zona. Ela lembra que entrou no bar oferecendo seu corpo aos que lá estavam. Assim explica a atitude:

Já era quase madrugada e eu não tinha conseguido nada ainda. Eu tinha que fazer de tudo, mas ontem a coisa não estava boa. Já tinha usado de quase todas as minhas armas. Saí mais cedo, estava bastante maquiada. A noite era boa e eu gosto de fumar pelas ruas. Acho que a fumaça ajuda a encantar. A zona estava animada, cheia de gente. Tinha que fazer a noite, garantir a vida. Mas você sabe, não tem coisa melhor do que viver na noite (...).²⁹⁶

Percebo em Rita o desejo de mostrar que tal atitude era o que lhe possibilitava resistir nas noites da zona. Noutras palavras, o que me parece é que ela se apropria de toda uma rede de símbolos e gestos para afirmar sua identidade, pois considerando a forma como explica seu posicionamento no bar, não seria possível dizer que, para ela, a “mariposa” só será livre e feliz quando encarnar em seus gestos uma carga máxima de ousadia e extravagância? Se jogar no fluxo incerto da noite, falar alto, beber com os homens nos bares, exagerar na maquiagem e no perfume parece ser, em seu entendimento, as bases para resistir aos mais diferentes tipos de preconceitos.

Para conseguir seus programas, lançava mão de uma série de códigos para executar sua performance, que era tolerada e aceita desde que não ultrapassasse os limites da zona. No entanto, com o crescimento urbano de Pouso Alegre, a zona foi absorvida pela cidade, como vimos no primeiro capítulo. O céu de cimento que a separava do restante da cidade começava a ser perfurado pelo voo cortante das “mariposas”.

A partir deste período, mesmo com a emergência da campanha de moralização, paralelo às suas diretrizes, paradoxalmente é possível ver uma flacidez na vigilância e no controle da prostituição. Aproveitando-se disso, as prostitutas começam a sair da zona passando a frequentar, por exemplo, a praça central. Rapidamente, o Jornal *A Folha de Pouso Alegre* se manifesta a respeito publicando,

²⁹⁶ Carta de Rita, sem data.

em 05/12/1970, um texto intitulado: “Trottoir em nossas Avenidas tem um charme esquisito”, onde se lê:

... Parece que Pouso Alegre procura igualar-se às grandes cidades, em tudo... Para não ficar para trás, até **desfile de mariposas** podemos assistir em nossas praças principais. É muito comum sairmos à noite e apreciarmos o **desfile de senhoritas**, flertando acintosamente, com todos os homens que passam, dando uma má impressão de nossa formação moral, àqueles que aqui aportam e, menos avisados, não as identificam, tomando-as por sapecas môças de família. Enquanto isso, onde estão os zelosos responsáveis pela moral e costume de Pouso Alegre?

Quando a linha que dividia os espaços lícitos e ilícitos se torna tênue, fazendo esta demarcação escorrer pelo ralo junto com o crescimento da cidade, a presença do corpo erótico da prostituta gerava medo e insegurança, já que violava diretamente os códigos morais vigentes. Como mostrei no primeiro capítulo, com seus corpos soturnos, dionisiacos as prostitutas eram a expressão máxima de um erotismo ameaçador e ousado que avançava, como uma avalanche, sobre as velhas certezas que procuravam a todo custo manter intacta a figura da mãe como mantenedora da ordem e do processo civilizatório.

Como abordou Margareth Rago, a figura da mãe “passa a desempenhar um papel fundamental no nascimento da família nuclear moderna”²⁹⁷. Considerada como santa, vivendo à imagem de Maria, a mulher foi completamente dessexualizada pelo discurso burguês e teve sua sexualidade canalizada exclusivamente para a procriação. Neste movimento, encerrada no casulo do lar, espaço onde se formariam o caráter das futuras forças de trabalho, recai sobre a mulher uma “enorme responsabilidade moral” para “o engrandecimento da nação”.²⁹⁸ Portanto, não há nada de natural na exaltação da figura materna, que emerge em Pouso Alegre exatamente quando a cidade delira com o progresso e tem alucinações com a modernidade.

As prostitutas iam à contramão destes discursos. Negavam a segurança do lar para mergulharem nas águas fugidias e muitas vezes amargas da noite. Recusando o corpo inerte da mãe, sem gestos, expressões ou brilhos, as prostitutas

²⁹⁷ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 80.

²⁹⁸ Idem.

se maquiavam, usavam perfumes que chamavam a atenção para seus corpos: “nunca saio sem perfume ou batom, nunca fico sem porque isso faz parte da festa”, escreve Rita.

Essa erotização do corpo, tão presente no discurso de Rita, o discurso médico classificou como vício. Corpo em desalinho em relação ao campo da normalidade, perigo iminente para todo o corpo social.²⁹⁹ Como explica Birman:

se de início a obra civilizatória foi considerada como algo produzido pela virtude e graça das mulheres, pelas sendas da maternidade, depois, contudo, aquelas foram consideradas essencialmente anticivilizatórias, pelas demandas imperativas do desejo e do erotismo daquelas. Pode-se sublinhar aqui o enunciado de uma oposição eloquente entre os eixos da maternidade e do desejo no que tange à condição feminina, de forma que, se pela dimensão da maternidade as mulheres se inscrevem no trabalho incansável de construção da civilização, pela vertente do desejo elas seriam um obstáculo intransponível ao processo civilizatório.³⁰⁰ (...) O erotismo feminino era concebido como essencialmente perigoso, pela ameaça de desordem que representava.³⁰¹

Como as prostitutas enfrentaram todos esses jogos de verdade que lançavam sobre elas cristais identitários, encerrando-as na fixidez de um eu estanque? Não se trata apenas de perceber como interpretaram esses jogos, mas cabe prestar atenção à forma como se posicionaram diante deles e, mediante tal posicionamento, analisar as resistências que brotaram a partir daí. Resistências que, aqui, emergem no interior da prática do *trottoir*.

Nesse *trottoir* as mariposas rasgavam a lógica do corpo-bio-sexual. Corpo que é reduzido ao sexo, que tem sua anatomia, funções biológicas agrupadas em torno deste grande Sexo-Rei que funciona como sendo sua chave de inteligibilidade. O corpo-bio-sexual é aquele cujas vísceras se ligam a imponência do sexo. Como abordou Foucault:

a noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas,

²⁹⁹ Ver: RAGO, Margareth. *Op. Cit.*; _____. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

³⁰⁰ BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 20.

³⁰¹ Idem, p. 64.

sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal.³⁰²

Sexo que guarda os segredos mais profundos, que esconde nossa verdade. Na lógica do corpo-bio-sexual a verdade, daquilo que somos, precisa brotar nos poros de nossa pele. O corpo, grande guardião dos segredos, alcova do desconhecido. É sobre ele que, há séculos, o saber médico investe para descobrir sua verdade, e assim, patologicizar aquele corpo que se desvia das normas, organismo em descompasso com o que é considerado natural e biológico. Carne podre, cancerígena, perversões sexuais, corpos anômalos, desvios sexuais...

O desfile das “mariposas” pode fazer o corpo-bio-sexual entrar em colapso na medida em que o importante, nesse *trottoir*, é dar vasão aos fluxos de prazer. Não se trata de um corpo atormentado pelo peso da carne, símbolo do perigo e da perdição. Nesse sentido, as prostitutas se apropriam do corpo e, portanto, da carne, como aquilo que dá vasão, que permite a liberação de sensações que possibilitam a elas *sentir* o corpo como fonte de criação:

Se eles tem o poder eu tenho o meu corpo. É com ele que eu posso fazer tudo aquilo que eu quero. Ele é meu. É com ele que eu me sinto viva. Eu amo meu corpo. Ao contrário dessas outras que não gostam do corpo, que deixam fazer tudo com ele, o meu é diferente. Cada vez que eu saio pra rua eu uso o corpo de uma forma. Em cada rua eu conquisto um homem com um corpo diferente. Eu utilizo muitas fantasias porque cada homem é diferente e eu adoro porque cada noite eu sou uma nova mulher.³⁰³

Por que essa exaltação tão intensa do corpo? Por que ela precisa mostrar, de forma enfática, que é pelo corpo que consegue fugir e escapar, tornando-se, em cada ocasião, uma nova mulher? Seria uma forma de se livrar das imposições da campanha? A citação de Rita sugere um discurso de fuga. Muito embora não seja possível generalizar nem mesmo afirmar com convicção, acredito que as fantasias que essas mulheres encarnam em seus corpos permitem a elas fugir de um corpo imóvel, de um rosto paralisado. É possível entender, nesta direção, tais fantasias

³⁰² FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 168.

³⁰³ Carta de Rita, sem data.

como estratégias de resistência? Para Rita, sim, afinal, segundo aponta sua escrita, nunca é sempre o mesmo rosto. As peles se modificam e se transformam em novas peles a cada novo arrepio, a cada nova sensação de prazer que atravessa o corpo.

Chamo atenção para a última frase do trecho de sua correspondência. É preciso tomá-la com bastante cuidado. A partir dela, gostaria de propor uma questão que considero de extrema importância: com suas fantasias, teria Rita se reinventado tanto quanto afirma? Novamente, não há como edificar certezas e verdades, apenas sugerir que talvez o objetivo de Rita tenha sido mostrar-se sempre em movimento. Ao dizer que a cada noite era uma nova mulher, Rita não estaria expressando um profundo incômodo diante dos discursos da campanha?

Quando essas mulheres se lançam pelas ruas da zona, seus passos embaralham as linhas do dispositivo da sexualidade, pois batem de frente com suas teias de captura, confundindo-as e desestabilizando-as. Daí o medo e o incômodo diante da presença da prostituta. Esta forma de se apropriar do corpo, como podemos ver na escrita de Rita, pode ser entendida como uma resistência direta à ideia da carne enquanto morada do pecado e do mal, já que é nela que o prazer é sentido.

Quando o Santuário do Coração de Maria, que se localizava muito próximo à zona do meretrício, no dia 13/06/1972, lança uma declaração cobrando das autoridades medidas enérgicas no que diz respeito ao fechamento da zona central, é este imaginário que impera. A carne é fraca, se entrega facilmente as tentações:

Declaro, para os devidos fins, que grande parte dos fiéis, de Pouso Alegre, que frequenta o Santuário do Coração de Maria, é obrigada a transitar pela “zona Boêmia” (...) **observando cenas horríveis, com mulheres semi-despidas, em estado de embriaguez, ouvindo palavrões, insultos e convites atentórios à moral.** (grifos meus).

Corpo embriagado, embriaguez dos códigos. Um modo de se apossar da carne que convida não mais a negá-la, mas senti-la e desfrutar dos prazeres que ela permite. A carne é “esta desordem de prazer e atrito”³⁰⁴ que vibra com o toque do outro, mas que também treme quando o desejo apossa-se dela. Ora, para conquistar o Sagrado Coração de Maria é preciso recusar a tudo isso, flagelando a

³⁰⁴ HILST, Hilda. *Op. Cit.*, p. 34.

carne, negando-a. Ela é o inimigo que espreita, que tenta seduzir, levando ao pecado. Não para muitas das prostitutas. Por isso elas foram enquadradas no campo dos desvios sexuais, sendo vistas como indivíduos anormais, perigosas, monstruosas muitas vezes.

Em *Os anormais*, Foucault mostra como o campo da anomalia foi atravessado pelo problema da sexualidade. Para ele, a partir do século XVI, a grande novidade trazida pela pastoral cristã se refere ao aparecimento de uma nova técnica de poder no que diz respeito aos rituais de penitência: “passou-se da lei ao próprio corpo”³⁰⁵. É o aparecimento, portanto, do *corpo de desejo e de prazer*. Foucault afirma:

Assistimos aí a um recentramento geral do pecado da carne no corpo. (...) É a partir dele que a questão se coloca. Digamos numa palavra: assistimos ao aprisionamento da carne no corpo. (...) É o corpo e todos os efeitos de prazer que nele têm sua morada, é isso que deve ser agora o ponto de focalização do exame de consciência quanto ao sexto mandamento.³⁰⁶

Recentramento que coloca o corpo no centro do interrogatório. Trata-se de fazer falar esse corpo que deseja, lócus do prazer.³⁰⁷ Corpo frágil, nocivo, vísceras contagiosas. É dentro deste contexto que se pode localizar a forma como a declaração do Santuário pensa e define o corpo da prostituta. Ora, a presença daquelas mulheres nas proximidades do Santuário causava não apenas irritação e incômodo, como também, e mais importante, medo e insegurança. Isso porque as “mariposas” poderiam acabar com a calma do rebanho. Eram ovelhas desgarradas que se recusavam a seguir as ordens do pastor.

Em outro trecho de sua correspondência Rita toca diretamente na questão do Santuário. Ela não havia nenhum problema em fazer seu *trottoir* naquela região. Muito pelo contrário, sabia que ali ficava lotado de gente após as missas:

³⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 164.

³⁰⁶ Idem, p. 162.

³⁰⁷ É preciso lembrar que o poder não opera calando, reprimindo, negando a materialidade da carne. É um tipo de poder sutil que incita, convida, permite, cria espaços de possibilidade. Dentro deste contexto, se referindo a carne, Foucault, no texto “Sexualidade e Poder” escreve: “Portanto, uma concepção no fundo relativamente moderada quanto à sexualidade, que fazia com que a carne cristã jamais fosse concebida como o mal absoluto do qual era preciso desembaraçar-se, mas sim como a perpétua fonte, dentro da subjetividade, dentro dos indivíduos, de uma tentação que corria o risco de levar o indivíduo a ultrapassar as limitações impostas pela moral corrente, ou seja: o casamento, a monogamia, a sexualidade para a reprodução e a limitação e a desqualificação do prazer”. In: _____. *Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Para mim tanto faz. Eles que fiquem lá com a reza deles. Eu não estou nem aí. Você acha que vou me prejudicar por isso? Eu gosto muito, prefiro ir no final da missa. Passo meu batom, rebolo bastante e muito bem cheirosa bato rumo pra lá...³⁰⁸

É insistente, em sua narrativa, a composição daquilo que Bortolanza denominou como “géstica das putas”³⁰⁹. Rita registra minuciosamente cada fase do seu *trottoir*, o que sugere o quanto isso era subjetivamente importante para ela: os gestos, os adereços que utiliza, a forma de andar, de olhar, de sentir, de abordar. Essa géstica entrou para história da cidade atrelada ao signo do “charme” e da “esquisitice”. No entanto, é importante sublinhar que ela carrega uma força muito grande no sentido de que acredito, de certo modo, que pode erotizar a história de Pouso Alegre, saturada pelos discursos da lucidez. Historicizar essa géstica é uma das únicas formas de recolocar essas mulheres nas páginas da história da cidade, mesmo que sejam, posteriormente, rasuradas por atitudes misóginas e machistas.³¹⁰

Como sugere a escrita de Rita, o corpo não está fadado a sofrer os tormentos da carne. Muito pelo contrário, é um corpo que se alimenta dos prazeres, que respira por meio das sensações que o afetam. A cada virar de esquina, em cada novo encontro ela se percebe como outra. O corpo sofre mutações, espasmos para receber novos afetos, novas intensidades, abrindo-se aos novos fluxos que o perpassam e o colocam em movimento. Seria um corpo que abriga vários corpos e que por isso torna-se capaz de fugir rapidamente. Portanto, um corpo que brinca com o dispositivo da sexualidade, que embaralha os códigos, que se entrega. Nas madrugadas das ruas escuras da zona esse corpo flutua, vibra, caminha, se mantém vivo em meio a uma performance composta por frações eróticas:

As vezes encosto nas paredes e fico lá parada. Mas eu não sou boba, gosto de ficar em baixo da luz sempre que eu posso. De lá é que eu grito, chamo, peço um cigarro, um copo de bebida.³¹¹

³⁰⁸ Carta de Rita, sem data.

³⁰⁹ . BORTOLANZA, Elaine. *Op. Cit.*, p. 92.

³¹⁰ Não me refiro, aqui, apenas ao machismo masculino. Incluo e penso também nas atitudes machistas de inúmeras mulheres da cidade, com as quais conversei sobre este assunto e que assumiram uma postura de nojo e recusa em aceitar a presença das prostitutas na história de Pouso Alegre.

³¹¹ Carta de Rita.

Cigarros, bebidas, noite, escuridão, voz alta: essas metáforas são muito importantes no discurso de Rita. Elas auxiliam-na a compor os contornos de seu corpo erótico, que flutua nos raios da luz do poste, protetor das “mariposas”, como elas mesmas classificam. Entre o charme e a esquisitice, Rita é aquela que tem necessidade de se mostrar em movimento em meio às delícias da noite, enfrentando e ganhando a vida perigosamente.

O erotismo que vibra em seu corpo não é nem charmoso muito menos esquisito, como classifica o jornal. Dentro deste contexto, o erotismo pode ser entendido como aquilo que não deixa sua carne apodrecer nem perecer, pois é justamente ele quem lança o corpo ao fluxo da noite, fazendo-o ganhar luminosidade e visibilidade. É dele que Rita, por exemplo, afirma fazer brotar todas as invenções da pele e as metamorfoses do rosto. A cada nova vibração, um readequar-se do corpo, da pele, dos arrepios. No entanto, não é apenas na prática do *trottoir* que as vibrações eróticas se manifestam, obviamente. Elas podem também ser sentidas na pele das “mariposas” amantes. É o que veremos em Laila, no item seguinte.

3.3 A “mariposa” amante e o querer-possuir

Quando o alvo é meu amante, nada posso contra mim mesma (...). Somos amantes, não podemos parar de amar.

Marguerite Duras, ***O amante***

Toma para teu gozo
Este rio de saudade.
Nenhum recobrirá teu corpo
Com tamanha leveza
Toma para teu gozo
Minha dor e insanidade
De nunca voltar a ver
Meu próprio rosto.
E aguarda uma tarde sem tempo
Quando serei apenas retalhada
Um espelho molado de umas águas.

Hilda Hilst, ***Obra poética reunida***

Brincar com os sentimentos de uma prostituta apaixonada pode ser um ato muito arriscado. Dentre os diferentes papéis que elas encarnam dentro da zona, seja como conselheira, amiga, mãe, esposa, psicóloga, etc., o papel da amante talvez seja aquele em que elas assumem com maior intensidade. A performance é perigosa, pois o outro pode acabar caindo num mundo de constantes ameaças, chantagens e tentações das mais variadas espécies, afinal, as prostitutas são extremamente criativas e incisivas naquilo que querem. Se a relação envolver sentimento da parte dela, seja de amor ou paixão, ou no máximo de desejo ou puro interesse, ela se joga na dança dos ventos e vai para cima do amante como uma avalanche em fúria. Não há barreira nem limite para seus atos.

Na direção oposta, é também uma performance perigosa para ela, que pode acabar provando de seu próprio veneno. Ora, não há nada o que fazer quando o amante resolve retribuir com a indiferença, com o desprezo dos seus lábios ou com a recusa do seu corpo. Nesse momento, as chantagens se desmancham quando ele vira a esquina, e as tentações se diluem quando a sua silhueta se distancia no horizonte negro e turvo das madrugadas.

Certamente, existiram muitas amantes na zona do meretrício central de Pouso Alegre. No entanto, até então, as únicas referências que tínhamos a cerca dessas “mariposas” eram aquelas feitas pelos memorialistas. Em sua obra, Moacyr Reis percorreu muito brevemente sobre elas, no intuito de mostrar que foram salvas do mundo da prostituição graças à ajuda de homens que as retiraram da vida do submundo.³¹²

Essas mulheres não precisam da história para serem salvas ou redimidas. A história torna-se útil à medida que permite a elas se mostrarem em todas as suas ambiguidades e incongruências, em suas lutas cotidianas de enfrentamento diante do real em que estavam inseridas, independentemente da direção que assumiram os seus posicionamentos na vida, como mostrarei a seguir, percorrendo a correspondência de uma dessas “mariposas” amantes.

³¹² REIS, Moacyr. *Op Cit.*

- a amante submissa

Era como se eu quisesse escapar do abraço de um monstro, e esse monstro era a violência de meus movimentos.

Georges Bataille, *História do olho*

Quando se deseja intensamente o outro, a distância pode ser o que há de mais cortante. Ela abre uma ferida na alma e no corpo. Emerge, assim, o desejo insano de tentar matá-la, possuindo o mais rápido possível o corpo do amado. Quando não é possível comer a distância com a presença, escrever torna-se uma forma de aliviar as ânsias, liberando por meio da escrita os fluxos lascivos que percorrem todo o corpo. Esse parece ter sido o objetivo da prostituta Laila, que buscou por meio da escrita romper a distância que a separava do amado, contando-lhe em pormenores todos os sentimentos que tomavam conta do seu corpo.

Dela não é possível saber nada mais que o nome – mero detalhe – e a sua desenfreada vontade de possuir o amado. Tentando trazê-lo para mais perto de si, ela pensa minuciosamente nas sensações que deixou incrustado em seu corpo. Seu objetivo é fazer com que o amante se sinta valorizado e ao mesmo tempo, contraditoriamente, culpado por provocar tais sentimentos. Ela desabafa:

Eu não aguento viver mais sem o teu corpo. Eu quero chupar cada pelo dele e beber o pingo de suor que derramar. Eu quero tudo que é de você. Não esqueço mais o teu cheiro e a sua boca. Eu quero você mais e mais, não faz isso, vem logo pra matar a minha vontade... Por que você fica tanto longe de mim se eu só quero o teu corpo?³¹³

É uma escrita performática, cheia de excessos e frases feitas, cujo objetivo, ao que parece, é manter acesa a chama do erotismo entre os corpos. Logo de início, é importante perguntar: quais os motivos que a levaram a escrever uma carta como essa? Seria para manter a chama do desejo acesa? Como explicar tamanha necessidade de escrita, com uma riqueza de detalhes característicos de um conto

³¹³ Carta de Laila, 11 de abril de 1970.

erótico? Laila parece medir e calcular tudo o que vai ser dito, a fim de que a carta afete o amado e o faça vir até ela o mais breve possível. Mostrando-se insegura de que ele pudesse não querê-la mais: “por que você fica tanto longe de mim...?”, passa, então, a lembrá-lo do trabalho que teve para conquistá-lo, revelando na carta as artimanhas que usou e lançou mão para envolvê-lo. Em tom de desespero, ela continua:

Você não lembra que eu suei pra conseguir você? Não acha que foi fácil, porque quando eu cheguei e vi você lá no baile já gostei ali mesmo de você e corri pro quarto pra trocar de roupa correndo porque tinha bastante mulher e você podia querer outra. A noite inteira eu me ofereci pra você e deitei até de graça porque com você eu não quero o seu dinheiro ,mas eu quero o seu corpo e o teu pau pra matar minha vontade.³¹⁴

Quando se trata do amor, há uma regularidade tanto no diário quanto nas cartas das “mariposas”. Elas iniciam a narrativa colocando-se no lugar da mulher abandonada, cheia de saudades e que, no ato da escrita, transbordam desejo e prazer. Para essas mulheres, a imagem do abandono parece ser utilizada como uma fuga, um ponto de amparo para conseguirem aquilo que querem. É como se para elas não restassem alternativas na vida, e a única forma de se fazerem vistas é mostrarem-se habitando o rés do chão, em plena amargura e ressentimento.

Dito isso, gostaria de avançar na escrita de Laila chamando atenção para a seguinte questão. Nem sempre, no mundo da zona, as relações são mediadas apenas pelo dinheiro. No caso de Laila, ele parece não ter importância, como ela mesma deixa claro no final do trecho acima. Sem, é claro, cair em generalizações, é importante frisar que, para além do aspecto econômico, as prostitutas podem amar seus clientes, já que são capazes de sentir tesão e atração por alguns deles. Dentro desta linha de raciocínio, gostaria de lembrar que em um programa, por mais distante e profissional que ele possa parecer, há sempre o toque dos corpos e a fricção entre as peles. De uma forma ou de outra, o corpo responde ao contato e vibra com os toques.

Quando isso acontece, como em Laila, por exemplo, a arte da sedução se configura de forma ainda mais intensa. O corpo se transforma, adequando e alinhando os gestos e olhares para envolver e fisgar o outro. Nessa hora, tudo é

³¹⁴ Idem.

muito incerto e a performance deve ser a melhor possível, já que a concorrência nos salões de baile da zona era alta. Como explica Margareth Rago, discorrendo sobre a arte teatral da prostituição:

A prostituta calcula tudo o que vai ser mostrado ou ocultado, montando um sofisticado aparato de meias, ligas, calcinhas, rendas, sutiãs, laços, fitas, correntes, que se opõem como obstáculo a serem ultrapassados para que o freguês consiga atingir o corpo nu.³¹⁵

Por mais que Laila tente se colocar no papel da coitada abandonada sofrendo por amor, ou melhor, pela possível ausência dele, ela se mostra bastante calculista e inteligente. Mede as palavras, calcula as frases para tentar seduzir o amado. Assim como em Antônia, há em sua carta todo um jogo de palavras que buscam seduzir também o leitor. Ora, toda essa apropriação, de sua parte, de códigos e símbolos eróticos não faria parte de um jogo de linguagem utilizado para chamar atenção, de algum modo, para sua imagem? Ou seja, Laila não estaria pensando num possível leitor que ao ler sua carta, pudesse sentir-se atizado com sua capacidade de realizar as mais diferentes fantasias na cama?

Voltando à sua carta, desbravar o seu corpo nu, coberto apenas pela pele em arrepio, parece ser tudo o que Laila desejava que o amado fizesse:

quero o seu corpo e o teu pau pra matar minha vontade. Eu quero que você pode ficar sabendo que eu não vou brigar por causa da sua família. Eu quero você junto comigo e se você vai ficar com ela eu não ponho problema nisso por causa que pra mim tudo nunca vai morrer.³¹⁶

Esta carta, como a grande maioria das cartas românticas de amor, carrega essa insistência em mostrar ao amado que aquele que escreve está disposto a tudo para viver ao seu lado. Tais cartas são repletas de palavras de entrega, de submissão total ao sentimento, que dão provas incondicionais de que o mundo do outro é amplamente desejado e aceito.

Laila afirma não impor limites ou condições para o amante. Basta-lhe a sua presença na cama. Não há uma preocupação explícita de sua parte em definir o

³¹⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Op. Cit.*, p. 322.

³¹⁶ Carta de Laila, 11 de abril de 1970.

lugar que ocupará em sua vida, se de esposa ou amante, ou simplesmente a de prostituta. Em nenhum momento ela faz questão de registrar ou deixar isso claro para ele, talvez porque soubesse que agindo assim poderia afastá-lo em definitivo de sua vida. Mesmo afirmando não estar preocupada com a família dele, numa clara tentativa de mostrar que o que queria era apenas sentir o prazer explodindo entre os dois, tal atitude não poderia ser entendida como uma tentativa de envolver o amante num jogo de conquista que visava justamente o contrário daquilo que diz não querer? Noutras palavras, não estaria sonhando em viver do outro lado, assumindo o lugar de esposa?

Mesmo insistindo em deixar claro o papel que queria, mesmo assim parece que não entendia a razão da distância e do afastamento, exatamente após começar a construir uma história com ele, afinal, segundo ela, seu amante era um assíduo frequentador da zona, estando sempre presente em suas noites e bailes. Chamo atenção para o quão romântica é a forma como escreve. Nesta direção, o desespero e a loucura atingem a prostituta amante em cheio. Para ela, o mundo entra em verdadeira catástrofe. Nada mais faz sentido e tudo perde o ponto de explicação. Em tom de cobrança, escreve: “eu vou te falar, eu queria que você fosse sincero comigo. Porque está fazendo isso, você está me jogando na fossa mais amarga...”³¹⁷. Vejamos que se anteriormente ela não exige nada, aqui cai em contradição, culpando o amado de tê-la colocado na “fossa”.

Para Roland Barthes, o sentimento e a sensação de ver e sentir a vida caindo em um abismo catastrófico é típico do discurso amoroso. O autor explica que a ideia de catástrofe pode ser entendida como uma:

Crise violenta no decorrer da qual o sujeito, sentindo a situação amorosa como um impasse definitivo, uma armadilha da qual nunca poderá sair, se vê fadado a uma destruição total de si mesmo.³¹⁸

A distância e o silêncio do amante causa desespero e instaura o pânico, como indica sua correspondência. Novamente, diz que não espera que ele a retire do mundo da zona, transformando-a em uma mulher de família, esposa e dona-de-casa:

³¹⁷ Idem.

³¹⁸ BARTHES, Roland. *Op. Cit.*, p. 61.

você sabe que eu não brigo pra virar sua mulher, eu falei isso pra você na primeira vez. Você vem e fica sossegado, o que eu quero é ter você junto comigo sempre que conseguir, nem que seja por pouco tempo, pra poder te chamar de meu homem e você falar pra mim que eu sou a sua mariposa.³¹⁹

Laila tenta fazer crer que o que vale é o momento, o instante onde os corpos se tocam e se roçam. Todavia, na linha de análise aqui trilhada, como prostituta-amante, sugiro, tomando como base sua correspondência, que ela, mesmo tentando apontar o contrário, não é aquela que instaura a crise nos códigos normativos que circundam a prostituição. Mesmo que sua escrita possa induzir a pensar que retira o prazer da zona de inteligibilidade própria ao mundo da zona, trazendo vibrações eróticas e espasmos de prazer que geralmente são percebidos como sendo impossíveis na relação entre prostituta e cliente, percebo de sua parte uma vontade implícita de querer assumir o estereótipo da puta enquanto aquela que se entrega submissamente ao poder dominador do homem.

No momento em que escreve a correspondência, a lembrança dos instantes em que esteve na cama com o amado parece movimentar as sensações de prazer que, segundo ela, ainda habitavam o seu corpo: “eu consigo sentir tudo que aconteceu comigo na hora que nós dois ficamos juntos, tudo ficou aqui ainda e por que eu quero mais...”.

A partir deste “quero mais” a escrita fica cada vez mais trêmula e Laila utiliza palavras que transpiram toda a luxúria e volúpia que teriam se apossado dela. Diante da impossibilidade do toque e da violência da saudade, escreve que não conseguia saciar as suas vontades com nenhum dos homens com quem se relacionava na zona, durante os programas: “nada que eles fazem mata o que estou sentindo por você, é só você que consegue apagar a minha vontade”. Vejamos como esse processo de erotização da escrita foi edificado com base em uma intensa inferiorização de si. Laila se mostra o tempo todo como não sendo capaz de sentir prazer sem o corpo do outro. Qual seria seu objetivo diante de tal postura? Por que ela precisa assumir uma possível incapacidade para vangloriar a virilidade do outro? Seria esse seu real pensamento?

³¹⁹ Carta de Laila, 11 de abril de 1970.

Com o intuito de mostrar o quanto ele era importante e necessário em sua vida, confessa que sempre se masturbava, pois segundo suas palavras, era a única forma de aliviar os tormentos prazerosos da carne:

Por que você faz isso, vem e faz tudo o que você quer e depois vai embora e deixa eu assim por dentro e eu tenho que acabar com isso sozinha naqueles dias que eu acho que vou **morrer de vontade**. Eu não tenho outro jeito, eu lembro da **sua força** e da sua cara e **mato** a minha vontade só comigo mesmo, sempre imaginando que você chega aqui e **pega** eu de susto e **joga na cama** e faz tudo comigo aquilo que você já fez. Só que eu de raiva não ia querer e você era um homem violento que fazia tudo com força e obrigava a fazer mesmo que eu não queria e aí eu entregava tudo pra você. É só fazendo isso que eu tenho um pouco de sossego.³²⁰

A cena é descrita com toda a carga de exagero possível. Louca por sentir tanto desejo, se vê perdida entre seus próprios tormentos prazerosos. Longe do amante, não encontra ninguém com a mesma capacidade de possuí-la. Então recorre à masturbação, entendendo-a como a única maneira de aliviar o que estava sentindo. No cenário que cria para descrever como se masturbava, incorpora o papel da amante ressentida e magoada, aquela que é capaz de recusar o corpo e a presença do outro, em resposta a toda indiferença e vazio da parte dele. No entanto, a potência corporal do amante, com toda a virilidade e força de macho que a obriga a se entregar é aquilo que, em sua fantasia, faz reativar na memória as sinapses de prazer necessárias para o êxtase do gozo solitário.

Ora, como explica Bortollanza, “as fantasias (...) inventam sempre novos modos de dar e sentir prazer”³²¹. Elas parecem intensificar em Laila o querer-possuir, mesmo que isso ocorra apenas na imensidão solitária do corpo, como indica sua carta. Assim, é válido observar que até mesmo em suas fantasias, as metáforas que utiliza ajudam-na a incorporar a imagem da mulher submissa no ato sexual, o que sugere que para ela, ser submissa é o ponto, ou melhor, o foco de excitação que ativa, provoca e acende seus pontos de prazer.

Obviamente, não é possível saber se as coisas foram tão intensas quanto faz pensar a correspondência de Laila. É preciso lembrar, antes de tudo, que ela

³²⁰ Carta de Laila, 11 de abril de 1970.

³²¹ BORTOLANZA, Elaine. *Op. Cit.*, p. 94.

mostra-se tomada por um sentimento de profunda paixão e envolvimento pelo amante, e isso talvez possa justificar a magnitude com que descreve as sensações, sentimentos e atos.

Nesta direção, é importante perguntar qual seria o seu o desejo em lembrar ao outro, em detalhes, tudo aquilo que ele também viveu? Para analisar esta questão, gostaria de sugerir uma possível interpretação, para terminar, inspirado naquilo que Gilles Deleuze e Félix Guattari, analisando a correspondência de Kafka, denominaram como “vampirismo das cartas”. Segundo eles:

Drácula, o vegetariano, o jejuador que suga o sangue dos humanos carnívoros, tem seu castelo não muito longe. Há algo de Drácula em Kafka, um Drácula por cartas (...). Kafka-Drácula tem sua linha de fuga em seu quarto, em seu leito, e sua fonte longínqua no que as cartas vão lhe trazer (...) As cartas devem lhe trazer sangue (...).³²²

Talvez o vampirismo da correspondência de Laila resida em sua urgência pelo amante. Ela afirma que deseja mais do que tudo experimentar novamente o seu gosto e provar de novo o sabor de sua boca. Desta forma, não seria esse o objetivo de sua carta? Trazer-lhe a boca, as pernas, as mãos, o rosto, o olhar do amante? Portanto, possivelmente porque a carta é “cheia dessa impossibilidade de vir”³²³ [do amante] é que Laila sentiu uma enorme necessidade de escrever. Uma necessidade vampiresca e insana de ter o amante tocando-lhe o corpo, como registrou em sua correspondência. Neste sentido, é sugestivo dizer que seria o fluxo da escrita, ou seja, o ato de se colocar a escrever, fazendo a memória insurgir contra ela mesma quem, para ela, aliviaria a distância. Como explicam Deleuze e Guattari, as cartas de amor são sempre assim, ora assumem um tom de reclamação, ora de aprovação e saudade. Nela, os sentimentos se misturam objetivando envolver o amado nesta “teia de aranha”³²⁴ que são as cartas. De acordo com eles:

as cartas de amor podem ser atraentes, repulsivas, de reprovação, de compromisso, de proposta, sem que isso mude nada em sua natureza; elas fazem parte de um pacto com o

³²² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 59.

³²³ Idem, p. 61.

³²⁴ “As cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha”. In: DELEUZE; GUATTARI. *Op. Cit.*, p. 59.

diabo, que conjuntura o contrato com deus, com a família ou com o ser amado.³²⁵

Para Laila, assim como também para muitas outras “mariposas”, como Antônia, por exemplo, entregar-se submissamente ao outro talvez tenha sido aquilo que permitisse polir as arestas dos corpos, a fim de que as diferentes silhuetas se perdessem para que no horizonte deleitoso do gozo brilhasse apenas um só corpo, sussurrando em meio aos fluxos de prazer, como tentaram mostrar romanticamente essas mulheres. Nas narrativas prazerosas e eróticas que construíram não teriam possivelmente sonhado com a eternidade, já que como escreveu Hilda Hilst, “o desejo é Eternidade”³²⁶? Talvez o sonho tenha sido uma importante ferramenta pela qual essas mulheres puderam expressar todos os seus ressentimentos, mágoas e incômodos diante de uma realidade tão turbulenta e violenta, como foi a campanha de moralização.

³²⁵ Ibidem, p. 65.

³²⁶ HILST, Hilda. *Op. Cit.*

Conclusão

*‘Foi um Susto na Cidade’*³²⁷

A liberdade das ruas de que tanto falam minhas colegas me inspirou a pensar sobre o lado não-romântico das zonas de prostituição. Sobre o seu lado perverso e estigmatizante. Rever conceitos é sempre muito bom. As prostitutas da geração atual estão me ajudando a revê-los. Penso hoje que a história não é romântica. Reviver a história é bobagem. Fazemos história todos os dias. O lindo da história é perceber que o passado é hoje e que a cada dia construímos nossa quase inalcançável liberdade.

Gabriela Leite, “**Liberdade nas ruas**”³²⁸

Para além de todo o romantismo e ressentimento, as cartas analisadas neste trabalho expressam um latente incômodo, por parte das “mariposas”, em relação aos diferentes saberes e discursos impostos pela campanha de moralização, que emerge em Pouso Alegre no ano de 1969, como vimos. Por meio desses documentos foi possível perceber essas mulheres, com suas contradições, lutando não apenas contra o fechamento da zona, objetivo principal da campanha, mas também questionando, em muitos momentos, a moral sexual vigente e os diferentes estigmas lançados sobre elas. Nessa direção, a presença do “*nós*” tornou-se uma constante nas correspondências. Lendo as cartas, foi possível perceber como a força da amizade foi tratada como aquilo que fortaleceria a luta. Nesses momentos, pelo que escreveram, elas passavam por cima de seus sentimentos individuais para lutarem em nome do coletivo, unindo forças e construindo elos, como vimos no episódio da vinda do bispo e em tantos outros narrados ao longo da dissertação.

Menos do que fazer um balanço de tudo o que foi discutido nesse trabalho, gostaria de tratar, nas páginas que se seguem, das lutas travadas no país contra os

³²⁷ LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 76.

³²⁸ LEITE, Gabriela. “Liberdade nas ruas”. In: *Jornal Beijo da rua*. Março de 2004. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br/>. Acesso em 23/05/2015.

mais diferentes tipos de violência sofridos pelas prostitutas nas últimas décadas. Essas lutas, como veremos, começaram a ganhar força pouco tempo depois da emergência da campanha de moralização em Pouso Alegre, no final da década de 1960. Portanto, se a campanha emergiu na cidade nos anos da Ditadura Militar, instalada a partir do Golpe militar de 1964, foi ainda no contexto desse período turbulento e sombrio da história do Brasil, que todo o incômodo e revolta contra a discriminação, a violência e a estigmatização das prostitutas transbordaram e puderam contar com a atuação combativa e libertária da socióloga e prostituta Gabriela Silva Leite. Sendo assim, para falar sobre esse assunto recorro aqui as duas autobiografias escritas por ela, pois são de extrema importância para o entendimento desse período, já que, nos livros de história dos movimentos sociais no Brasil, as lutas das prostitutas encontram-se ausentes e apenas se tornam conhecidas em décadas mais recentes.

Gabriela nasceu em 1951, em São Paulo, no interior de uma família de classe média. Na adolescência, ingressou no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, abandonando-o pouco tempo depois. Na primeira autobiografia que escreve, intitulada *Eu, mulher da vida*, publicada em 1992, assim analisa esse período de sua vida:

Era época de efervescência da revolução sexual, da paz e amor dos *hippes*. Eu me sentia no olho no furacão, onde não acontece nada. Fui procurando minha turma, cheguei a entrar na onda *hippie* e vivi todas as contradições daquela época de fins da década de sessenta e começo de setenta. Espaçonaves e guerrilhas, cardinales bonitas e carnudas sorrindo nas bancas de jornais, o mundo pegando fogo e generais sisudos e autoritários, cheirando a naftalina, na TV para todo o Brasil. Na faculdade eu descambei: era um período em que as pessoas estavam se organizando nas mais diversas tendências políticas. Me liguei na turminha da porra-louquice: sexo, drogas e *rock 'n' roll*. Descambei legal.³²⁹

Percebendo as contradições existentes nos discursos dos diversos grupos de pessoas com quem convivia na vida agitada da cidade de São Paulo, na década de setenta, Gabriela opta por fazer sua própria “revolução sexual”. Foi neste contexto que resolve entrar para o universo da prostituição. Como explica Margareth Rago,

³²⁹ LEITE, Gabriela. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 33.

em sua análise sobre a trajetória de vida dessa mulher: “tendo feito a sua ‘revolução sexual’, decide abandonar os estudos e buscar novos caminhos num mundo que lhe parecia mais fácil, aconchegante e sensual, ao contrário do que geralmente se imagina quando o tema é prostituição”³³⁰.

Não se trata de analisar em detalhes a vida de Gabriela Leite, buscando pelos pormenores de sua existência. Pelo contrário, procuro destacar como, num período no qual as torturas e ataques à vida eram comuns no Brasil, naqueles anos de regime militar, as prostitutas começaram a se organizar contra a onda de violência e discriminação que sofriam, fazendo explodir todas as suas revoltas e incômodos. Como nos mostra Gabriela, isso ocorreu já no final da década de setenta, quando as prostitutas, incomodadas diante do clima de repressão e medo, organizaram uma manifestação no centro da cidade de São Paulo, denunciando as atrocidades pelas quais estavam sendo vítimas³³¹. Observar esse momento de luta dessas mulheres é de extrema importância, pois foi ele que criou as condições de possibilidade para a emergência do movimento organizado das prostitutas, que nasce anos depois, no final da década de oitenta.

O ano era 1979. Assim que assumiu a delegacia da região das Bocas do Lixo e do Luxo, em São Paulo, o delegado Wilson Richetti proibiu as prostitutas e os travestis de circularem pelas ruas da região central da cidade. A esse respeito, Gabriela conta que diante da repressão do delegado, as prostitutas foram obrigadas a ficarem presas dentro dos prédios, não podendo sair às ruas depois das dez da noite. Aquelas que se arriscassem, eram presas e levadas para a delegacia, onde apanhavam e sofriam inúmeras torturas. Em *Filha, mãe, avó e puta*, segunda autobiografia que escreve e lança em 2009, ela registra toda a tensão vivida no conflito em São Paulo:

Durante o dia a situação também estava muito complicada. Os policiais entravam nos prédios, exigiam documentos dos clientes e baixavam a porrada sem nenhum motivo. Isso gerou uma crise. Que homem entraria num prédio de prostituição com dois carros de polícia parados na porta? A situação foi se agravando, todo dia eles enchiam um camburão de gente. Tiravam o dinheiro das mulheres e dos travestis e depois

³³⁰ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014, p. 114-115.

³³¹ LEITE, Gabriela. *Op. Cit.*

batiam muito nelas. As meninas entravam no camburão e quando apareciam de volta estavam em estado lastimável.³³²

Se Gabriela consegue escapar, como explica Rago, das perseguições policiais contra os militantes de esquerda, na prostituição, ela teria de enfrentar outras faces da violência policial, “num país sob o comando dos militares”³³³. Ao deparar-se com todo o preconceito, vendo seus companheiros desaparecerem, ou sofrendo das mais terríveis violências, entre quedar-se, a fim de preservar a própria vida, Gabriela se une as outras prostitutas para denunciarem as atrocidades que elas e outros grupos marginalizados sofriam. Para isso, “decidimos fazer uma manifestação na Praça da Sé. Nos organizamos por áreas, cada um ficou responsável por avisar uma turma”³³⁴. Segundo conta, coube a ela a confecção de um folheto denunciando o desaparecimento de suas colegas: “Então, fizemos milhares de cópias em mimeógrafo e distribuímos maciçamente”³³⁵. Com o apoio de suas colegas, Gabriela conta que os jornais, dentre eles a *Folha de São Paulo*, foram avisados e convidados a comparecerem. Com a forte sensação de dever cumprido, assim ela relembra o dia do episódio:

Chegou o grande dia. É claro que a polícia já estava sabendo de tudo. Mas a manifestação foi um sucesso, os jornais todos compareceram numa brilhante atuação dos nossos assessores de imprensa improvisados. Centenas e centenas de pessoas na Praça da Sé. **Foi um susto na cidade.** E a repressão foi ainda mais braba, a polícia imediatamente mandou fechar os prédios. Mas a imprensa e os artistas, que, apesar da vizinhança, nunca haviam se aproximado, se tornaram nossos maiores aliados.³³⁶

Ao desafiarem as atrocidades do regime militar, denunciando e cobrando as mortes de seus colegas, tanto Gabriela quanto as outras prostitutas escancararam, naquele momento, a coragem e a valentia em seus corpos. É neste sentido que podemos situar sua afirmação, ao resumir em poucas palavras, no trecho acima, as consequências da manifestação: “foi um susto na cidade”. Ora, se levarmos em

³³² LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 74.

³³³ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Op. Cit., p. 115.

³³⁴ LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta*. Op. Cit., p. 75.

³³⁵ Idem.

³³⁶ Ibidem, p. 76.

consideração o contexto político do país, uma manifestação partindo da iniciativa das prostitutas e travestis era, no mínimo, impensável para a época. Isso porque, como explicou Margareth Rago, imperava no imaginário do período a ideia de que a prostituta era um ser irracional, incapaz de articular um pensamento sério e menos ainda de propor qualquer tipo de ação política, portanto, incapaz de uma atitude como essa.³³⁷ Certamente, a voz dessas mulheres, que segundo o discurso médico e criminológico recusavam a maternidade e a fortaleza do lar para se entregarem aos vícios e aos excessos do sexo, causaram um sentimento de extrema insegurança e medo, tanto no governo quanto nos policiais, que de acordo com Gabriela, aumentaram fortemente o nível da repressão, cercando e fechando os prédios.

O impacto e a surpresa diante da coragem das prostitutas em organizar uma manifestação de tamanha magnitude não atingiram somente os policiais. Tanto a imprensa quanto os artistas também ficaram impressionados com o que estavam vendo, e muito embora nunca tenham se aproximado, como enfatiza Gabriela Leite em tom de crítica, tornaram-se naquele momento seus principais aliados. Contar com o apoio desses grupos foi de extrema importância para as prostitutas, pois mesmo que a manifestação tenha sido um sucesso, o arrocho policial aumentava cada vez mais. Dar continuidade à ação tornou-se fundamental. Foi nesse momento que as prostitutas receberam o apoio da artista Ruth Escobar, figura expressiva pela combatividade na luta contra a ditadura nesses anos, que foi:

pessoalmente ao prédio fechado pela polícia nos oferecer o seu teatro, que levava o nome dela, no Bexiga, para uma plenária com a presença da imprensa. A nós cabia levar o máximo possível de vítimas para dar depoimento ao público. E isso, ao menos, era fácil.³³⁸

Dando sequência à sua narrativa, Gabriela registra que:

Aceitamos imediatamente a ideia da plenária. **Foi um momento incrível.** Todo tipo de gente reunido contra a repressão. De novo, a repercussão foi imediata. Os policiais

³³⁷ Veja-se a respeito todas as obras desta autora, citadas ao longo deste trabalho.

³³⁸ LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta. Op. Cit.*, p. 76.

negavam, apesar das testemunhas e de as meninas não terem reaparecido.³³⁹

As prostitutas, bem como os travestis e outros grupos que também participaram da passeata e da plenária, haviam feito barulho demais para que tudo permanecesse como antes. No contexto deste episódio, diante da repercussão gerada conseguiram, segundo Gabriela, fazer com que o delegado fosse afastado do cargo. Assim ela encerra sua narração do episódio:

Muitos anos depois, todo mundo via esse ex-delegado bebendo uísque até ficar muito bêbado num bar exatamente no ponto das travestis. Houve uma madrugada em que elas se juntaram e deram uma surra nele. Deixaram-no jogado no meio-fio e desde então nunca mais se ouviu falar nesse homem. Assim a vida voltou ao normal, no que tinha de bom e de ruim.³⁴⁰

Gostaria de chamar atenção para a seguinte questão. Se as “mariposas” de Pouso Alegre, no final da década de 1960, começaram a lutar contra o fechamento da zona central, lançando mão de estratégias de resistência que mesclavam revolta, decepções amorosas, ressentimentos e outras questões individuais, como tentei mostrar a partir da leitura de suas correspondências, num espaço temporal relativamente curto, de aproximadamente dez anos, a situação se alterou profundamente. Isso porque, na década de 70, o clima era de efervescência política e agitação social. Com a vibrante insatisfação de inúmeros setores sociais, como operários, sindicalistas, estudantes, mulheres, negros, gays, inclusive as prostitutas e travestis, a questão sexual ganhou destaque³⁴¹, e foi, nesse contexto, que as prostitutas ganharam a cena radicalizando o combate contra a discriminação, naquele ano de 1979, como nos conta Gabriela Leite.

Ao discorrer sobre a atitude de suas colegas, que retornaram ao silêncio após a manifestação, preferindo novamente se calarem, afirma que com ela o sentimento foi o inverso. Ao contrário de calar-se, sentiu-se motivada a organizar um movimento mais articulado que desse maior respaldo à luta das prostitutas. Ora, aquelas mulheres na rua, unidas em nome da mesma causa e gritando pelos mesmos

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ ALVAREZ, Sonia. “Politizando as relações de gênero, engendrando a democracia.” In: STEPAN, Alfred (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 329.

direitos, deram sinais suficientes de que era possível unir forças na elaboração de um movimento próprio. A esse respeito, Gabriela registra:

No auge da excitação com a passeata, algumas perguntas brotaram na minha cabeça: Por que nós não nos organizamos de uma maneira mais permanente? Por que a gente não se organiza contra a violência policial? Comecei a ver nisso um trabalho político seríssimo, concreto, que faz parte do dia-a-dia da prostituição.³⁴²

Como explicou Rago, nascia neste momento o sonho de organizar um movimento nacional das prostitutas, o que veio a se concretizar oito anos depois, no final da década de 1980. Embora Gabriela Leite, com sua ativa militância, tenha tido um expressivo papel na fundação do movimento, é importante sublinhar que este só se tornou possível mediante a união de várias mulheres que, ao brigarem pelos mesmos objetivos, lançaram as bases para a sua emergência.

Além disso, é interessante, também, considerar a conjuntura política do país, para que se possa situar historicamente a criação do movimento. O Brasil vivia seu processo de redemocratização política, um momento em que muitos grupos de esquerda haviam se colocado em cena³⁴³. Afinal, desde a segunda metade da década de 1970, os movimentos sociais já reconquistavam a esfera pública do país, que presenciava a pulsante emergência, dentre outros, dos movimentos estudantil, operário, sindical, feminista³⁴⁴, negro³⁴⁵ e gay³⁴⁶.

O movimento feminista nos interessa aqui mais de perto, já que foi de grande inspiração para o movimento organizado das prostitutas, afinal, estas também são, antes de tudo, mulheres. Como mostrou Sonia Alvarez, as mulheres tiveram um

³⁴² LEITE, Gabriela. *Eu, mulher da vida*. Op. Cit., p. 86.

³⁴³ Lembremos que o Partido dos Trabalhadores – o PT – foi criado em 1980. A este respeito ver: RIDENTI, Marcelo. “As oposições à ditadura: resistência e integração”. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aragão; RIDENTI, Marcelo. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

³⁴⁴ A este respeito cf: ALVAREZ, Sonia. Op. Cit.; RAGO, Margareth. “O feminismo no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global”. In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 3/4, 2003; COSTA, Ana Alice Alcântara. “O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar”. In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 15, 2009; SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice Alcântara. “Feminismos no Brasil: enunciando e canalizando demandas das mulheres em sua diversidade”. In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 20, 2012.

³⁴⁵ A este respeito cf: SANTOS, Joel Rufino. “O movimento negro e a crise brasileira”. In: *Política e Administração*. Rio de Janeiro: Fundação Escola de Serviço Público, v. 2, jul-set 1985, p. 285-308.

³⁴⁶ Cf: FACCHINI, Regina. “Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*. Vol. 10, nº18/19, 2003.

importante papel no processo de transição para a democracia no Brasil³⁴⁷, e foi, neste contexto, que o feminismo emerge como parte de um amplo movimento que procurava articular as lutas contra os diferentes tipos de opressão das mulheres na sociedade com a batalha pela redemocratização do País³⁴⁸. Neste ínterim, as feministas “questionavam radicalmente as relações de poder entre os gêneros, que se estabeleciam no interior dos grupos políticos de esquerda e lutavam para impedir que a dominação machista fosse diluída ou subsumida pelo discurso tradicional da Revolução”³⁴⁹. Segundo Rago, no começo da década de oitenta, vários grupos feministas já haviam sido criados no Brasil, como por exemplo, a **União de Mulheres**³⁵⁰ (São Paulo), em 1981, além de outros como o **Coletivo Feminista** (Rio de Janeiro) e **SOS Corpo** (Recife), também fundado em 1981.³⁵¹ Além desses grupos, é válido lembrar que primeira delegacia especializada da mulher foi criada também nesse período, em 1985, em São Paulo.³⁵²

É importante, aqui, sublinhar que escapa aos objetivos deste trabalho analisar em detalhes todos os caminhos percorridos dessas movimentações sociais, e todas as lutas que precisaram ser travadas para que o movimento das prostitutas se tornasse realidade. O fato é que os avanços foram muitos. Se o I Encontro Nacional de Prostitutas ocorreu em 1987, reunindo uma grande quantidade de pessoas na cidade do Rio de Janeiro³⁵³, cinco anos depois, em 1992, “ao lado da prostituta Doroth e do jornalista e militante político Flávio Lenz”³⁵⁴ e com o apoio de inúmeras outras putas e militantes, Gabriela fundava a ONG Davida, no Rio de Janeiro, que luta e batalha, dentre outros objetivos, pela regulamentação da profissão no país. Além disso, o desejo de construir um espaço onde as prostitutas pudessem falar sobre aquilo que pensam, ganhou concretude com a criação do jornal *Beijo da rua*, fundado em 1988, que traz, além de artigos das prostitutas falando delas mesmas,

³⁴⁷ ALVAREZ, Sonia. *Op. Cit.*, p. 316.

³⁴⁸ SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice Alcântara. *Op. Cit.*, p. 4.

³⁴⁹ RAGO, Margareth. “O feminismo no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global”. *Op. Cit.*, p. 4.

³⁵⁰ Para maiores informações ver: OLIVEIRA, Julia. *União de mulheres de São Paulo: feminismo, violência de gênero e subjetividades*. Dissertação de Mestrado, IFCH-UNICAMP, 2013.

³⁵¹ RAGO, Margareth. “O feminismo no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global”. *Op. Cit.*, p. 5.

³⁵² Sobre a invenção das delegacias especializadas ver MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo em movimento*. São Paulo: Francis, 2010, especialmente o primeiro capítulo.

³⁵³ LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta*. *Op. Cit.*

³⁵⁴ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 174.

informações variadas sobre o universo da prostituição em diferentes regiões do Brasil.³⁵⁵ Na primeira edição do jornal, Gabriela escreve:

(...) eu imaginava o movimento de prostitutas tendo um jornal, onde se pudessem discutir todas as questões que dizem respeito a nossa amada-maldita-marginália (...). Como um dia mostrei o meu rosto de prostituta, e todos os que viram ficaram chocados pois perceberam que não era diferente do de outras mulheres, o meu sonho é ver outras e muitas outras prostitutas mostrarem também o seu, para a angústia de nossos moralistas, assumidos ou não.³⁵⁶

Obviamente, nem tudo ocorreu de forma tranquila na história do movimento. Foram muitos desencontros e divergências de opiniões pelo caminho. Todavia, se as barreiras foram muitas, se houve pedras difíceis de serem transpostas, Gabriela enfrentou-as bravamente, resistindo e posicionando-se ativamente. Uma dessas divergências, como destaca Rago, ocorreu com as feministas do movimento organizado.³⁵⁷ Como explica esta autora, na medida em que Gabriela se dizia feminista, já que lutava pelo direito das mulheres pobres, atuando contra o abandono social sofrido pelas prostitutas, “várias ativistas se indignam com a definição” que ela “faz de si mesma como prostituta e feminista, afirmando a total incompatibilidade dos termos, já que, como argumentam, a prostituta não se importa em ser usada como objeto sexual, enquanto o feminismo luta exatamente contra essa transformação da mulher em mercadoria”³⁵⁸.

Para além das divergências, é inevitável dizer que o movimento teve e ainda tem uma importância capital para as prostitutas, na medida em que não apenas luta pela regulamentação da prostituição, a fim de fazer com que seja reconhecida pelo Estado como uma profissão, como também auxilia no enfrentamento contra os estigmas que ainda hoje perduram.

Com a força e a potência adquiridas, o movimento possibilitou o surgimento de inúmeras associações de prostitutas, de norte a sul do país, formando a Rede Brasileira de Prostitutas³⁵⁹: **Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde** (Rio de

³⁵⁵ A partir de 2004, o *Beijo da rua* ganhou uma versão digital, podendo ser acessado no seguinte endereço: www.beijodaru.com.br.

³⁵⁶ “Coluna da Gabi”. In: *Jornal Beijo da rua*. Rio de Janeiro, nº 0, dezembro, 1988, p. 2.

³⁵⁷ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 173.

³⁵⁸ Idem..

³⁵⁹ <http://www.redeprostitutas.org.br>.

Janeiro), **Vitória Regia – Associação de Profissionais do Sexo** (Ribeirão Preto – SP), **NEP – Núcleo de Estudos da Prostituição** (Porto Alegre – RS), **Mulheres Guerreiras** (Campinas – SP), **Dassc – Dignidade, Ação, Saúde, Sexualidade e Cidadania** (Corumbá – MS), **Gempac – Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará** (Belém – PA), **Aprosba – Associação de Prostitutas da Bahia** (Salvador – BA), **Aprosmig – Associação de Prostitutas de Minas Gerais** (Belo Horizonte – MG), dentre outras.³⁶⁰

Dentre essas associações, destaco, a título de exemplo, a Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG)³⁶¹, criada em 2009, pela prostituta Cida Vieira. Recentemente, a Associação ganhou destaque na mídia por conta do acordo, pioneiro no Brasil, feito com a Caixa Econômica Federal, por meio do qual as prostitutas associadas ganharam o direito a ter uma máquina de cartão de crédito, possibilitando aos clientes uma nova forma de pagamento. Com o lema “*goze agora e pague depois*”, a APROSMIG tem realizado inúmeros esforços para garantir às suas associadas o maior respaldo possível contra as violências e discriminações cotidianas, cobrando do Estado maior proteção, respaldo social e respeito absoluto às prostitutas.³⁶²

De 1969, quando emerge em Pouso Alegre a campanha de moralização, até hoje, os avanços foram e continuam sendo constantes. É claro que ainda existem muitas permanências no que se refere ao imaginário social sobre a prostituição. Contudo, hoje ela assumiu novos contornos e cada vez mais as prostitutas ganham as ruas e invadem as mídias sociais, não apenas falando sobre direitos como também criando páginas onde postam suas fotos e descrições dos serviços sexuais que prestam.

O dia 2 de junho é considerado pelo movimento organizado como o Dia internacional da prostituta. A data foi escolhida em homenagem às 150 prostitutas que no dia 02 de junho de 1975, ocuparam a Igreja de Saint-Nizier, em Lyon, na França, protestando contra multas, agressões e assassinatos cometidos em nome de uma “guerra contra o rufianismo”.³⁶³ Neste dia, no Brasil, desde 2012, é realizado

³⁶⁰ Para maiores informações a respeito cf: <http://www.redeprostitutas.org.br/>, <http://www.davida.org.br/index.swf>.

³⁶¹ Ver: <http://aprosmig.zip.net/>.

³⁶² Cf: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/11/prostitutas-passam-aceitar-cartoes-para-pagamento-de-programa-em-mg.html>. Acesso em 22/05/2015. Ver também o site da Associação: <http://aprosmig.zip.net/>.

³⁶³ Ver: <http://www.davida.org.br/index.swf>. Acesso em 31/05/2015.

o **Putá Dei**³⁶⁴, um dia de festa, de transas políticas e culturais, no qual se promovem desfiles, seminários de discussões sobre a importância da regulamentação da profissão, dentre outros tantos serviços que acontecem sob um forte clima de descontração e alegria, em que os afetos vibram em ondas de sensualidade e performances corporais que gritam pelo fim total da discriminação.

Diante dessa nova configuração, é extremamente complicado construir qualquer tipo de análise. Isso porque, onde talvez possamos enxergar novas redes de captura, as prostitutas entendem como sendo conquistas de direitos pelos quais tanto lutaram e ainda lutam. Sendo assim, para terminar, gostaria de retomar a questão levantada por Margareth Rago, que é extremamente importante para pensarmos o contexto atual da prostituição. Assim questiona essa autora, tomando todos os cuidados contra qualquer tipo de generalização: “onde ficam o tesão e o erotismo, quando o sexo se torna uma profissão como outra qualquer”³⁶⁵?

³⁶⁴ O Putá Dei foi criado nesse ano pela GEMPAC – Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará.

³⁶⁵ RAGO, Margareth. “A prostituição ontem e hoje”. In: GRILLO, JOSÉ Geraldo Costa; GARRAFFONI, Renata; FUNARI, Pedro Paulo. (Orgs.). *Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Anablume, 2011. p. 218.

Fontes

- Memórias escritas sobre Pouso Alegre

- . GOUVÊA, Octavio. *A História de Pouso Alegre*. Pouso Alegre. Graficenter, 1998.
- . REIS, Moacyr. *Memórias de um bom malandro*. Pouso Alegre: Graficenter, 1993.

- Fontes impressas

- . *Revista Machete*. Pouso Alegre – 1977.
- . *Revista Pouso Alegre, 150 anos*. s.n. Pouso Alegre, 1998.
- . *A Gazeta de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Década de 1960 e seguintes.
- . *A folha de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Década de 1960 e seguintes.

- Fontes oficiais (Atas da Câmara Municipal, abaixo-assinados e projetos de Lei)

- . *Atas da Câmara Municipal*. Pouso Alegre, 22 de maio de 1972 a 29 de março de 1974. Museu Histórico Tuany Toledo / Câmara Municipal de Pouso Alegre, tomo 121.
- . *Atas da Câmara Municipal*. Pouso Alegre, 9 de dezembro de 1975 a 28 de março de 1977. Museu Histórico Tuany Toledo / Câmara Municipal de Pouso Alegre, tomo 123.
- . *Atas da Câmara Municipal*. Pouso Alegre, 04 de abril de 1977 a 17 de abril de 1978. Museu Histórico Tuany Toledo / Câmara Municipal de Pouso Alegre, tomo 124.
- . *Abaixo assinado* encaminhado ao Sr. Dr. Jésus Pires: Autoridade sanitária de Pouso Alegre. Pouso Alegre, 1/11/1969.
- . *Projeto de Lei* n. 1.704, de 03 de julho de 1972. Dispõe sobre o fechamento da zona do meretrício. Câmara Municipal de Pouso Alegre. 12 p.

- Cartas e diários

- . *Cartas e diários* escritos pelas prostitutas entre os anos de 1971 a 1972.

Bibliografia

- . ADLER, Laure. *Segredos de alcova: história do casal, 1850-1930*. Portugal: Terramar, 1983.
- . AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010.
- . _____. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- . ALBUQUERQUE, Durval. *História: A arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007.
- . ALVAREZ, Sonia. "Politizando as relações de gênero, engendrando a democracia." In: STEPAN, Alfred (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- . ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- . ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- . ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.) *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- . ASSIS, Eduardo. *A cidade e o mal necessário*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2005.
- . BASSANEZI, Carla. "Mulheres dos Anos Dourados". In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- . BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.
- . BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- . BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Recife : Bagaço, 2010.
- . _____. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- . BENATTI, Antônio Paulo. *O centro e as margens. Boemia e prostituição na "capital mundial do café"(Londrina: 1930-1970)*. Dissertação de mestrado, UFPR, 1996.
- . BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- . BREFE, Ana Claudia Fonseca. *A cidade inventada: a paulicéia construída nos relatos memorialistas (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado: IFCH-UNICAMP, 1993.

- . BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- . CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- . CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- . _____. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- . CORBIN, Alain ; COURTINE, Jean-Jacques ; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História da virilidade*. 3 Vols. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- . _____. *História do corpo*. 3 Vols. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- . _____. *Les filles de nocte. Misère sexuelle et prostitution à Paris, au XIX^{ème} siècle*. Paris: Flammarion, 1978.
- . COURTINE, Jean-Jacques. "O Chapéu de Clémentis". In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- . COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- . COSTA, Ana Alice Alcântara. "O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar". In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 15, 2009.
- . COUTO, Varlei. "Nas dramaturgias do prazer: a escrita de si como estratégia política". In: MAIA, Claudia; PUGA, Vera. (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2015.
- . _____. *De mal necessário a problema da cidade: a formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre-MG (1969-1989)*. TCC em História social. UNIVÁS-Pouso Alegre, 2011.
- . _____. SPINDOLA, Elisabete. "Artes de fazer, artes do prazer: sociabilidade e prostituição feminina em Pouso Alegre". In: *Anais do I Simpósio de Espaço, Sociabilidade e Ensino*. Pouso Alegre, 2011, pp. 286-295.
- . DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- . DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- . _____. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- . _____. PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- . _____. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs I*. São Paulo: Editora. 34, 1995.

- . _____. *Mil Platôs V*. São Paulo: Editora. 34, 2007.
- . DeNIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- . DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- . ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- . FACCHINI, Regina. "Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico". In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*. Vol. 10, nº18/19, 2003.
- . FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- . FILHO. José Moura Gonçalves. "Humilhação social. Um problema político em psicologia". In: *Psicologia USP*, v. 9, nº 2. São Paulo, 1998.
- . FOUCAULT, Michel. "Michel Foucault, uma entrevista: Sexo, poder e a política da identidade". In: *Ditos & Escritos IX. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- . _____. *O corpo utópico. As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- . _____. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- . _____. "Nietzsche, a genealogia e a história". In: MACHADO, Roberto. (Org.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2011.
- . _____. "Não ao sexo rei". In: MACHADO, Roberto. (Org.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2011.
- . _____. "O olho do poder". In: MACHADO, Roberto. (Org.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2011.
- . _____. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- . _____. "Mesa redonda em 20 de Maio de 1978". In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- . _____. "A escrita de si". In: *Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- . _____. "O retorno da moral". In: *Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

- . _____. "A vida dos homens infames". In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- . _____. "Conversação com Michel Foucault". In: *Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- . _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- . _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- . _____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- . GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- . _____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- . GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- . GIDDENS, Anthony. *A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- . GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira; *A construção poética da cidade: representações de São Paulo na literatura de Oswald de Andrade, 1900-1930*. Dissertação de Mestrado: IFCH-UNICAMP, 1997.
- . HARA, Tony. *Ensaio sobre a singularidade*. São Paulo: Intermeios; Londrina: Kan Editora, 2012.
- . HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- . _____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: 2011.
- . HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2004.
- . _____. *Obra poética reunida*. Disponível em: <http://www.filoczar.com.br/filosoficos/livros%20sabotagem/Poesia%20Completa%20%20Hilda%20Hilst.pdf>.
- . _____. "Prelúdios-intensos para os desmemoriados do amor". Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/cpweb0022.servidorwebfacil.com/obras.php?categoria=4&id=67>.
- . IONTA, Marilda. *As cores da amizade: Cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2007.

- . ISHIMURA, Juliano. *A Praça João Pinheiro: cidade, memórias e viver urbano. Pouso Alegre, 1941-1969*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2008.
- . JENKINS, Keith. *A historiografia refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina*. São Paulo: Contexto, 2014.
- . _____. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2011.
- . LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- . LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- . _____. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- . LEME, Edson. *Noites Ilícitas. Histórias e memórias da prostituição*. Londrina: EDUEL, 2009.
- . LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- . _____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . _____. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . _____. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo em movimento*. São Paulo: Francis, 2010.
- . MAFFESOLI, Michel. *Homo Eroticus*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- . MAIA, Cláudia; PUGA, Vera. (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.
- . MORAES, Eliane. *Perversos, amantes e outros trágicos*. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- . MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- . NORA, Pierre. "Entre memória e história: A problemática dos lugares". In: *Revista Projeto História*. PUC-SP, nº 10, 1993.
- . OLIVAR, José. *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.
- . OLIVEIRA, Julia. *União de mulheres de São Paulo: feminismo, violência de gênero e subjetividades*. Dissertação de Mestrado, IFCH-UNICAMP, 2013.
- . PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre. *La Prostitution à Paris au XIX^{ème} Siècle*. Paris: Seuil, 1981.

- . PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- . PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- . PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora da fundação Perseu Abramo, 2008.
- . PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- . PERROT, Michelle. *As mulheres ou silêncios da história*. São Paulo: Edusc, 2005.
- . PIVA, Roberto. *Paranoia*. São Paulo: Instituto Moreira Salles e Jacarandá, 2000.
- . RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- . _____. *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- . _____. MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. (Orgs.). *Paisagens e tramas: o gênero entre a história e arte*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- . _____. “Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras?” In.: PEDRO, Joana.; ISAIA, Artur.; DITZEL, Carmencita. (Org.) *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.
- . _____. “A prostituição ontem e hoje”. In: GRILLO, JOSÉ Geraldo Costa; GARRAFFONI, Renata; FUNARI, Pedro Paulo. (Orgs.). *sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Anablume, 2011.
- . _____. “Os sentidos da prostituição na Modernidade Brasileira”. In: *Itinerarios. Anuario del CEEMI*, v. 3, p. 209-229, 2009.
- . _____. FUNARI, Pedro Paulo. (Orgs.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Anablume, 2008.
- . _____. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- . _____. “Amores lícitos e ilícitos na Modernidade Paulistana, ou No Bordel de Madame Pomméry”. In: *Teoria & Pesquisa*, v. 47, 2005.
- . _____. “O feminismo no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global”. In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 3/4, 2003.
- . _____. GIMENES, Renato (Orgs.) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000.

- ._____. “O efeito Foucault na Historiografia Brasileira”. In: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 3, nº 28, 1995.
- ._____. “O prazer no casamento”. In: *Revista Ideias*, v. 2, nº2, 1994.
- ._____. “Imagens da prostituição na Belle Epoque paulistana”. In: *Cadernos Pagu*, v. 1, nº1, 1993.
- ._____. “Prazer e sociabilidade no mundo da prostituição em São Paulo”. In: *Luso-Brazilian Review*, v. 30, nº11, 1993.
- ._____. “Doença e estigma: a prostituta na literatura dos Anos 20”. In: *Cadernos de história e saúde da casa de Oswaldo Cruz*, v. 1, nº2, 1992.
- ._____. “Prazer e perdição: a representação da cidade nos anos vinte”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 7, nº 13, 1987.
- . RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- . RIDENTI, Marcelo. “As oposições à ditadura: resistência e integração”. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aragão; RIDENTI, Marcelo. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- . ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- . SANT’ANNA, Affonso Romano. *O canibalismo amoroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- . SARDENBERG, Cecilia; COSTA, Ana Alice Alcântara. “Feminismos no Brasil: enunciando e canalizando demandas das mulheres em sua diversidade”. In: *Revista Labrys, estudos feministas*, nº 20, 2012.
- . SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S; MORAES, Aparecida Fonseca. (Orgs.). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- . VEYNE, Paul. *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da UnB, 2008.
- . WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo, Edusp, 2014.
- . WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.